



RELATÓRIO
ECONÔMICO
2019
E PERSPECTIVAS
2020



Federação da Agricultura
do Rio Grande do Sul

Palavra do Presidente

Há anos que nunca serão esquecidos, enquanto outros fazemos questão de lembrar. O ano de 2019, curiosamente, foi temperado compondo um pouco de cada elemento, sendo um ano difícil de esquecer e, ao mesmo tempo, vamos querer lembrá-lo. Imagine agora, caro leitor, que expectativas naturalmente se criam para 2020!

O ano de 2019 será um ano difícil de esquecer em razão das cicatrizes que ele deixará em milhares de produtores gaúchos atingidos por inclementes enchentes, impiedosamente iniciadas logo após a virada do ano, justamente quando nossas esperanças são renovadas. Produtores da Metade Sul tiveram seus sonhos inundados e, nos seus lugares, brotaram dívidas cujas soluções buscamos incansavelmente ao longo de todo o ano, ocupando boa parte da energia e atenção de nossa casa.

Por outro lado, o ano de 2019 será um ano que jamais vamos querer esquecer em razão do futuro que se descortina a partir das medidas nele iniciadas. O futuro que se apresenta é sem dúvidas muito melhor do que poderíamos imaginar, ainda mais tendo em conta o longo inverno de medidas econômicas pobres que geraram perdas para o Agronegócio e para o conjunto da economia. Neste ano aprovamos a Reforma da Previdência, que trará no médio e longo prazos alívios fiscais suficientes para nos afastarmos do caminho do abismo, o qual insanamente vínhamos percorrendo. Aprovamos a MP da Liberdade Econômica, que traz um frescor e uma vitória acachapante da livre iniciativa sobre o soterramento burocrático, o qual jamais nos acostumaríamos. Temos não uma, mas três propostas de reforma tributária que demonstram o apetite do brasileiro pelo conserto do nosso maior problema de funcionamento do motor da economia. Finalizamos o ano com a discussão em torno da MP do Agro que abre concorrência, moderniza e cria pontes entre os interesses dos produtores e dos investidores mundo a fora. Poderíamos falar da reforma administrativa e tantas outras iniciativas que não cabem nesse relatório, quanto menos nessa página.

Em razão disso convidamos para ler esse relatório que tens em mãos e que foi cuidadosamente preparado pela nossa Assessoria Econômica, pois nele encontrará o aprofundamento necessário para entender o país e suas próprias decisões.

Gedeão Pereira
Presidente do Sistema Farsul



**Vamos
juntos
para o seu
rebanho
crescer.**



SENAR
Rio Grande do Sul

**QUER MAIS
PRODUTIVIDADE?
SENAR-RS.COM.BR**

**Vamos juntos
pelo seu
crescimento.**

SUMÁRIO

1. BALANÇO DA AGROPECUÁRIA EM 2019 E PERSPECTIVAS PARA 2020	9
1.1 ANÁLISE DOS FUNDAMENTOS DA AGROPECUÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL	9
1.1.1 GRÃOS.....	9
1.1.2 PECUÁRIA DE CORTE.....	15
1.1.3 PECUÁRIA DE LEITE	17
1.2 ANÁLISE DA RENTABILIDADE DA AGROPECUÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL.....	19
1.2.1 Arroz	19
1.2.2 Milho	25
1.2.3 Soja	31
1.3 ANÁLISE DO CRÉDITO RURAL DO RIO GRANDE DO SUL.....	46
1.3.1 Análise do Custeio.....	48
1.3.2 Análise do Investimento	51
1.3.3 Análise da Comercialização	54
1.4 ANÁLISE E PERSPECTIVAS DA AGROPECUÁRIA MUNDIAL E BRASILEIRA	56
1.4.1 Arroz	56
1.4.2 Milho	61
1.4.3 Soja	65
1.4.4 Trigo.....	70
1.4.5 Pecuária de corte.....	75
1.4.6 Bovinocultura de leite.....	80
2. CONJUNTURA ECONÔMICA	85
2.1 ECONOMIA BRASILEIRA	85
2.1.1 ECONOMIA BRASILEIRA NO CONTEXTO MUNDIAL	85
2.1.2 ECONOMIA BRASILEIRA PELA ÓTICA DA OFERTA	87
2.1.2.1 Setor Agropecuário	87
2.1.2.3 Setor dos Serviços.....	90
2.1.3 ECONOMIA BRASILEIRA PELA ÓTICA DO DISPÊNDIO	91
2.1.3.1 Desempenho do Consumo das Famílias e do Governo.....	92
2.1.3.2 Desempenho dos Investimentos (via Formação Bruta de Capital Fixo).....	93
2.1.3.3 Desempenho do Comércio Exterior (via Exportações e Importações)	95
2.1.4 EXPECTATIVA PARA A INFLAÇÃO, JUROS E CÂMBIO	96
2.1.4.1 Inflação.....	96
2.1.4.3 Taxa de Câmbio	99
2.1.4.4 Movimentação de Empregos	101
2.2 ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL.....	103
2.2.1 DESEMPENHO DA AGROPECUÁRIA.....	103
2.2.2 DESEMPENHO DO SETOR INDUSTRIAL	104
2.2.4. PIB DO RIO GRANDE DO SUL.....	109
3. EXPEDIENTE	110

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução do valor bruto de produção dos grãos no Rio Grande do Sul, em mil reais.....	14
Gráfico 2 - Série de preços médios no RS recebidos pelo produtor, em R\$ por litro de leite.....	17
Gráfico 3 - Evolução Mensal do Custo Operacional Total do Arroz no RS, em R\$/ha	19
Gráfico 4 - Custo dos Fertilizantes para Arroz no RS, em R\$/ha	20
Gráfico 5 - Custo dos Herbicidas para Arroz no RS, em R\$/ha.....	21
Gráfico 6 - Custo dos Inseticidas do Arroz no RS, em R\$/ha.....	22
Gráfico 7 - Custo dos Fungicidas para Arroz no RS, em R\$/ha.....	22
Gráfico 8 - Preço Mensal do Arroz no Rio Grande do Sul, em R\$/50 kg	23
Gráfico 9 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta e Margem Bruta da safra 2020 do Arroz no RS, em R\$/ha	24
Gráfico 10 - Evolução Mensal do Custo Operacional Total do Milho no RS, em R\$/ha	25
Gráfico 11 - Custo dos Fertilizantes para Milho no RS, em R\$/ha.....	26
Gráfico 12 - Custo dos Herbicidas para Milho no RS, em R\$/ha	27
Gráfico 13 - Custo dos Fungicidas para Milho no RS, em R\$/ha	28
Gráfico 14 - Custo dos Inseticidas do Milho no RS, em R\$/ha.....	28
Gráfico 15 - Preço do Milho no RS, em R\$/sc 60kg	29
Gráfico 16 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta e Margem Bruta da safra 2020 do Milho no RS, em R\$/ha	30
Gráfico 17 - Evolução Mensal do Custo Operacional Total da Soja no RS, em R\$/ha.....	31
Gráfico 18 - Custo dos Fertilizantes para Soja no RS, em R\$/ha	32
Gráfico 19 - Custo dos Herbicidas para Soja no RS, em R\$/ha.....	33
Gráfico 20 - Custo dos Inseticidas para Soja, em R\$/ha	34
Gráfico 21 - Custo dos Fungicidas para Soja no RS, em R\$/ha.....	34
Gráfico 22 - Preço da Soja no RS, em R\$/sc 60kg	35
Gráfico 23 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta e Margem Bruta da safra 2020 da Soja no RS, em R\$/ha.....	36
Gráfico 24 - Evolução Mensal do Custo Operacional Total do Trigo no RS, em R\$/ha	37
Gráfico 25 - Custo dos Fertilizantes para Trigo no RS, em R\$/ha.....	38
Gráfico 26 - Custo dos Herbicidas para Trigo no RS, em R\$/ha	39
Gráfico 27 - Custo dos Inseticidas para Trigo no RS, em R\$/ha.....	39
Gráfico 28 - Custo dos Fungicidas para Trigo no RS, em R\$/ha	40
Gráfico 29 - Preço do Trigo no RS, em R\$/sc 60kg	41
Gráfico 30 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta e Margem Bruta da safra 2019 do Trigo no RS, em R\$/ha	42
Gráfico 31 - Evolução Mensal do Custo Operacional Total do Leite no RS, em R\$/ha	43
Gráfico 32 - Preço Médio Mensal Líquido do Leite no Rio Grande do Sul, em R\$ por litros.....	44
Gráfico 33 - Orçamentação da Pecuária de Leite em 2018 do Custo Operacional Total, Receita Bruta e Margem Bruta da Safra 2019 no RS (R\$/ha).....	44
Gráfico 34 - Comparativo do Crédito Rural Tomado pelos Produtores do RS entre janeiro e outubro de 2018 e 2019, em R\$ milhões.....	46
Gráfico 35 - Participação do Custeio, Investimento e Comercialização dentro da Carteira de Crédito Rural tomado no RS em 2018 e 2019, em percentual	48
Gráfico 36 - Participação dos Principais Grãos no Custeio da Carteira de Crédito Rural do Estado em 2019 (jan-out), em percentual.....	49

Gráfico 37 - Número de Contratos Tomados para os principais grãos do Estado entre janeiro e outubro de 2018 e 2019	50
Gráfico 38 - Total de Valores Tomados para Arroz, Milho, Soja e Trigo entre janeiro e outubro de 2018 e 2019, em R\$ milhões.....	51
Gráfico 39 - Produção e consumo mundiais de arroz beneficiado, em milhões de toneladas.....	56
Gráfico 40 - Comparação entre o estoque final do arroz beneficiado no mundo e na China e o preço internacional	57
Gráfico 41 - Preço do Indicador do Arroz Esalq/Senar-RS, em R\$/ 50kg	59
Gráfico 42 - Comparação entre produção e consumo mundiais de milho, em milhões de toneladas.....	61
Gráfico 43 - Comparação entre o estoque final mundial de milho e o preço internacional.....	63
Gráfico 44 - Preço do milho em Passo Fundo – RS, em R\$/ 60 kg	64
Gráfico 45 - Evolução das exportações e importações mundiais de soja, em milhões de toneladas.....	65
Gráfico 46 - Produção e consumo mundiais de soja, em milhões de toneladas.....	66
Gráfico 47 - Comparação entre os estoques finais mundiais de soja e o preço internacional.....	68
Gráfico 48 - Preço da soja em Rio Grande - RS, em R\$/ 60kg	70
Gráfico 49 - Oferta e demanda mundiais de trigo, em milhões de toneladas	71
Gráfico 50 - Comparação entre o estoque final mundial e o preço internacional.....	72
Gráfico 51 - Preço do trigo em Passo Fundo - RS, em R\$/ 60kg	75
Gráfico 52 - Exportações e importações mundiais de carne bovina, em milhões de toneladas.....	76
Gráfico 53 - Produção e consumo mundiais de carne bovina, em milhões de toneladas	77
Gráfico 54 - Preço do boi no Rio Grande do Sul, em R\$/kg carcaça	80
Gráfico 55 - Produção brasileira de leite adquirido, em mil litros	83
Gráfico 56 - Preço médio mensal do Leite no Rio Grande do Sul, em R\$/litros.....	84
Gráfico 57 - Comparativo da evolução do PIB do Brasil com grupos de Países Ricos, Emergentes e o Mundo, taxa anual (%)	85
Gráfico 58 - Comparativo da renda per capita PPP do Brasil e do mundo, em dólares constantes (base = 2011)	86
Gráfico 59 - PIB do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)	87
Gráfico 60 - PIB Agropecuário do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%).....	88
Gráfico 61 - PIB Industrial do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%).....	88
Gráfico 62 - Produção Física Industrial por seções e atividades industriais, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%).....	89
Gráfico 63 - PIB dos Serviços do Brasil, taxa acumulado em 4 trimestres (%)	90
Gráfico 64 - Volume de Serviços e de Vendas do Comércio do Brasil, taxa acumulada no ano (%).....	91
Gráfico 65 - Consumo das Famílias e do Governo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%).....	92
Gráfico 66 - Índice de Confiança do Consumidor no Brasil (ICC)	93
Gráfico 67 - Formação Bruta de Capital Fixo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%).....	94
Gráfico 68 - Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI).....	94
Gráfico 69 - Exportações e Importações Brasileiras, taxa acumulada em 4 trimestres (%)	95
Gráfico 70 - IPCA e Expectativa para 2020, taxa acumulada no ano (%)	96
Gráfico 71 - Comparação entre o Índice de Inflação dos Custos de Produção (IICP), Índice de Inflação dos Preços Recebidos (IIPR) com IPCA e IPCA Alimentos, taxa acumulada em 12 meses (Outubro %)	97
Gráfico 72 - Meta para Taxa Selic (%)	98
Gráfico 73 - Comparativo da média da taxa de câmbio com as médias dos períodos do plano real e de câmbio flutuante	99
Gráfico 74 - Movimentações do Emprego no Brasil, saldo acumulado em 12 meses.....	101

Gráfico 75 - Movimentações do Emprego no Brasil por setor, em saldo acumulado nos últimos 12 meses	102
Gráfico 76 - VAB Agropecuário do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 Trimestres (%)	103
Gráfico 77 - VAB da Indústria do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 trimestres (%).....	104
Gráfico 78 - Produção Física Industrial do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%).....	105
Gráfico 79 - Comparação da Produção Física Industrial Total e Transformação entre o RS e o Brasil, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)	106
Gráfico 80 - VAB do Setor de Serviços do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 trimestres (%).....	107
Gráfico 81 - Comparação entre Brasil e RS do desempenho dos setores do comércio e serviços, em taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)	108
Gráfico 82 - Índice de volume de vendas no comércio varejista do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)	108
Gráfico 83 - Evolução do PIB do acumulado em 4 trimestres do Rio Grande do Sul.....	109

ÍNDICE DE TABELA

Tabela 1 - Área plantada de grãos no Rio Grande do Sul em 2018 e 2019, em hectares	10
Tabela 2 - Área plantada de grãos no Rio Grande do Sul em 2019 e projeção para 2020, em hectares...	11
Tabela 3 - Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2018 a 2019, em toneladas.....	12
Tabela 4 - Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2019 e projeção para 2020, em toneladas	13
Tabela 5 - Valor Bruto da Produção dos principais grãos do Rio Grande do Sul, em R\$ mil.....	14
Tabela 6 - Animais abatidos e Valor da Produção de Bovinos de Corte no RS	16
Tabela 7 - Leite Adquirido e Valor da Produção de Leite no RS	18
Tabela 8 - Total de Crédito Rural Tomado até outubro de 2019 no RS, em R\$ milhões.....	47
Tabela 9 - Crédito Rural Tomado para Custeio no RS entre janeiro e outubro de 2018 e 2019	49
Tabela 10 - Crédito Rural Tomado para Investimento entre janeiro e outubro de 2018 e 2019	52
Tabela 12 - Participação dos Principais Tipos de Produtos Dentro da Carteira de Investimento do Crédito Rural entre janeiro e outubro de 2018 e 2019.....	53
Tabela 13 - Crédito Rural Tomado para Comercialização entre janeiro e outubro de 2018 e 2019.....	54
Tabela 14 - Comparativo do Crédito Rural tomado para comercialização dos principais grãos do Rio Grande do Sul, entre 2018* e 2019*, em R\$ mil.....	55
Tabela 15 - Produção e consumo mundiais de arroz beneficiado por país, em milhões de toneladas	58
Tabela 16 - Fundamentos do mercado brasileiro de Arroz em casca, em milhões de toneladas	60
Tabela 17 - Produção e consumo mundiais de milho por país, em milhões de toneladas	62
Tabela 18 - Fundamentos do mercado brasileiro de milho, em milhões de toneladas	64
Tabela 19 - Produção e consumo mundiais de soja por país, em milhões de toneladas.....	67
Tabela 20 - Fundamentos do mercado brasileiro de soja, em milhões de toneladas.....	69
Tabela 21 - Produção e consumo de trigo por país, em milhões de toneladas.....	73
Tabela 22 - Fundamentos do mercado brasileiro de Trigo, em milhões de toneladas	74
Tabela 23 - Produção e consumo mundiais de carne bovina por país, em milhões de toneladas.....	78
Tabela 24 - Fundamentos do mercado brasileiro de carne bovina, em milhões de toneladas	79
Tabela 25 - Produção de leite por país, em milhões de toneladas	81
Tabela 26 - Consumo de leite por país, em milhões de toneladas	82
Tabela 27 - Resumo das projeções da assessoria econômica do Sistema Farsul.....	109

1. BALANÇO DA AGROPECUÁRIA EM 2019 E PERSPECTIVAS PARA 2020

Nesta primeira parte do *relatório*, detalhamos o desempenho da agropecuária ao longo deste ano e realizamos projeções para o ano de 2020. Para tanto, fomos muito além das questões físicas de área e produção e tratamos também da tomada de crédito, análises de mercado, custos de produção e rentabilidade das safras.

1.1 ANÁLISE DOS FUNDAMENTOS DA AGROPECUÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL

A safra de grãos 2019 foi 4,7% superior ao período anterior, porém, esse aumento de produção não se refletiu em faturamento elevado, uma vez que os preços mais baixos refletiram em VBP praticamente estável. Já na pecuária de corte, a alta dos preços, reflexo da abertura comercial do Brasil, permitiu maior faturamento em 2019. A projeção para 2020 é de safra recorde, a produção de grãos deverá atingir 35,4 milhões de toneladas. A expectativa é de preços valorizados, o que deverá resultar em elevado faturamento. A pecuária de corte também deve ter cenário positivo, sentindo ainda o reflexo da abertura comercial nos preços.

1.1.1 GRÃOS

Por Danielle Guimarães e Conrado Zanferari

ÁREA PLANTADA

A área plantada de grãos no Rio Grande do Sul expandiu 1,9% em 2019, representando um aumento de 167 mil hectares. A melhora dos preços da soja e do milho estimularam o aumento da área destinada ao plantio destes grãos em 2,4% e 8,2%, respectivamente. A baixa rentabilidade do arroz, cujos custos inflacionaram acima do preço, e o crescente endividamento dos produtores, desestimularam a produção, que resultou em retração de 8,1% da área plantada, indo na direção oposta das demais culturas de verão.

As áreas destinadas às culturas de inverno aumentaram 5,6% nesta safra. A maior parte deste aumento foi destinado ao plantio de Trigo, estimulado pelos maiores preços do grão no período de tomada de decisão de plantio dos produtores.

Tabela 1 - Área plantada de grãos no Rio Grande do Sul em 2018 e 2019, em hectares

PRODUTO	ÁREA PLANTADA		
	SAFRA 2018	SAFRA 2019	VARIAÇÃO (%)
AMENDOIM	2.485	2.087	-16,0
ARROZ	1.068.311	981.287	-8,1
AVEIA	284.826	293.217	2,9
CENTEIO	2.755	2.240	-18,7
CEVADA	41.811	48.287	15,5
FEIJÃO	59.340	62.135	4,7
GIRASSOL	2.667	2.396	-10,2
MILHO	706.160	763.906	8,2
SOJA	5.709.084	5.843.533	2,4
SORGO	4.825	4.103	-15,0
TRIGO	709.558	754.900	6,4
TRITICALE	2.198	2.656	20,8
TOTAL GRÃOS	8.594.020	8.760.747	1,9

Fonte: LSPA/ IBGE (Out/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Nossa estimativa era: No *Relatório Econômico 2018 e Perspectivas para 2019* havíamos projetado uma área plantada de grãos de 8.885.821 hectares para o ano de 2019. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE (LSPA/IBGE) apurou uma área de 8.760.747 hectares, ou seja, o erro da nossa projeção foi de apenas 1,4%. A diferença se deu porque, apesar de termos esperado uma queda significativa da área plantada de arroz para 999,5 mil hectares, fomos surpreendidos com uma queda ainda mais abrupta para 981,3 mil hectares apurados pelo IBGE. Entretanto, cabe ressaltar que a nossa projeção para arroz está alinhada com os resultados apurados pelo IRGA.

Para a safra 2020, a expectativa é de que o bom preço da soja estimule expansão da área plantada apesar das quedas no arroz. O milho deve manter sua área praticamente inalterada. No trigo, estima-se que o bom desempenho da safra 2019 estimule maiores áreas em 2020. Caso o cenário se confirme, teremos aumento de 0,9% da área plantada de grãos, sendo a soja a principal responsável por esse resultado, conforme mostra a tabela a seguir.

Tabela 2 - Área plantada de grãos no Rio Grande do Sul em 2019 e projeção para 2020, em hectares

PRODUTO	ÁREA PLANTADA		
	SAFRA 2019	SAFRA 2020*	VARIAÇÃO (%)
AMENDOIM	2.087	2.428	16,3
ARROZ	981.287	949.435	-3,2
AVEIA	293.217	277.290	-5,4
CENTEIO	2.240	2.302	2,8
CEVADA	48.287	51.228	6,1
FEIJÃO	62.135	63.256	1,8
GIRASSOL	2.396	2.479	3,5
MILHO	763.906	763.898	0,0
SOJA	5.843.533	5.944.956	1,7
SORGO	4.103	4.315	5,2
TRIGO	754.900	777.653	3,0
TRITICALE	2.656	2.514	-5,3
TOTAL GRÃOS	8.760.747	8.841.752	0,9

Fonte: IBGE/LSPA (Out/19); • (*) 2020: Projeção da Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

PRODUÇÃO

A safra 2019 foi marcada por boas condições climáticas para as lavouras de soja e milho, o que permitiu boa qualidade do grãos e ganhos no rendimento médio de ambas culturas. Este cenário, somado à expansão de área destinada ao plantio desses grãos, resultou em maiores produções: 5,5% na soja e 25,7% no milho. Já o arroz, que vem reduzindo a área devido a baixa rentabilidade, enfrentou fortes chuvas no período de plantio, que comprometeram a produtividade das lavouras resultando em redução de quase 15% da produção.

Em relação às lavouras de inverno, além do aumento de área observado em 2019, se obteve elevados níveis de produtividade. A expectativa é de uma safra de inverno 27% mais volumosa que a anterior, atingindo 3,14 milhões de toneladas. O destaque, em termos absolutos, é a produção de trigo, que aumentou mais de 30%.

Tabela 3 - Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2018 a 2019, em toneladas

PRODUTO	PRODUÇÃO		
	SAFRA 2018	SAFRA 2019	VARIAÇÃO (%)
AMENDOIM	4.371	3.769	-13,8
ARROZ	8.401.785	7.172.102	-14,6
AVEIA	628.060	668.970	6,5
CENTEIO	3.482	3.207	-7,9
CEVADA	93.362	148.005	58,5
FEIJÃO	94.886	91.856	-3,2
GIRASSOL	4.314	3.813	-11,6
MILHO	4.565.633	5.738.614	25,7
SOJA	17.538.575	18.495.151	5,5
SORGO	12.783	11.789	-7,8
TRIGO	1.753.099	2.317.114	32,2
TRITICALE	4.554	6.279	37,9
TOTAL GRÃOS	33.104.904	34.660.669	4,7

Fonte: IBGE/PAM e IBGE/LSPA (Out/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Nossa estimativa era: No *Relatório Econômico 2018 e Perspectivas para 2019* havíamos projetado uma produção total de grãos de 34.680.291 toneladas para o ano de 2019. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE (LSPA/IBGE) apurou uma produção de 34.660.669 toneladas, ou seja, o erro da nossa projeção foi de apenas 0,1%. Assim como na projeção da área plantada, fomos novamente surpreendidos com o desempenho negativo das lavouras de arroz, que afetaram o rendimento médio reduzindo significativamente a produção.

Para a safra 2020 estimamos um avanço de 2,1% da produção em relação à safra 2019. Com expectativa de área plantada maior, a soja deve apresentar produção 3,6% superior em 2020. O arroz, apesar da redução de área estimada, deve apresentar recuperação do rendimento médio para patamares de normalidade e ter sua produção aumentada em 2,4%. O milho deve ter pequena retração da produção, reflexo do rendimento que foi excelente em 2019, mas deve retornar a condições normais em 2020.

Tabela 4 - Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2019 e projeção para 2020, em toneladas

PRODUTO	PRODUÇÃO		
	SAFRA 2019	SAFRA 2020*	VARIAÇÃO (%)
AMENDOIM	3.769	4.295	13,9
ARROZ	7.172.102	7.346.729	2,4
AVEIA	668.970	567.798	-15,1
CENTEIO	3.207	2.922	-8,9
CEVADA	148.005	118.934	-19,6
FEIJÃO	91.856	96.704	5,3
GIRASSOL	3.813	3.779	-0,9
MILHO	5.738.614	5.729.236	-0,2
SOJA	18.495.151	19.156.630	3,6
SORGO	11.789	12.353	4,8
TRIGO	2.317.114	2.360.175	1,9
TRITICALE	6.279	4.925	-21,6
TOTAL GRÃOS	34.660.669	35.404.479	2,1

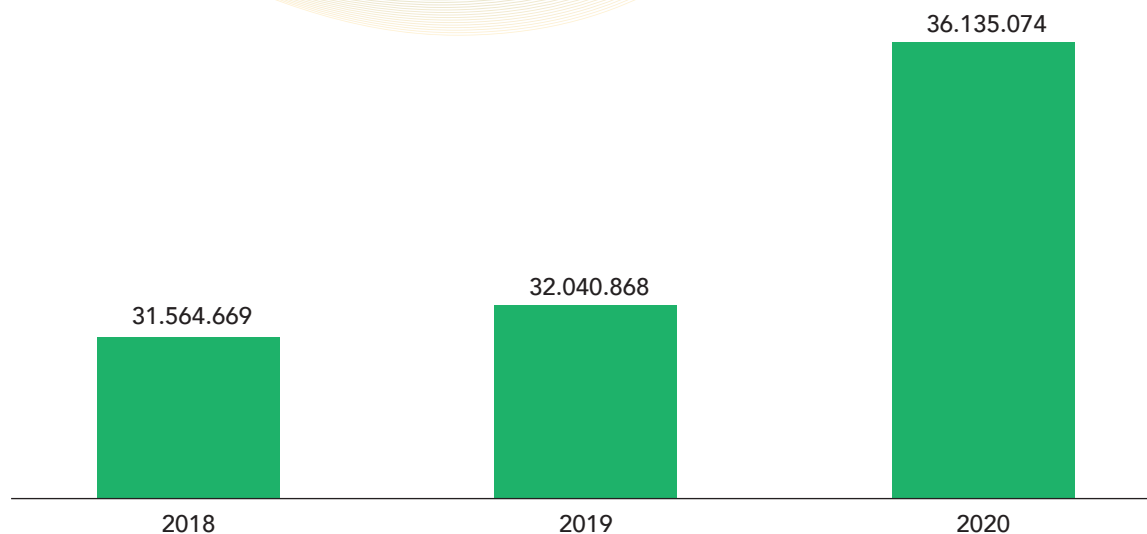
Fonte: IBGE/LSPA (Out/19); • (*) 2020: Projeção da Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO

O Índice de Inflação dos Preços Recebidos pelos Produtores (IIPR), aponta para a queda de 1,21% no acumulado dos últimos 12 meses¹. Apesar dessa queda nos preços, estimamos que o faturamento dos principais grãos produzidos no Estado aumente. Isso porque a produção deve ser maior, compensando o movimento de desaceleração dos preços, refletindo em Valor Bruto da Produção (VBP) 1,5% superior, atingindo R\$ 32 bilhões.

1. Fonte: Relatório de Inflação da Assessoria Econômica do Sistema Farsul, referência Outubro/2019.

Gráfico 1 - Evolução do valor bruto de produção dos grãos no Rio Grande do Sul, em mil reais



Fonte: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Quando analisados separadamente, podemos perceber que o milho gerou faturamento 12,5% maior neste ano apesar do menor preço², isso porque o aumento da produção foi bastante expressiva. Na soja, o aumento da produção também compensou a queda nos preços³, e o faturamento foi 0,5% maior. No arroz o contexto foi diferente, a produção reduziu e os preços se valorizaram, mas não o suficiente para o faturamento crescer e o resultado foi uma retração de 5,2% no VBP. O trigo foi o único grão dentre os analisados que obteve avanços tanto da produção quanto dos preços, o que possibilitou um faturamento quase 50% superior.

Tabela 5 – Valor Bruto da Produção dos principais grãos do Rio Grande do Sul, em R\$ mil

PRODUTO	2018	2019	2020	VARIAÇÃO 18/19	VARIAÇÃO 19/20
ARROZ	6.743.231	6.392.259	6.633.639	-5,2%	3,8%
MILHO	2.625.323	2.953.564	3.266.218	12,5%	10,6%
SOJA	21.361.184	21.457.661	24.683.361	0,5%	15,0%
TRIGO	834.931	1.237.384	1.551.856	48,2%	25,4%
SOMA	31.564.669	32.040.868	36.135.074	1,5%	12,8%

Fonte: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

2. O preço médio do milho em Passo Fundo, entre de janeiro e novembro, foi de R\$ 33,36/60kg em 2018 e R\$ 31,95/60kg em 2019. Fonte: Broadcast.
 3. O preço médio da soja em Passo Fundo, entre janeiro e novembro, foi de R\$ 71,61/60kg em 2018 e R\$ 70,88/60kg em 2019. Fonte: Broadcast.

Para 2020 projetamos o maior VBP de grãos da série histórica no Rio Grande do Sul, chegando a expandir 13%, equivalente a um incremento de R\$ 4 bilhões. Esse resultado deverá vir através da valorização dos preços dos quatro grãos e maior produção em quase todos - apenas o milho terá uma leve queda. O principal aumento deve ser registrado na soja, que deve ter faturamento superior em R\$ 3,2 bilhões.

1.1.2 PECUÁRIA DE CORTE

Por Ruy Augusto da Silveira Neto

Os dois últimos anos foram complicados para o pecuarista brasileiro, com uma desvalorização contínua do preço no período, estagnação do consumo interno por causa da crise econômica do país, Operação Carne Fraca, greve dos caminhoneiros e a delação premiada da JBS. Entretanto, o ano 2019 tem se mostrado muito positivo para a pecuária de corte: recuperação das cotações ao produtor aos níveis pré-crise e novos estabelecimentos frigoríficos habilitados para exportar carne bovina para o mercado chinês, sendo um deles localizado no estado do Rio Grande do Sul.

Produção e Valor Bruto da Produção

O volume de abates em 2019 deverá subir somente 0,46% em relação ao ano passado no RS. Quando falamos no valor bruto da produção os dados são positivos, e a perspectiva é que aumente 11% em 2019, fechando o ano em torno de R\$ 4,2 bilhões. Esse desempenho apresentado pelo faturamento da Pecuária no Rio Grande do Sul está associado à valorização de 16% do preço, se analisada a cotação entre janeiro e novembro de 2019.

Entretanto, essa valorização representa somente uma retomada das cotações anteriores à crise. Entre 2016 e 2018 o preço apresentou uma desvalorização de 18%, atingindo o fundo do poço em setembro de 2018 com uma cotação de R\$ 8,87 o kg/carcaça no RS. Entretanto, essa queda considerável do preço ao produtor não acabou sendo repassada ao consumidor final, o preço da carne bovina no varejo desvalorizou somente 3% entre 2016 e 2018.

Nesse mesmo período de dois anos, houve uma grande valorização do dólar aumentando o custo de produção e impactando na margem do pecuarista. Consequentemente essa queda de margem desestimulou a atividade nos últimos anos, e os abates se mantiveram praticamente inalterados no período. Porém, nesse ano 22 plantas frigoríficas foram habilitadas a vender carne bovina para o mercado chinês com uma delas se localizando no Estado. Essa negociação estimulou o mercado e contribuiu diretamente para a recuperação do setor, estimulando a pecuária em 2019.

Tabela 6 - Animais abatidos e Valor da Produção de Bovinos de Corte no RS

MÊS / ANO	ABATES DE BOVINOS		VBP BOVINOS (R\$)	
	2018	2019	2018	2019
JANEIRO	129.646	147.261	288.420.838	371.547.287
FEVEREIRO	127.300	132.982	287.259.016	329.727.585
MARÇO	143.700	144.870	322.747.361	363.122.263
ABRIL	129.681	133.290	296.025.434	339.580.940
MAIO	109.023	110.620	246.496.510	274.932.211
JUNHO	114.633	138.699	264.209.060	356.138.295
JULHO	131.538	120.200	307.478.662	313.680.139
AGOSTO	164.885	185.505	391.167.599	468.396.412
SETEMBRO	142.659	118.136	303.200.920	281.776.824
OUTUBRO	170.683	144.468	366.354.836	345.457.478
NOVEMBRO*	158.256	159.185	358.126.406	383.238.882
DEZEMBRO*	165.449	159.999	386.510.573	401.881.775
TOTAL	1.687.453	1.695.215	3.817.997.215	4.229.480.091

Fonte: FUNDESA • (*) Projeção da Assessoria Econômica / Sistema Farsul.

Com a abertura do mercado chinês para carne bovina nacional em 2019, era natural que a demanda externa aumentasse para compensar as dificuldades internas que a China vem enfrentando por causa da peste suína africana. Segundo dados do ComexStat/MDIC, em 2019 o volume (kg) exportado teve alta de 11% no Brasil - considerando o período de janeiro a outubro frente ao mesmo período de 2018 – e, se avaliarmos em termos de valor (US\$), o aumento foi de 8%. O apetite chinês pela carne bovina nacional foi grande, o país asiático passou da segunda para primeira posição entre os destinos das exportações brasileira em 2019. E somente nesse ano a China aumentou em 23% o volume (kg) importado com um aumento de 36% no valor (US\$), comparado com o ano anterior.

É importante ressaltar o que foi escrito nos relatórios anteriores: o pecuarista deve estar sempre atento para os acontecimentos da economia, uma vez que o seu negócio é diretamente afetado pelos seus reflexos. Este deve monitorar e prestar atenção nas exportações do setor, já que há uma forte relação de influência entre volume exportado e preço recebido, sobretudo em um período de longa estagnação do consumo doméstico.

1.1.3 PECUÁRIA DE LEITE

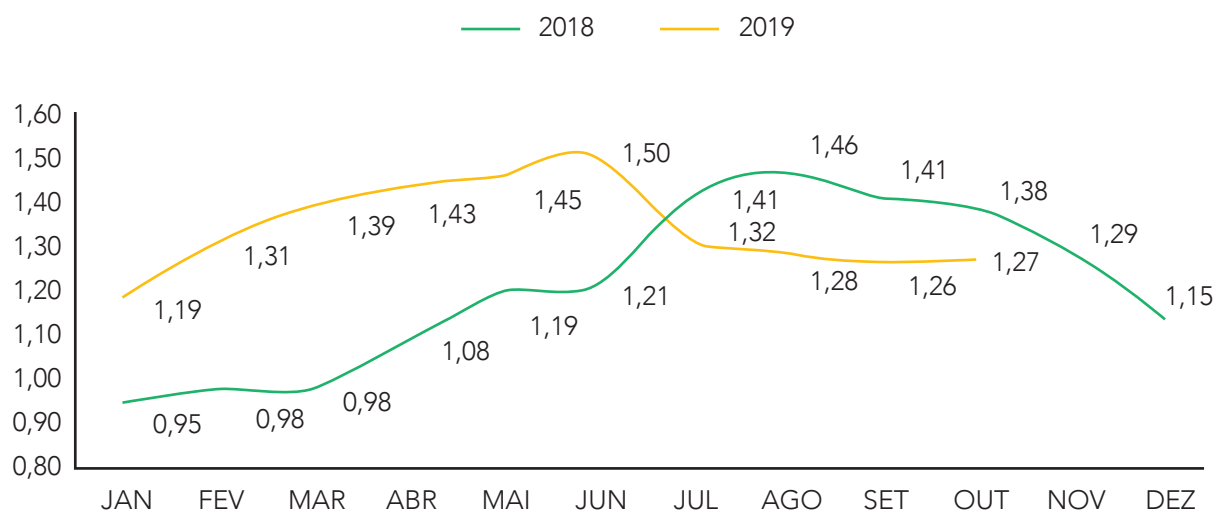
Por Ruy Augusto da Silveira Neto

Em 2018, as assimetrias de informações dentro do mercado e a demanda reprimida na captação acarretaram na diminuição da confiança dos produtores de leite em seguir aumentando a produção que, por consequência, resultou em uma queda de 1,1% no volume produzido. A oferta limitada de leite estimulou o aumento dos preços no início de 2019, mas o desequilíbrio entre oferta e demanda fez com que os valores despencassem a partir do segundo semestre do ano. Essa conjuntura remonta ao comportamento dos preços em 2017, em que o primeiro semestre foi de altas, em virtude da oferta mais apertada, e na segunda metade do ano as cotações entraram queda por conta da fraca demanda do consumidor final.

Produção e Valor Bruto da Produção

A estimativa para 2019 é de uma retomada de 0,96% na produção gaúcha, que resultaria em um total de 3,42 bilhões de litros. A perspectiva de um aumento modesto na produção, em um cenário de reação na demanda por lácteos na ponta final da cadeia, fez com que o preço registrasse uma série de subidas consecutivas, principalmente nos primeiros meses do ano, reflexo do volume menor do ano passado. Mesmo com uma queda brusca das cotações na metade do ano, o preço recebido ao produtor vem registrando alta de 7% no acumulado do ano (janeiro até outubro), de acordo com a série de preços líquidos ao produtor do CEPEA-Esalq.

Gráfico 2 - Série de preços médios no RS recebidos pelo produtor, em R\$ por litro de leite.



Fonte: CEPEA-Esalq

O Valor Bruto da Produção (VBP) do RS está estimado para 2019 em R\$ 4,51 bilhões, 9,6% maior do que no ano passado. Esse resultado foi puxado por um preço médio anual 12% maior do que o preço médio verificado em 2018.

Tabela 7 - Leite Adquirido e Valor da Produção de Leite no RS

MÊS / ANO	LEITE ADQUIRIDO (MIL LITROS)		VBP DO LEITE (R\$)	
	2018	2019	2018	2019
JANEIRO	302.826	289.290	287.261	343.792
FEVEREIRO	258.228	254.021	252.315	332.513
MARÇO	262.403	269.904	257.758	374.087
ABRIL	245.226	244.425	265.261	349.137
MAIO	230.987	247.150	275.706	359.579
JUNHO	263.846	264.858	318.515	396.334
JULHO*	292.964	294.645	412.025	387.930
AGOSTO*	319.636	322.837	467.116	413.103
SETEMBRO*	312.782	321.045	440.585	404.773
OUTUBRO*	308.243	315.013	425.468	399.216
NOVEMBRO*	291.388	292.716	376.823	370.959
DEZEMBRO*	300.136	305.233	344.016	386.821
TOTAL	3.388.665	3.421.137	4.122.848	4.518.243

Fonte: IBGE • (*) Projeção da Assessoria Econômica / Sistema Farsul.

A complicada conjuntura que o setor enfrenta evidenciou o peso da crise brasileira na cadeia do leite. Desde 2017, muitos produtores abandonaram a pecuária de leite e considerável parte dos que ainda ficaram estão endividados. Houve e ainda há grande insegurança por parte dos produtores em realizar investimentos de longo prazo, devido às incertezas que rodeiam o ambiente econômico. Mesmo com os altos preços na primeira metade do ano, a produção em 2019 pode variar pouco em relação ao volume de 2018. Mesmo com o cenário de preço melhor para este ano, os reflexos da crise ainda se mostram presentes no setor que, por consequência, tem mantido a demanda do consumidor em níveis baixos. Assim, é possível que as atuais projeções de volume e receita sejam revisadas para baixo até o término do período.

Adjunto a isso, o setor de lácteos no Rio Grande do Sul está cada vez mais organizado e profissionalizado. Agroindústrias e Cooperativas estão ampliando suas escalas e, assim, o produtor de Leite deverá estar atento aos movimentos dos preços, custos de produção, indicadores econômicos e exigências do mercado internacional.

1.2 ANÁLISE DA RENTABILIDADE DA AGROPECUÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL

Por Ruy Augusto da Silveira Neto

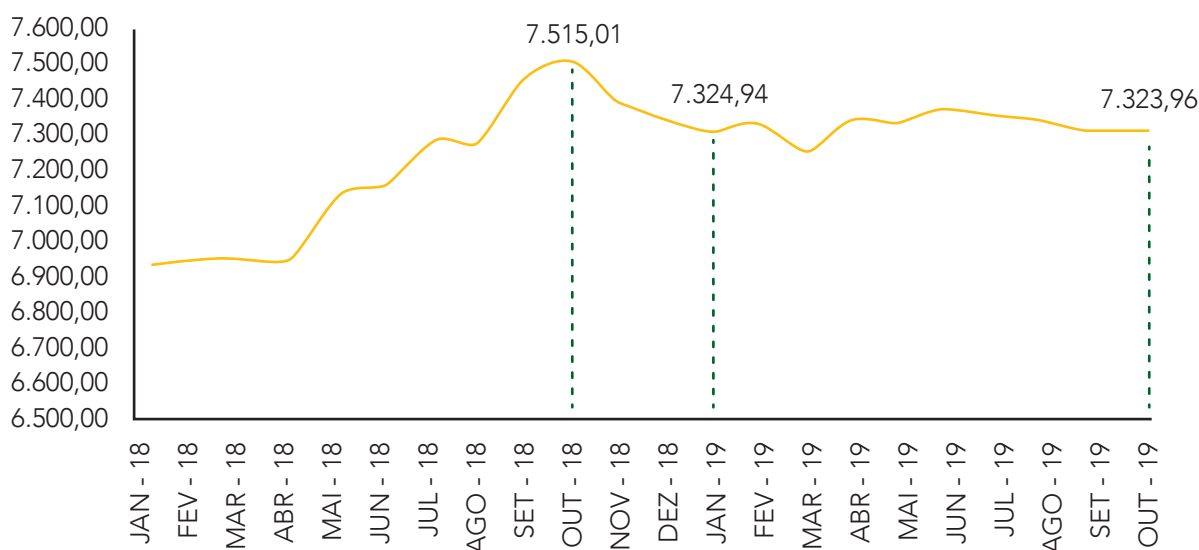
A Análise de Rentabilidade trata **exclusivamente** da capacidade de receita por hectare advinda do preço e da produtividade esperada perante ao custo de produção. Perdas climáticas futuras não são consideradas na projeção de receita para próxima safra, pois essa análise é um vetor de competitividade e não um relato de desempenho para o próximo ano.

1.2.1 Arroz

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais as Depreciações (benfeitorias, máquinas e etc.), é o indicador mais importante para avaliar a atividade rural no longo prazo.

Analisando os custos de outubro de 2019 com o mesmo período do ano anterior, houve uma diminuição de 2,54% no COT. Se analisarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP), tal retração fica mais evidente. No acumulado em 12 meses o IICP apresenta queda de 2,12%, enquanto na análise da evolução do COT dentro do ano (de janeiro a outubro) houve um acréscimo de 0,01%. O comportamento mensal do COT pode ser analisado no gráfico abaixo.

Gráfico 3 - Evolução Mensal do Custo Operacional Total do Arroz no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Na composição do Custo Operacional Total do Arroz, os principais destaques de baixa, quando comparados os meses de outubro de 2018 e 2019, foram: fertilizantes, que representam 13% do COT, com queda de 13%; o frete, com retração de 7%; e os inseticidas, com recuo de 1%. Os destaques de alta foram: herbicidas, que constituem 7% do COT, com aumento de 7%; mão de obra, que compõe 8% do COT e apresentou um aumento de 5%; e fungicidas, com avanço de 1%.

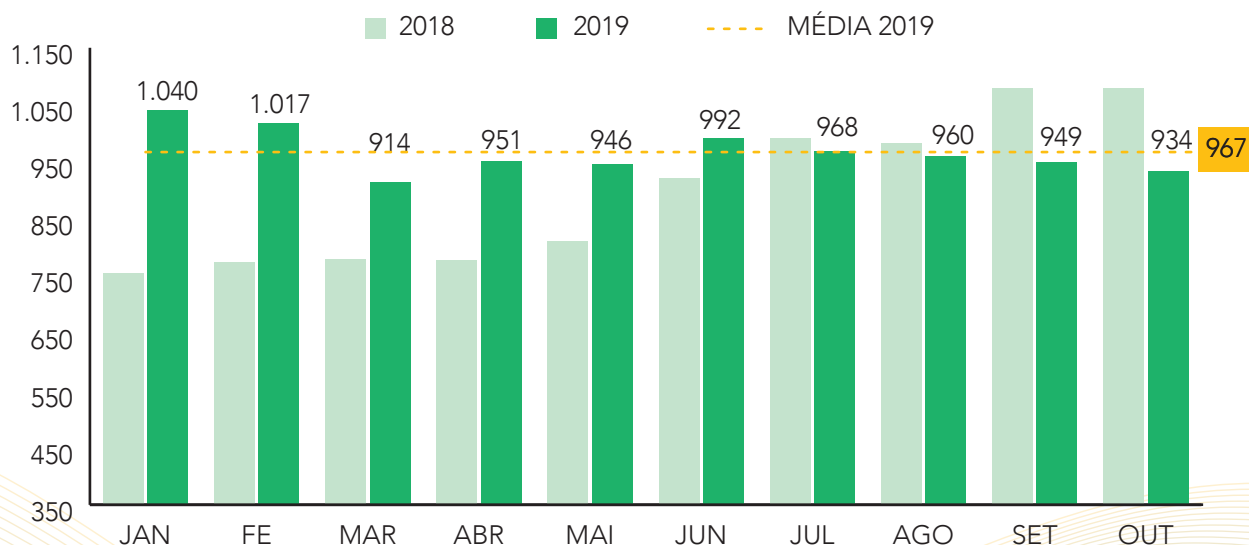
A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção do Arroz demonstra que fertilizantes, agroquímicos, sementes e *royalties* compõem 25% do COT. Assim, na gestão da atividade rural, estes componentes do custo de produção dependem diretamente da estratégia de aquisição do produtor rural. Comprar na hora certa, portanto, é fundamental. Por sua vez, os componentes do custo como irrigação, óleo diesel, frete, mão de obra, tributos e financiamento do capital de giro (34% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

A gestão dos riscos da atividade remete ao estudo do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumente sua lucratividade.

Em 2019, o melhor período para a compra de fertilizantes foi entre os meses de março e maio, como pode ser observado no Gráfico 4. O custo do insumo em março foi 6% mais baixo quando comparado com **julho, mês de entrada do custeio.** Os produtores que conseguiram se programar para comprar nesse período obtiveram uma economia no custo por hectare de R\$ 53,68, se comparado com o valor de julho de 2019.

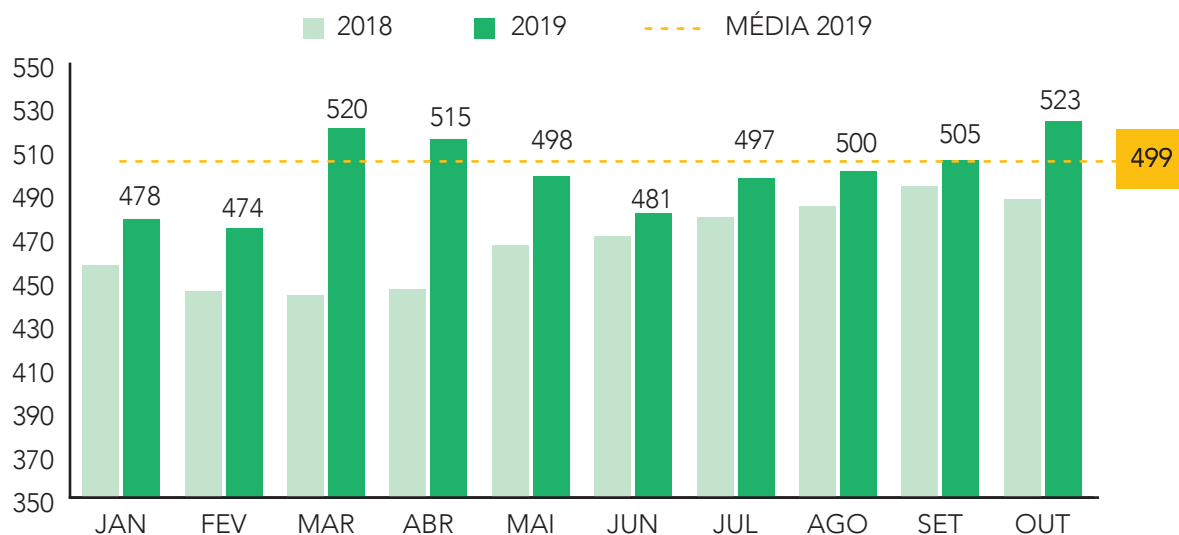
Gráfico 4 - Custo dos Fertilizantes para Arroz no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Os agroquímicos (herbicidas, fungicidas e inseticidas) foram analisados individualmente. A análise apontou que **o melhor momento para a compra de herbicidas foi no primeiro semestre do ano** pois, em 2019, os meses de janeiro e fevereiro apresentaram as melhores cotações. Os produtores que conseguiram comprar o insumo em fevereiro apresentaram uma economia no seu custo de 4% em relação ao mês de julho.

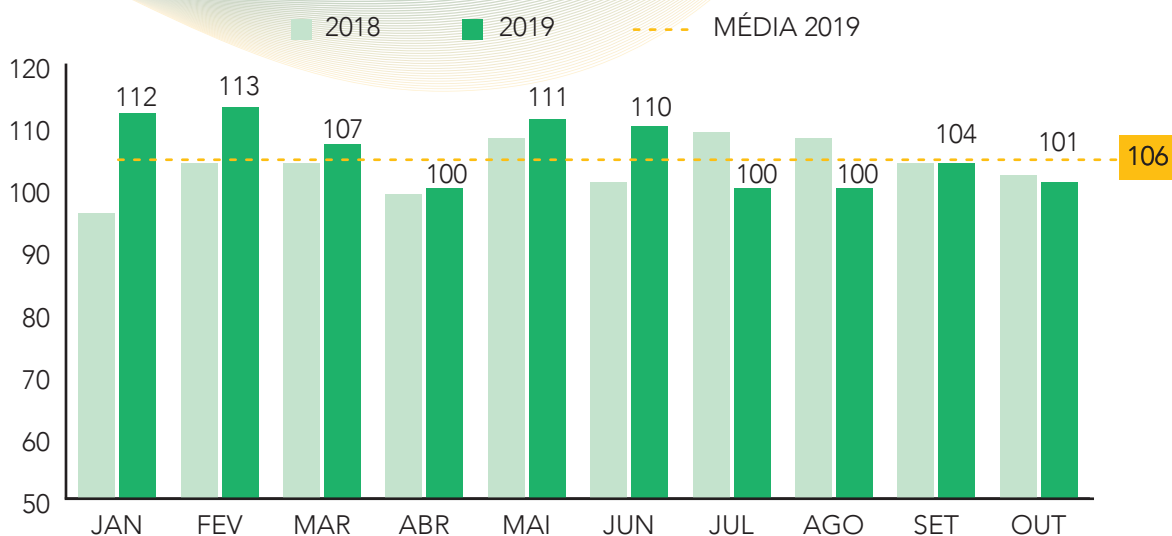
Gráfico 5 - Custo dos Herbicidas para Arroz no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Para os últimos anos, **o melhor momento para compra dos inseticidas foi no primeiro semestre**. No ano de 2019, entretanto, a estratégia foi diferente. Os meses que apresentaram as melhores cotações foram abril, julho e agosto. Essa conjuntura foi positiva, pois casou com a entrada do custeio para os produtores de Arroz – **porém, observamos que essa não é uma realidade que tende a se reproduzir continuamente**.

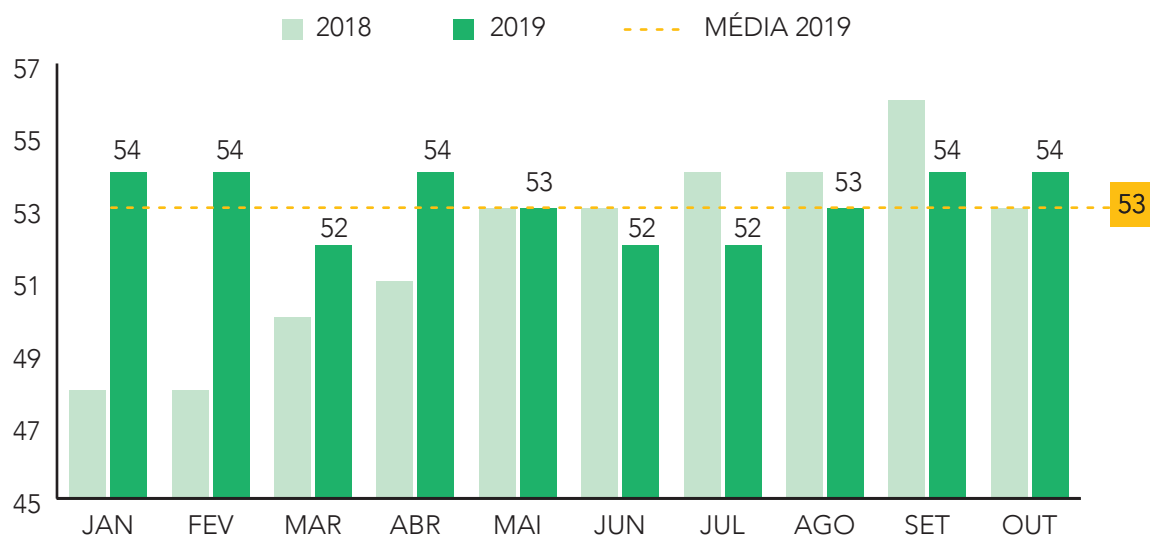
Gráfico 6 - Custo dos Inseticidas do Arroz no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

De acordo com a análise produzida, **o melhor momento apontado para adquirir fungicidas são nos primeiros meses do ano.** Ao analisar o comportamento de 2019, observamos que março, junho e julho foram os meses com melhores cotações. Como pode ser observado no Gráfico 7, os custos com fungicidas não tiveram oscilações muito altas durante o ano, resultando na média de R\$ 53,09 entre janeiro até outubro.

Gráfico 7 - Custo dos Fungicidas para Arroz no RS, em R\$/ha



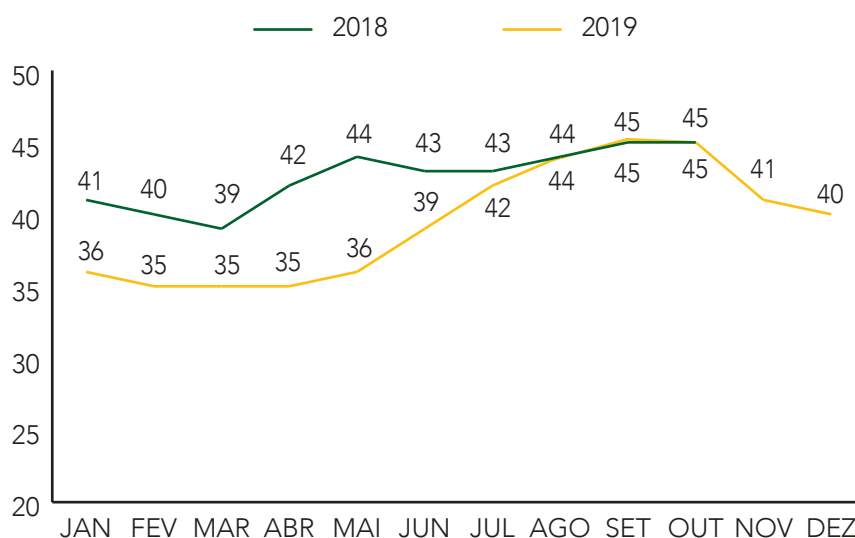
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Margem de Lucratividade do Arroz

A intensidade de chuvas, que ocorreram no período de pré-colheita da safra 2018/2019, caracterizaram-se em um sério problema climático para os produtores. No Rio Grande Sul a produção caiu 15%, comprometendo o resultado em nível nacional, que registrou queda de 10% em 2019, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Para 2020, o USDA tem trabalhado com um cenário de queda na área plantada do Brasil em 1,2% e, caso essa projeção se confirme, deveremos ter uma produção similar à do ano passado no país, o que, por decorrência, causará uma nova queda na oferta total brasileira. Com a projeção de estabilidade tanto na produção quanto na demanda, teremos um consumo interno ligeiramente superior a produção nacional, ou seja, um cenário propício para estabilidade nos preços. Porém, o período de plantio da safra 2020 foi marcado por fortes chuvas atrasando a semeadura do Arroz no RS. O IRGA divulgou o Mapa de Situação de Semeadura que assinala que somente 76% da intenção de semeadura foi plantada, quando nas últimas duas safras nesse mesmo período do ano já tínhamos atingido cerca de 90% da intenção de plantio. Com o retardamento do plantio no estado, consideramos que as projeções do USDA deverão ser revisadas - já que o RS representa 70% da produção nacional de Arroz – e dificilmente a produção se manterá nos mesmos patamares de 2019.

Além do alto índice pluviométrico na época de plantio, outros fatores devem colaborar para que o cenário de queda na produção se configure. São eles: o alto custo de produção; implicações geradas pelas enchentes da safra passada, que prejudicaram muitos produtores; a baixa intenção de plantio; o nível tecnológico empregado no processo produtivo e a escassez do crédito oficial, dificuldade comum na vida dos produtores.

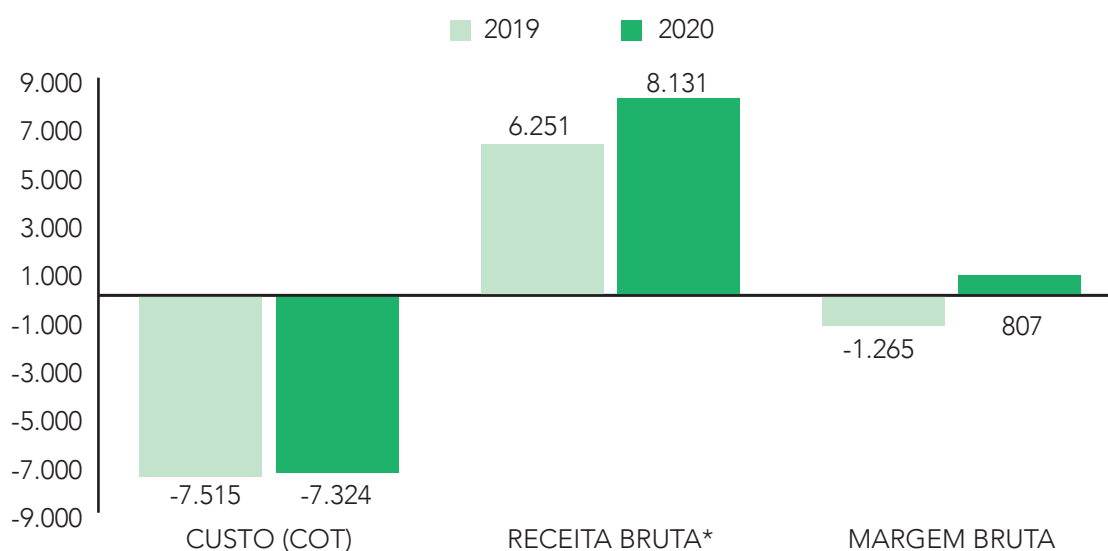
Gráfico 8 - Preço Mensal do Arroz no Rio Grande do Sul, em R\$/50 kg



Fonte: Esalq/Senar-RS • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Por decorrência dos problemas climáticos citados anteriormente, a oferta total diminuiu 9% em 2019, e gerou um desencaixe de 2% entre oferta e demanda, resultando em um estímulo ao preço nesse ano. A cotação média do Arroz no Rio Grande do Sul, entre janeiro e outubro de 2019, foi de R\$ 42,56/sc 50kg. Este valor foi 8% maior que a média para o mesmo período de 2018 (R\$ 39,29/sc 50kg). Além disso, o Gráfico 8 mostra que durante a maior parte do ano os preços se mantiveram acima dos R\$ 40,00/sc 50kg e, caso a projeção de uma produção similar, ou até menor, em 2020 se confirme, é esperado que o preço se mantenha em patamares médios mais elevados do que em 2019.

Gráfico 9 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta e Margem Bruta da safra 2020 do Arroz no RS, em R\$/ha



Fonte: Cepea/Esalq • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

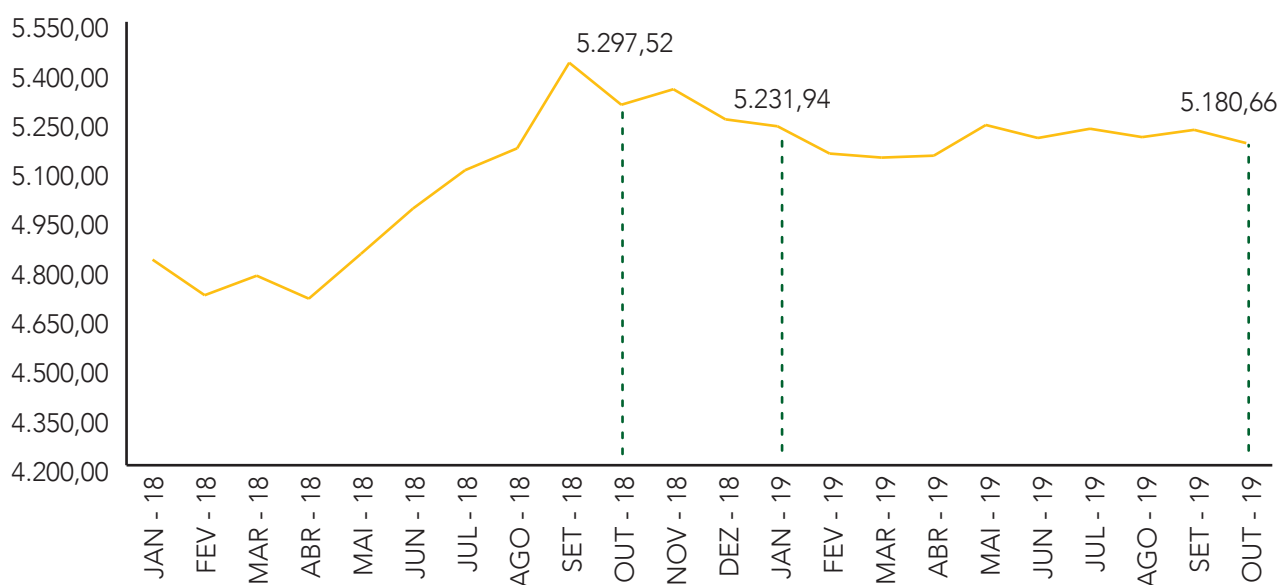
(*) Receita Bruta a partir dos preços dos meses de abril de cada ano (abr/19: R\$ 41,67/saca 50 kg; out/19: R\$ 45,17/ saca 50kg)

Para a safra 2020 de Arroz projeta-se uma margem bruta positiva, e um COT 3% menor do que o custo verificado na safra passada. Entretanto, o aumento da margem esperada para a próxima safra é decorrência da valorização do preço em 2019 associado a uma expectativa de recuperação dos níveis normais de produtividade do RS. **É importante destacarmos que se deve ter muita prudência com estas projeções, contudo o cenário que vem se configurando é de um bom nível de preços para 2020. Então, há uma probabilidade considerável de que a Margem Bruta se mantenha estável até abril do ano que vem.** A propriedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Uruguaiana.

1.2.2 Milho

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais Depreciações (benfeitorias, máquinas e etc.), é importante para avaliar a atividade rural no longo prazo. Na comparação entre outubro de 2019 com o mesmo período do ano anterior, o COT registrou queda de 2,2%. Na análise da evolução do COT, somente em 2019 (de janeiro até outubro) caiu 1%. Se analisarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP) esse cenário fica mais evidente: no acumulado de 12 meses, o IICP apresenta uma retração de 2,12%.

Gráfico 10 - Evolução Mensal do Custo Operacional Total do Milho no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

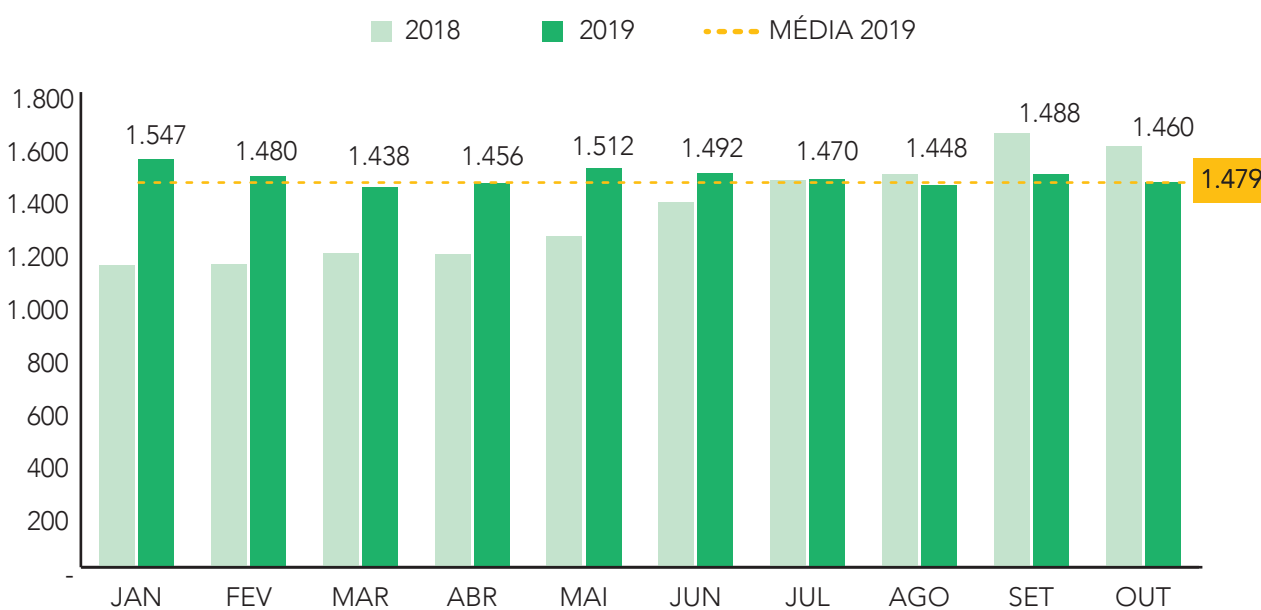
Na composição do Custo Operacional Total do Milho, a maioria das contas que compõem o indicador apresentaram queda se comparado os meses de outubro de 2018 e 2019. Fertilizantes, com participação de 28% do COT, caíram 8% no período; herbicidas, que representam 5% do COT, apresentaram queda de 11%; e o frete diminuiu em 5% o seu custo. As contas que se destacaram com alta no período foram: fungicidas, com 9% de aumento; sementes, que subiram 10% no custo; inseticidas aumentaram 6%; e mão de obra, que avançou 5% em relação ao mesmo período do ano passado.

A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção do Milho demonstra que fertilizantes, agroquímicos, sementes e *royalties* compõem 54% do COT. Assim, na gestão da atividade rural, mais da metade dos componentes do custo de produção dependem diretamente da estratégia de aquisição do produtor rural. Os componentes do custo como óleo diesel, frete, mão de obra, tributos e financiamento do capital de giro (30% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

A gestão dos riscos da atividade remete ao estudo do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumente sua lucratividade.

Gráfico 11 - Custo dos Fertilizantes para Milho no RS, em R\$/ha

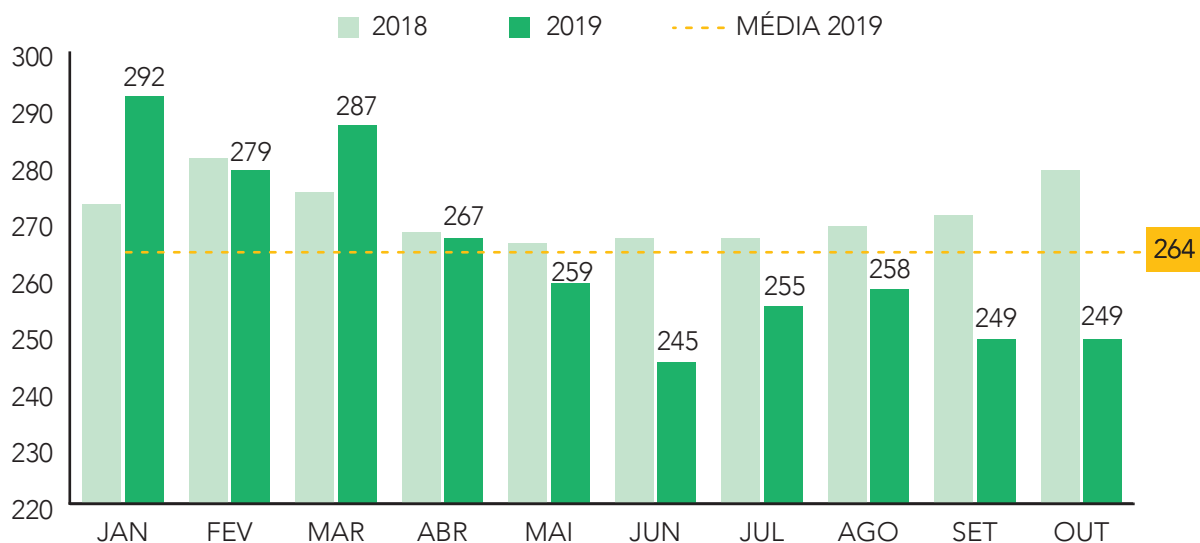


Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Nossa análise apontou que, nos últimos anos, **a primeira metade do ano é a melhor época para a compra de fertilizantes**. Em 2019, o mês de março se destacou como o melhor momento para a aquisição do insumo. Os produtores que conseguiram se programar para comprar nesse período obtiveram uma economia no custo por hectare de 2%, se comparado com o valor de julho de 2019.

Os agroquímicos (herbicidas, fungicidas e inseticidas) foram pesquisados individualmente. **A análise apontou que o melhor momento para a compra de herbicidas remete ao primeiro semestre do ano.** Entretanto, em 2019, a conjuntura de preços foi diferente e, após maio, os custos caíram e se mantiveram abaixo do custo médio no restante do ano, com destaque para o mês de junho que registrou a menor cotação.

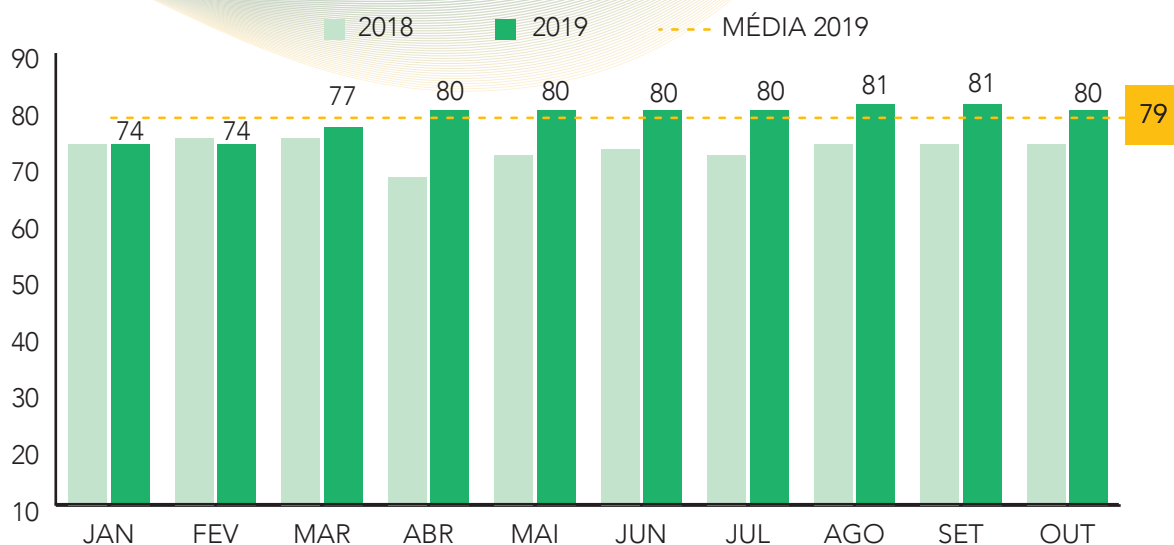
Gráfico 12 - Custo dos Herbicidas para Milho no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Os fungicidas possuem tendência de melhor compra no primeiro semestre e, em 2019, os meses de janeiro e fevereiro despontaram como os melhores meses para compra. É importante ressaltar que embora as oscilações nas despesas desse insumo pareçam pequenas, quem comprou inseticidas no mês de janeiro teve um custo por ha 8% menor do que quem adquiriu o insumo em julho de 2019.

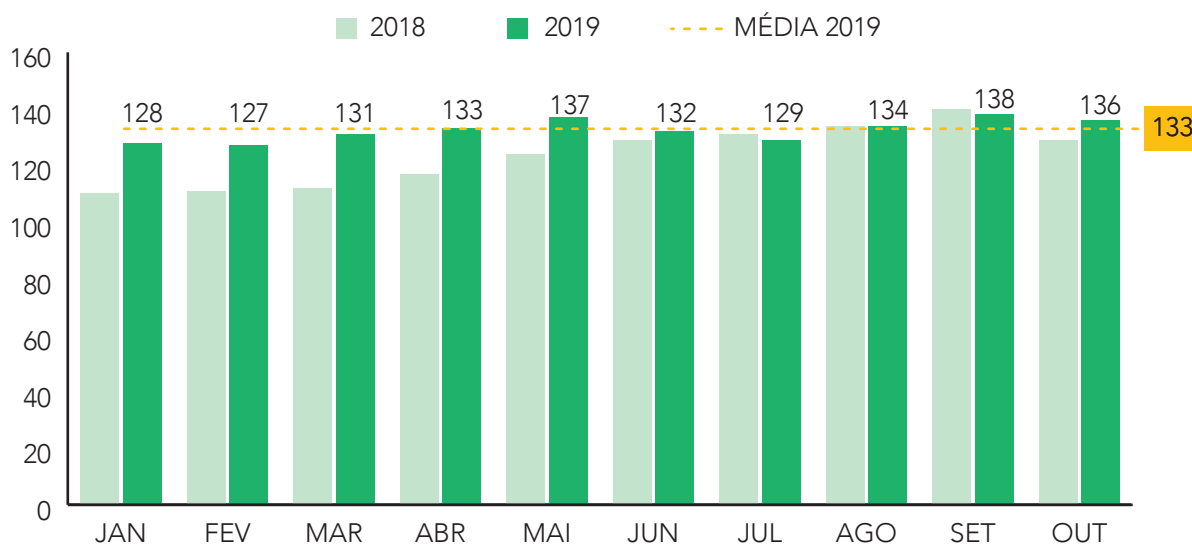
Gráfico 13 - Custo dos Fungicidas para Milho no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Nos últimos anos, o melhor momento para compra dos inseticidas foi no primeiro semestre do ano. No ano de 2019 a estratégia não foi diferente, pois janeiro e fevereiro foram os meses do ano que apresentaram um preço mais atrativo. Isso foi consequência de um câmbio médio mais valorizado durante os dois primeiros meses do ano.

Gráfico 14 - Custo dos Inseticidas do Milho no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

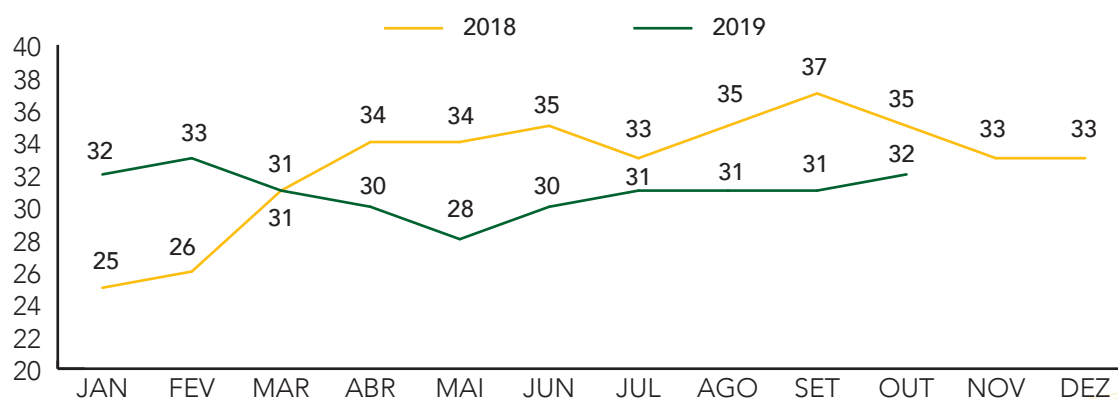
Margem de Lucratividade do Milho

A produção mundial de Milho neste ano avançou 4,2%, puxada majoritariamente pelos aumentos de produção registrados no Brasil, Argentina e Ucrânia. O consumo exibiu um avanço de 5,2%, o suficiente para a demanda superar a oferta pelo segundo ano consecutivo, além de que há expectativa que esse cenário deva se repetir para a safra 2020, segundo o USDA. Essa conjuntura do mercado de consumo, que supera a oferta em 2019 e 2020, resultou em queda de 5% no estoque final em 2019 e projeta-se que haja uma retração de 7% para 2020, o que no médio prazo é positivo para as cotações internacionais.

No Brasil esse cenário não foi diferente: o ano de 2019 foi caracterizado por um clima favorável para o plantio de Milho no país, o que resultou em uma elevação de 23% da produção, segundo o USDA. O consumo interno teve um avanço de 2,4%, puxado pelo aumento das exportações de suínos para suprir o mercado Chinês, que foi afetado pela peste suína africana. A exportação bateu recorde em 2019, puxando a projeção de aumento da demanda total em 17,9% em relação ao ano passado. Entretanto a oferta total ainda se mantém acima da demanda no mercado interno e a projeção do USDA é de aumento nos estoques finais para 2019. Esse cenário vem contribuindo para que os preços se mantenham um pouco abaixo das cotações médias de 2018.

O preço do Milho no Rio Grande do Sul em 2019 se manteve em um patamar inferior a 2018 na maior parte do ano, e isso se refletiu em margens menores para os produtores. Em 2018 o preço médio do cereal no período de janeiro a outubro foi R\$ 32,63/sc 60 kg, enquanto que em 2019 o preço médio é de R\$ 30,86/sc 60 kg, que demonstra uma queda de **5% da cotação** no período.

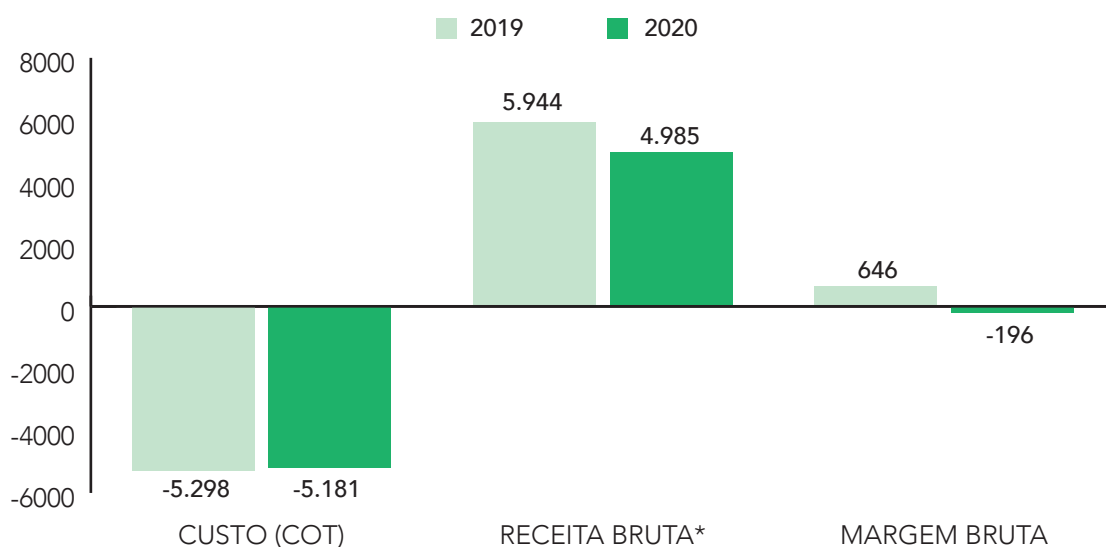
Gráfico 15 - Preço do Milho no RS, em R\$/sc 60kg



Fonte: Cepea/Esalq • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

A rentabilidade do Milho para a safra 2020 pode ser verificada no Gráfico 16. Segundo o Cepea/Esalq, a projeção de queda no COT (em que o mês de referência é outubro de 2019) de -2,2% está relacionada, principalmente, a uma queda de 8% no gasto com fertilizantes, que é o insumo que mais pesa dentro do custo operacional total.

Gráfico 16 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta e Margem Bruta da safra 2020 do Milho no RS, em R\$/ha



Fonte: Cepea/Esalq • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

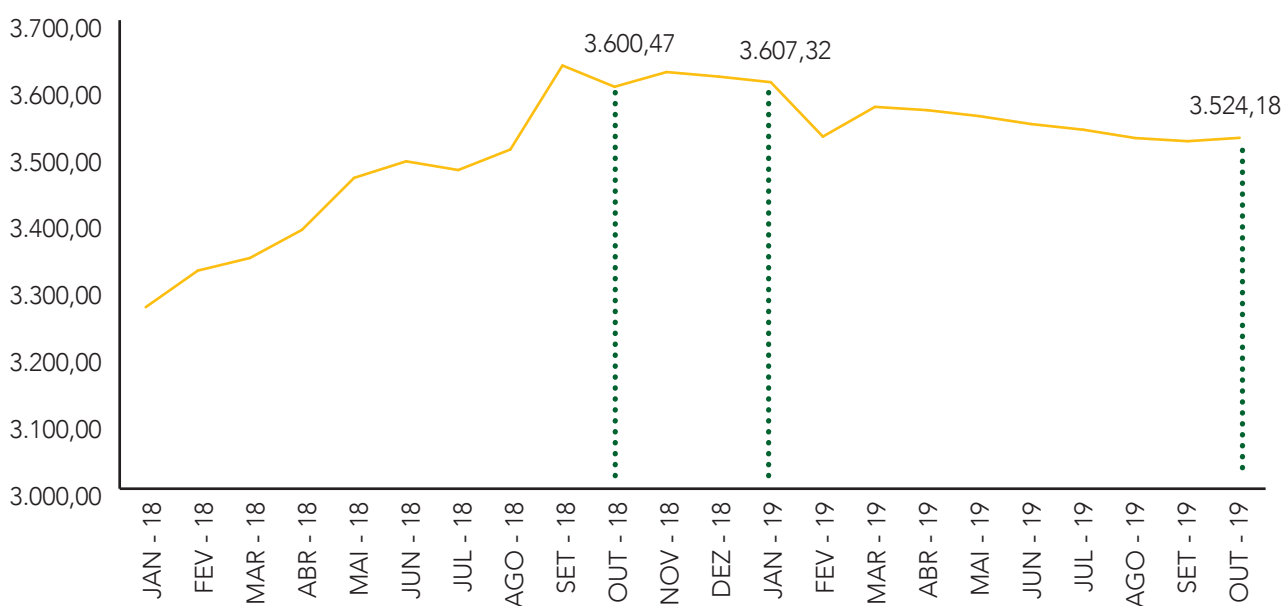
(*) Receita Bruta a partir dos preços de abr/19: R\$ 29,72/saca 60 kg; out/19: R\$ 32,16/ saca 60kg)

Conforme destacado anteriormente, o Brasil teve um aumento expressivo na sua produção de Milho em 2019 por conta de uma produtividade muito elevada, se comparado com 2018. Tal fator refletiu dentro dos preços em 2019, mas o impacto do aumento do rendimento médio foi positivo no resultado de margem bruta. Mesmo com uma queda modesta no COT para a próxima safra, e um preço em outubro 8% maior que o preço de abril desse ano - mês de referência para a formação de receita da safra passada -, a expectativa para 2020 é de uma receita bruta 16% menor que em 2019, resultado que é puxado pela expectativa de retorno do rendimento médio do grão no estado. **É importante ressaltar que essa projeção de margem de lucro considera o preço médio do milho em outubro de 2019, e é esperado que a margem se mantenha estável ou recue até abril de 2020 caso projeções do USDA para área e produção no Brasil venham a se confirmar.** A propriedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Carazinho.

1.2.3 Soja

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais Depreciações (benfeitorias, máquinas e etc.), é fundamental para avaliar a atividade rural no longo prazo. Na comparação entre outubro de 2019 com o mesmo período do ano anterior, houve queda de 2% do COT. Na avaliação da evolução do COT, somente em 2019 (de janeiro a outubro) a retração foi 2,30%. Se analisarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP) essa conjuntura fica mais evidente: no acumulado de 12 meses o IICP apresenta queda de 2,12%. O comportamento mensal pode ser analisado no Gráfico 17.

Gráfico 17 - Evolução Mensal do Custo Operacional Total da Soja no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Na composição do Custo Operacional Total da Soja, os principais destaques de baixa, quando comparados os meses de outubro de 2018 e 2019, foram: fertilizantes, que representam 21% do COT, com queda de 9%; herbicidas apresentando diminuição de 7%; frete com retração de 5%; e sementes, com recuo de 6% na comparação. Os destaques de alta foram: inseticidas, que compõe 7% do COT, com aumento de 11%; fungicidas, que representam 13% do COT, apresentaram aumento de 3%; e mão de obra, com avanço de 5% no seu custo.

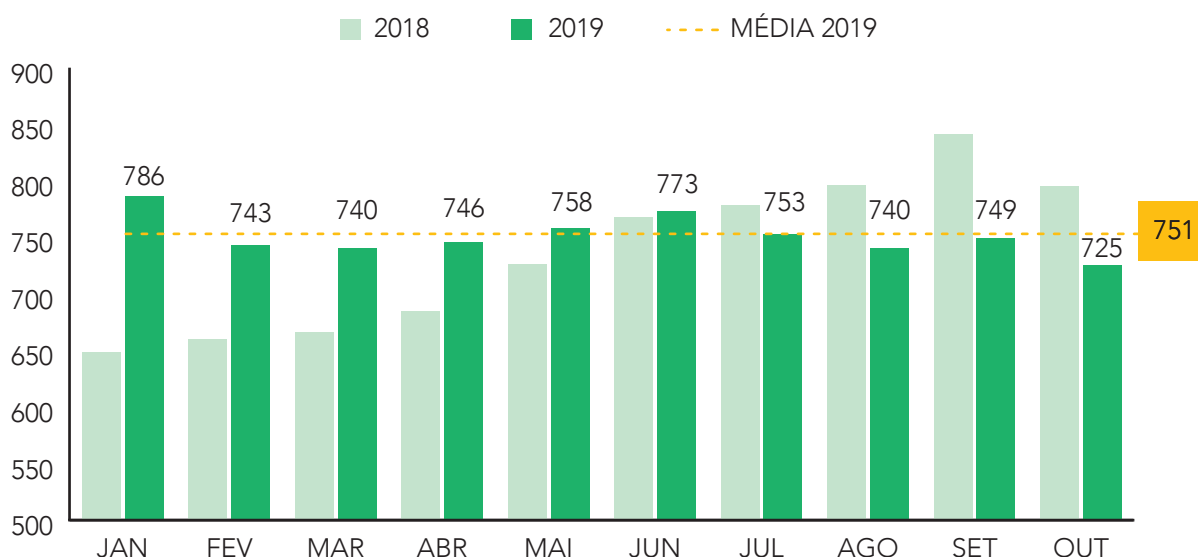
A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção da Soja demonstra que fertilizantes, agroquímicos, sementes e royalties, compõem 54% do total do COT. Assim, na gestão da atividade rural mais da metade dos componentes do custo de produção depende da estratégia de aquisição do produtor. Os componentes como óleo diesel, frete, tributos, seguros e financiamento do capital de giro (22% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

A gestão dos riscos da atividade remete ao estudo do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumente sua lucratividade.

Nos últimos anos **o melhor momento para a aquisição dos fertilizantes foi o primeiro semestre do ano**. O custo do insumo em março foi 2% mais baixo que em **julho, mês de entrada do custeio**. Os produtores que conseguiram se programar para comprar nesse período obtiveram uma economia no custo por hectare de R\$ 12,71, se comparado com o valor de julho de 2019.

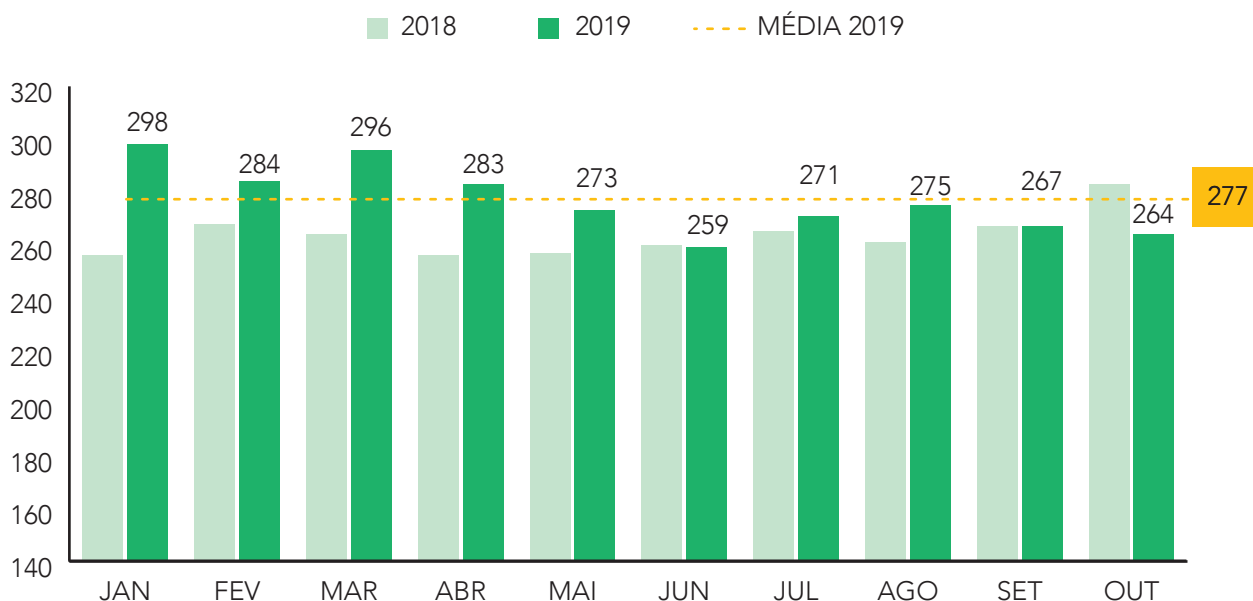
Gráfico 18 - Custo dos Fertilizantes para Soja no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

O estudo dos agroquímicos para o melhor momento da aquisição remete, geralmente, ao primeiro semestre para os herbicidas. Em 2019 esse cenário foi diferente, pois junho despontou como o melhor momento para a aquisição do produto – entretanto, observamos que esse ano é uma exceção dentro do histórico do custo com herbicidas.

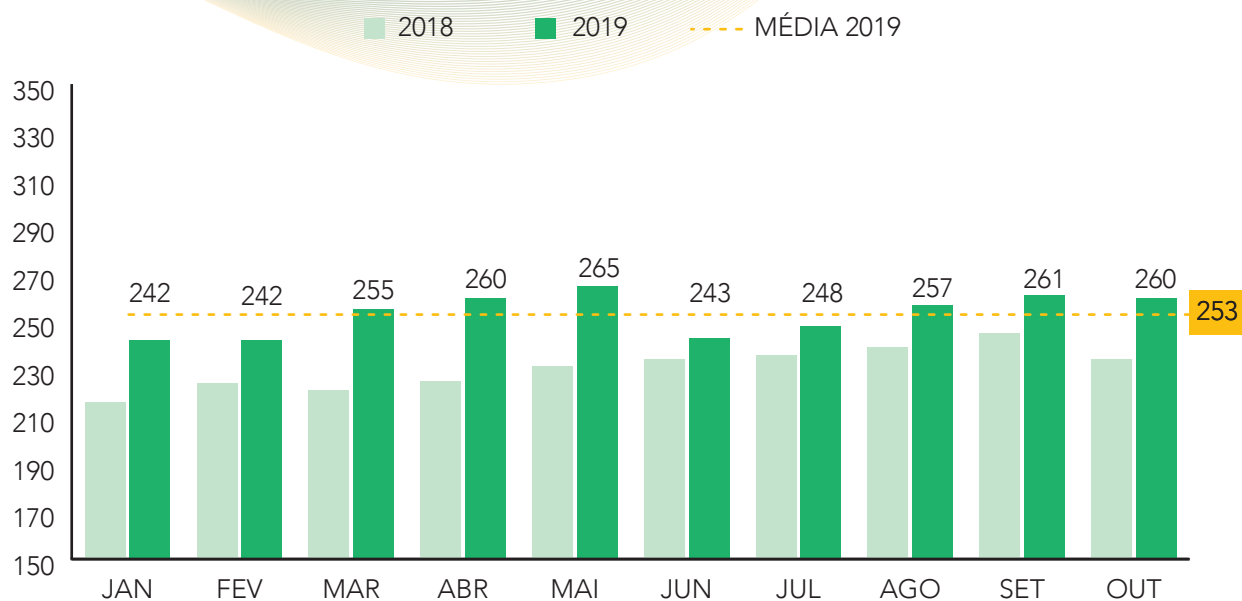
Gráfico 19 - Custo dos Herbicidas para Soja no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

O melhor período para a compra de inseticidas regularmente é no primeiro semestre, e no ano de 2019 não foi diferente. Observamos que nos meses de janeiro e fevereiro houve uma conjuntura ótima para aquisição do agroquímico, com o preço se mantendo 4% abaixo da média anual.

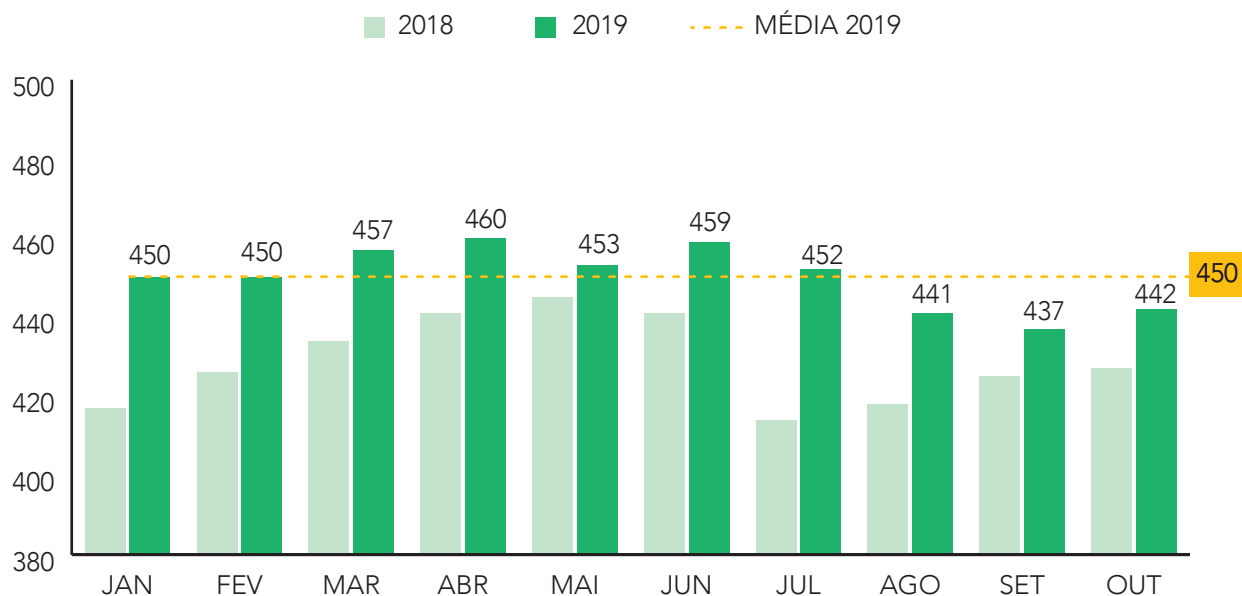
Gráfico 20 - Custo dos Inseticidas para Soja, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Os fungicidas possuem tendência de melhor compra nos primeiros meses do ano, no entanto, para o ano de 2019, o mês com melhores cotações foi em setembro.

Gráfico 21 - Custo dos Fungicidas para Soja no RS, em R\$/ha



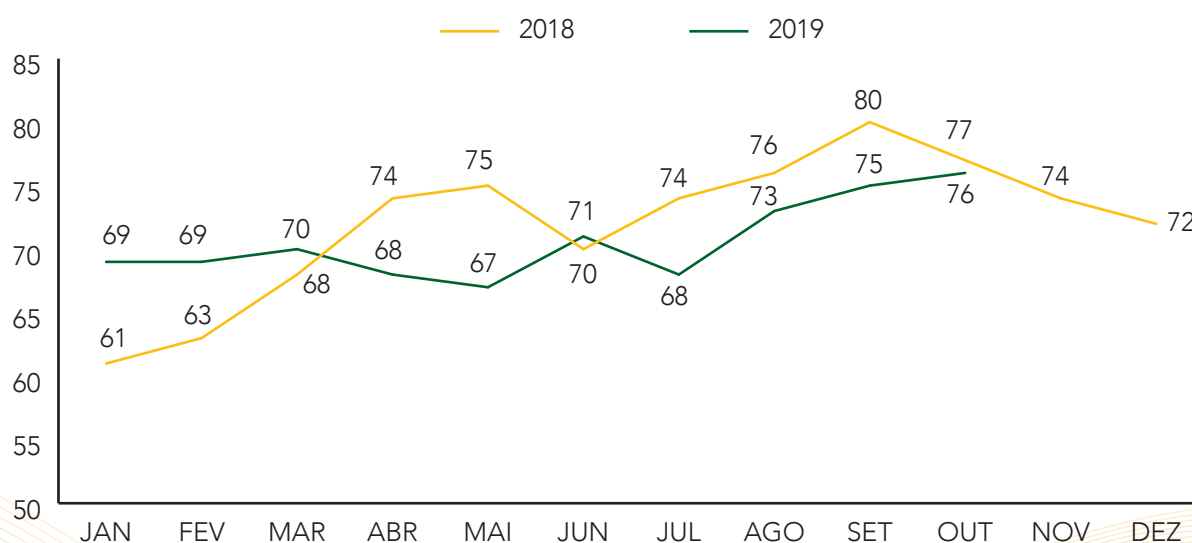
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Margem de Lucratividade da Soja

A produção mundial cresceu 5% em 2019 (segundo dados do USDA), graças à evolução da área plantada e a ótimas condições climáticas. Entretanto esse ano foi marcado pela Peste Suína Africana, que comprometeu a maior parte da produção de suínos da Ásia e afetou diretamente as importações de soja destes países, acarretando em uma queda de 2,6% da quantidade exportada de soja no mundo. Embora a Peste Suína Africana tenha travado a tendência de ampliação das importações de soja no mundo, o consumo seguiu seu movimento de expansão, com ampliação de 1,7% em 2019. Isso porque a diminuição nas importações de soja por parte da China foi abrandada pelo crescimento no consumo interno dos principais países produtores do grão, que ampliaram suas produções de suínos para suprir a demanda asiática.

Já o Brasil, que ocupa a posição de maior exportador de soja do mundo, também foi impactado pelo cenário de diminuição das importações chinesas em 2019 e o efeito foi uma queda modesta de 0,4% das suas exportações. O choque poderia ter sido mais expressivo, se não fosse a oportunidade que a guerra comercial entre Estados Unidos e China abriu para as exportações nacionais. Desta forma, o Brasil continua ocupando posto de maior exportador do grão no mundo. As exportações se mantendo praticamente estáveis, aliado a queda de 4% da produção nacional - puxada pela diminuição do rendimento médio das lavouras – tornou-se necessário recorrer aos estoques para suprir a demanda, e conseqüentemente queda nos estoques finais brasileiros. Apesar da queda dos estoques e valorização da taxa de câmbio, o preço médio da saca no Brasil em 2019 se manteve em patamares inferiores ao do ano passado, refletindo os fundamentos do mercado internacional.

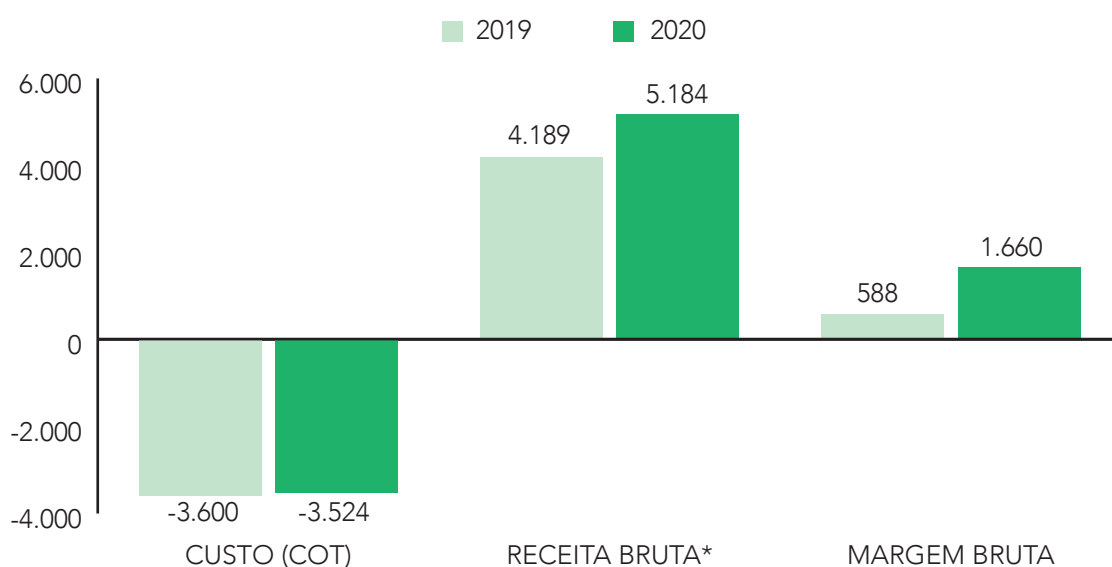
Gráfico 22 - Preço da Soja no RS, em R\$/sc 60kg



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

O preço médio da saca de Soja no Rio Grande do Sul, entre janeiro e outubro de 2019, foi de R\$ 70,57/sc 60kg. Este valor foi 2% menor do que a média do mesmo período de 2018 (R\$ 71,88/sc 60kg). Segundo o USDA, a expectativa para safra 2020 é de queda na produção mundial puxado por uma diminuição de 18% da safra norte americana que foi comprometida pelas condições climáticas. Então se formará um cenário de consumo maior que a oferta, o que muito positivo para os preços internacionais.

Gráfico 23 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta e Margem Bruta da safra 2020 da Soja no RS, em R\$/ha



Fonte: Cepea/Esalq • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
 (*) Receita Bruta a partir dos preços de abr/19: R\$ 67,56/saca 60kg; out/19: R\$ 76,23/ saca 60kg)

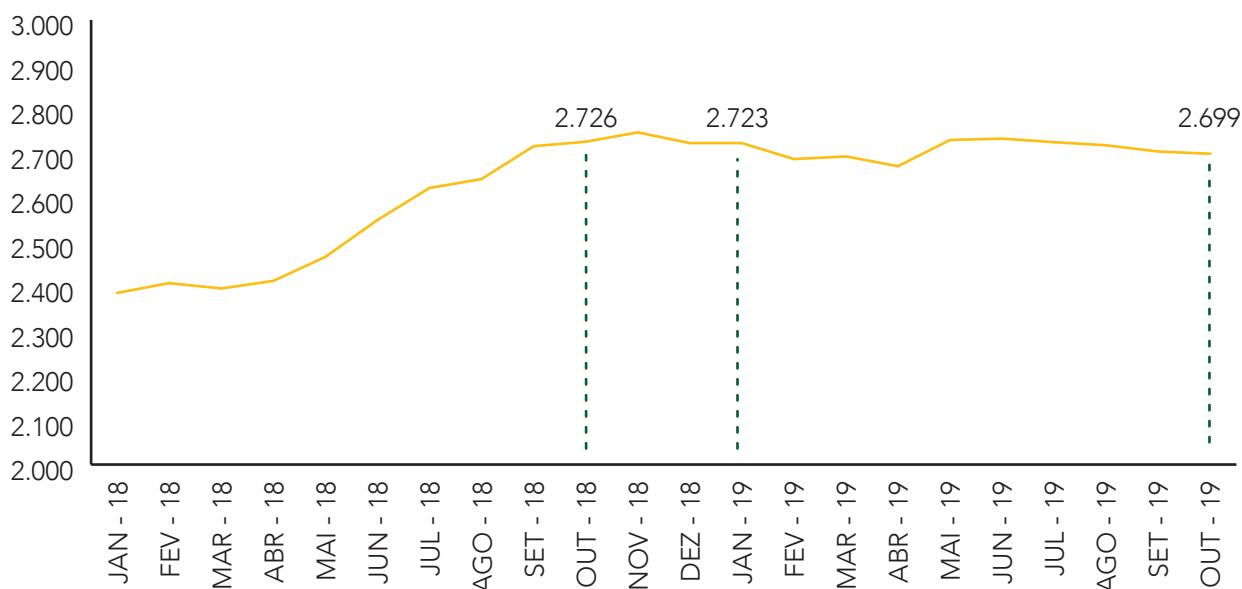
Para a safra de 2020 de Soja, projeta-se um aumento de 24% da receita bruta aliado a uma queda de 2% no COT. O aumento da margem bruta se deve a alta dos preços e também de uma expectativa de aumento da produtividade para a próxima safra brasileira. **Entretanto, é importante destacarmos que deve haver muita cautela com essas projeções.**

Para os preços internacionais, está ocorrendo a configuração de um cenário positivo, porém a influência da guerra comercial entre EUA e China ainda se mostra presente nas exportações brasileiras. Existe a expectativa de que haja uma resolução da guerra comercial entre os dois países para o próximo ano, o que pode vir a afetar as exportações brasileira – então, é recomendável cautela e negociações mais conservadoras, observando os movimentos futuros tanto dos preços quanto da produção. O produtor que estiver atento a esses movimentos e começar a realizar média poderá esperar uma margem estável até maio de 2020. A propriedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Carazinho.

1.2.4 Trigo

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais Depreciações (benfeitorias, máquinas e etc.), é imprescindível para avaliar a atividade rural no longo prazo. Na comparação entre outubro de 2019 com o mesmo período do ano anterior houve uma retração de 1% e, na evolução do COT somente em 2019 (janeiro a outubro), há uma queda de 0,87%. Se considerarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP) esse comportamento fica ainda mais evidente: no acumulado de 12 meses o IICP apresenta queda 2,12%. O comportamento mensal do COT pode ser analisado no Gráfico 24.

Gráfico 24 - Evolução Mensal do Custo Operacional Total do Trigo no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Na composição do Custo Operacional Total do Trigo, os principais destaques de alta no custo, se comparado os meses de outubro de 2018 e 2019, foram: fungicidas, responsáveis por 15% do COT, subiram 9%; herbicidas apresentam alta de 3%; sementes e *royalties*, que contém 6% do total do COT, apresentou acréscimo de 34%; inseticidas ampliaram em 5% seus custos. Os destaques de queda no período analisado, foram: fertilizantes, que representam 21% do COT, tiveram queda de 15%; e o custo com frete, que caiu 5%.

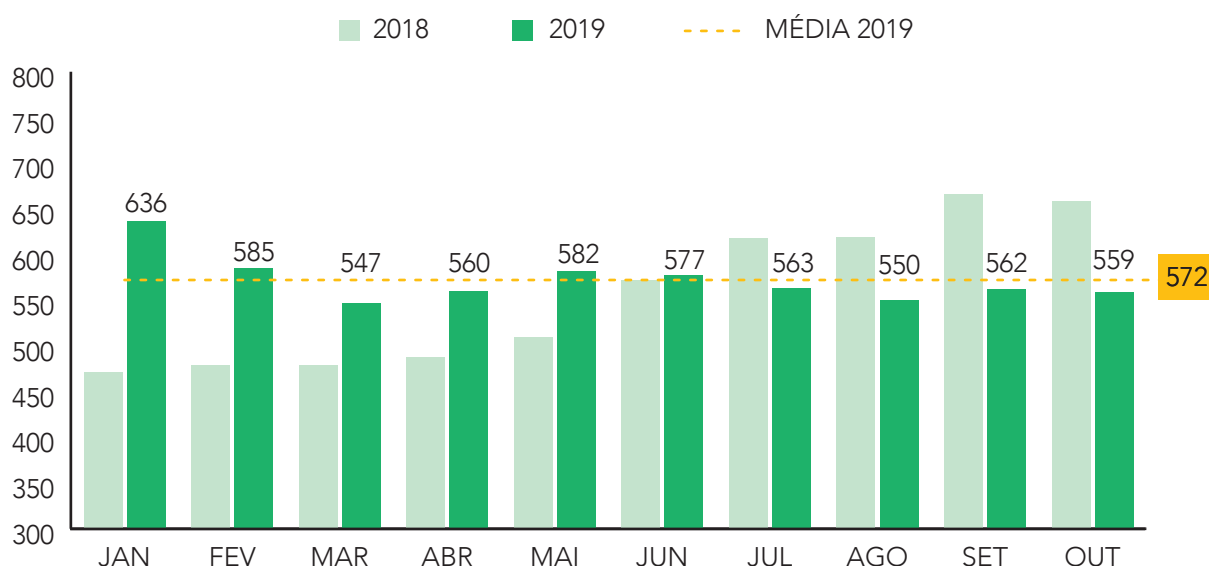
A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção do Trigo demonstra que fertilizantes, agroquímicos, sementes e *royalties* representam 53% do total do COT. Assim, na gestão da atividade rural

mais da metade dos componentes do custo de produção são suscetíveis a estratégia de aquisição do produtor. Os componentes do custo como óleo diesel, mão de obra, frete, tributos, seguro e financiamento do capital de giro (34% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

A gestão dos riscos da atividade remete ao estudo do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumente sua lucratividade.

Gráfico 25 - Custo dos Fertilizantes para Trigo no RS, em R\$/ha



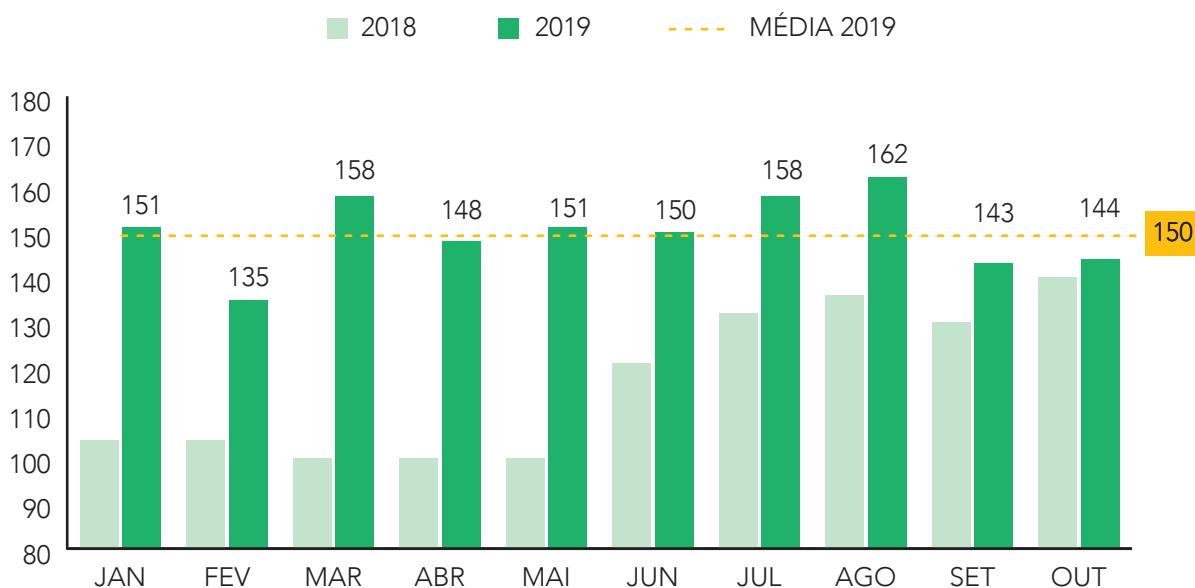
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Nos últimos anos, **o melhor resultado para a aquisição dos fertilizantes foi no primeiro semestre do ano.** Conforme pode ser observado no gráfico anterior, em 2019 o mês de março foi o que apresentou o melhor preço. Os produtores que conseguiram comprar em março obtiveram uma economia no custo por hectare de R\$ 26,25 se comparado com a média do custo em 2019.

A análise, nos agroquímicos, para **o melhor momento da aquisição remete ao meio do ano** para os herbicidas. Em 2019 a estratégia acabou sendo divergente do regular: o mês de fevereiro despontou como o melhor período para a aquisição. Os produtores que conseguiram comprar o insumo em fevereiro apresentaram uma economia no seu custo

por hectare de 10%, em relação à média anual.

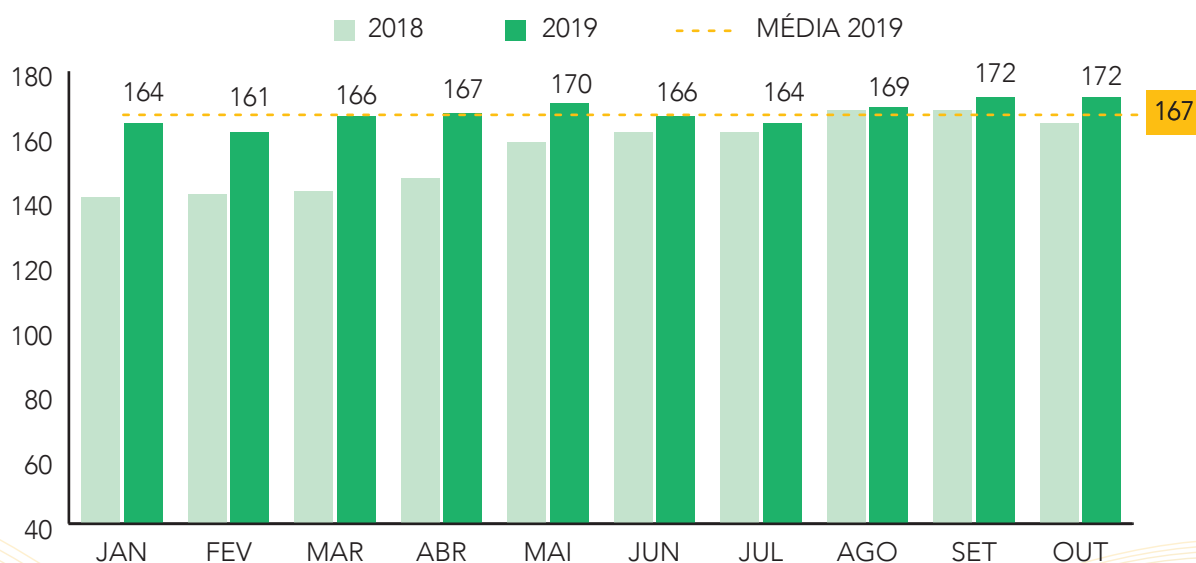
Gráfico 26 - Custo dos Herbicidas para Trigo no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Nos últimos anos o melhor momento de compra dos inseticidas foi durante os primeiros meses do ano, e neste ano não foi diferente. A despesa com esse insumo em fevereiro foi 5% menor do que em maio, mês de início do plantio.

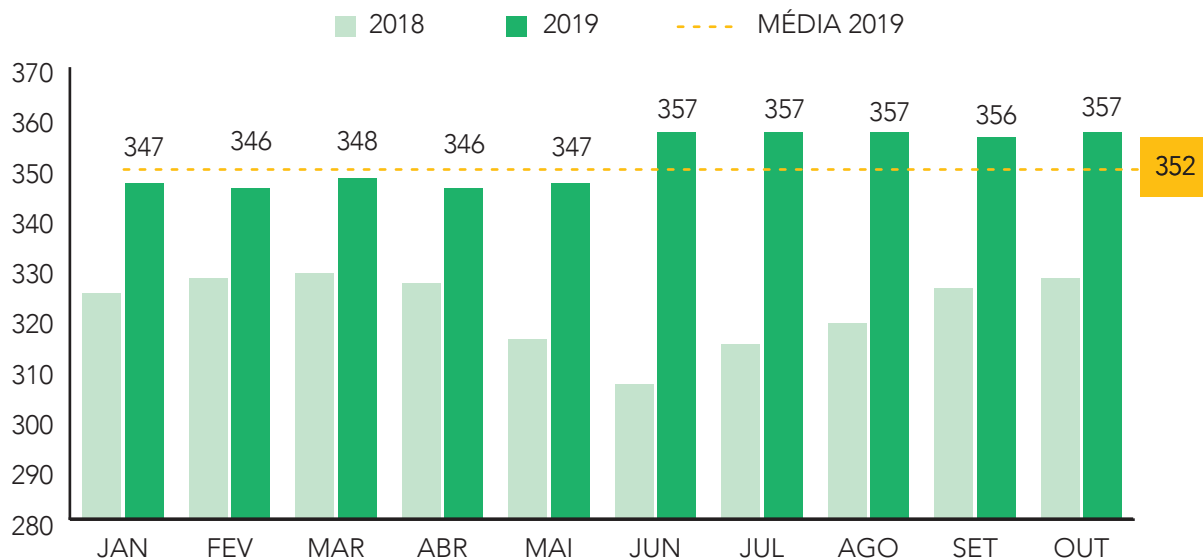
Gráfico 27 - Custo dos Inseticidas para Trigo no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Os fungicidas possuem tendência de melhor compra em maio, contudo, neste ano, os meses de fevereiro e abril apresentaram o melhor preço. É importante ressaltar que, embora o mês de maio não tenha apresentado a melhor cotação, ainda assim, o preço teve um resultado bom e ficou abaixo da média do ano. Isso pode ser observado no Gráfico 28.

Gráfico 28 - Custo dos Fungicidas para Trigo no RS, em R\$/ha



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

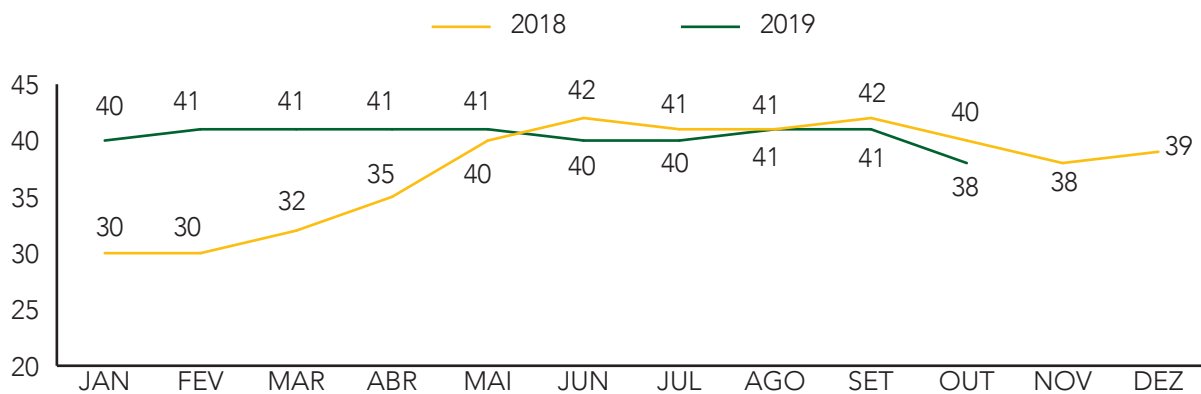
Margem de Lucratividade do Trigo

Conforme o USDA, neste ano a lavoura de Trigo no Brasil apresentou um avanço de 6,6% da área colhida, acarretando em um aumento considerável da produção. Tal conjuntura foi reflexo da valorização do preço apresentado pelo grão no início de 2019, que estimulou o produtor para essa safra.

A expectativa para a safra 2019 é de aumento de 7,3% da oferta total doméstica, puxada por uma expectativa de produção de trigo 27,3% maior, segundo dados da USDA. Entretanto, a mesma segue em níveis menores que nos anos de 2016 e 2017. Esse resultado de elevação na produção (conforme foi supracitado), associado a um aumento de 11% das importações nacionais, contribuiu para uma oferta total 12% maior que a demanda total nacional. Tal resultado colaborou para uma manutenção dos estoques brasileiros em 2019.

Entretanto, mesmo com uma projeção de aumento da produção e manutenção dos estoques finais, neste ano a oferta ainda está no processo de recuperação da queda de 37% da produção no ano passado. Em 2018 o preço médio do cereal no período de janeiro e outubro foi R\$ 37,26/sc 60 kg, enquanto que em 2019 o preço médio está na casa de R\$ 40,43/sc 60 kg, apresentando uma elevação de **9% da cotação** no período.

Gráfico 29 - Preço do Trigo no RS, em R\$/sc 60kg

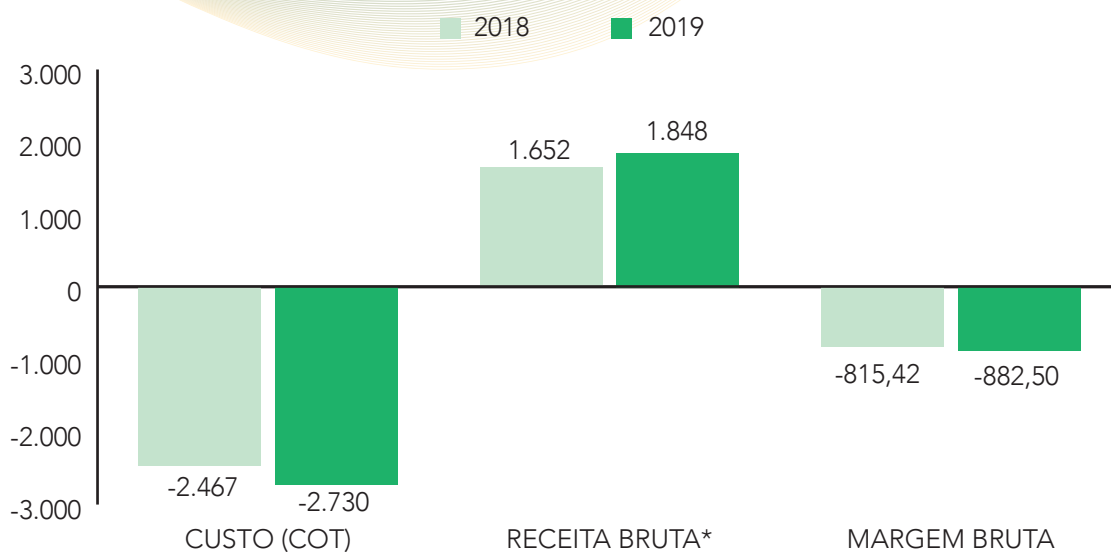


Fonte: Cepea/Esalq • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

O comparativo da rentabilidade do Trigo na safra 2019 versus safra 2018 pode ser verificado no Gráfico 30. Há elevação no COT (maio como mês de referência) de 11%, principalmente, via aumento nos custos de fertilizantes (14%), fungicidas (10%), e sementes (34%).

Para orçamentação do Trigo em 2019, houve um avanço de 12% na Receita Bruta acompanhado de um acréscimo do COT em 11%, que provavelmente resultará na continuidade dos prejuízos nas lavouras de trigo neste ano. O cenário é de um aumento no resultado negativo, de -R\$ 815,42/ha em 2018, para R\$ -882,50/ha em 2019. **É importante destacar que os estudos que produzimos são uma "fotografia" do preço em outubro de 2019 - no período em que a safra está sendo colhida, então se espera que as cotações caiam nos últimos meses do ano com a finalização da colheita. Para 2020, a expectativa do USDA é de que a produção caia levemente, contribuindo para uma queda nos estoques finais. Entretanto, essa projeção ainda poderá ser revisada para baixo, caso as cotações se mantenham baixas nos primeiros meses do ano que vem.** A propriedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Carazinho.

Gráfico 30 - Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta e Margem Bruta da safra 2019 do Trigo no RS, em R\$/ha



Fonte: Cepea/Esalq • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

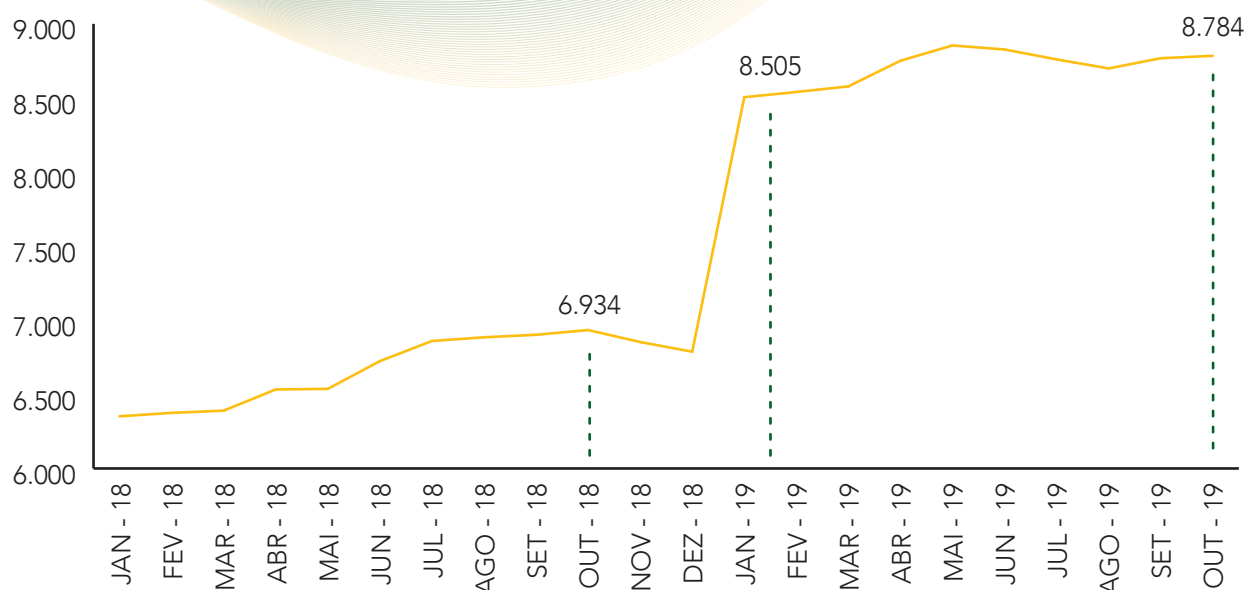
(*) Receita Bruta a partir dos preços de abr/19: R\$ 41,39/saca 60kg; out/19: R\$ 38,49/saca 60kg

1.2.5 Leite

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais as Depreciações (benfeitorias, máquinas e etc.), é o indicador mais importante para avaliar a atividade rural no longo prazo.

Em 2018 foi realizado uma nova série de levantamentos de custo de produção da pecuária de leite, processo que ocorre a cada dois anos no Rio Grande do Sul. **Destacamos que no levantamento de dados em painel de pecuária de leite - que é um método estatístico utilizado para determinar informações de diversas unidades amostrais - para o ano passado recebeu uma atualização do pacote tecnológico das propriedades analisadas e, essa modificação, somente foi aplicada no início desse ano. Então, como essa defasagem entre os painéis são de 2 anos, e nesse período de tempo o pacote tecnológico sofre uma série alterações, os resultados de COT a partir de janeiro de 2019 apresentaram um salto se comparado com o acompanhamento de 2018.**

Gráfico 31 - Evolução Mensal do Custo Operacional Total do Leite no RS, em R\$/ha



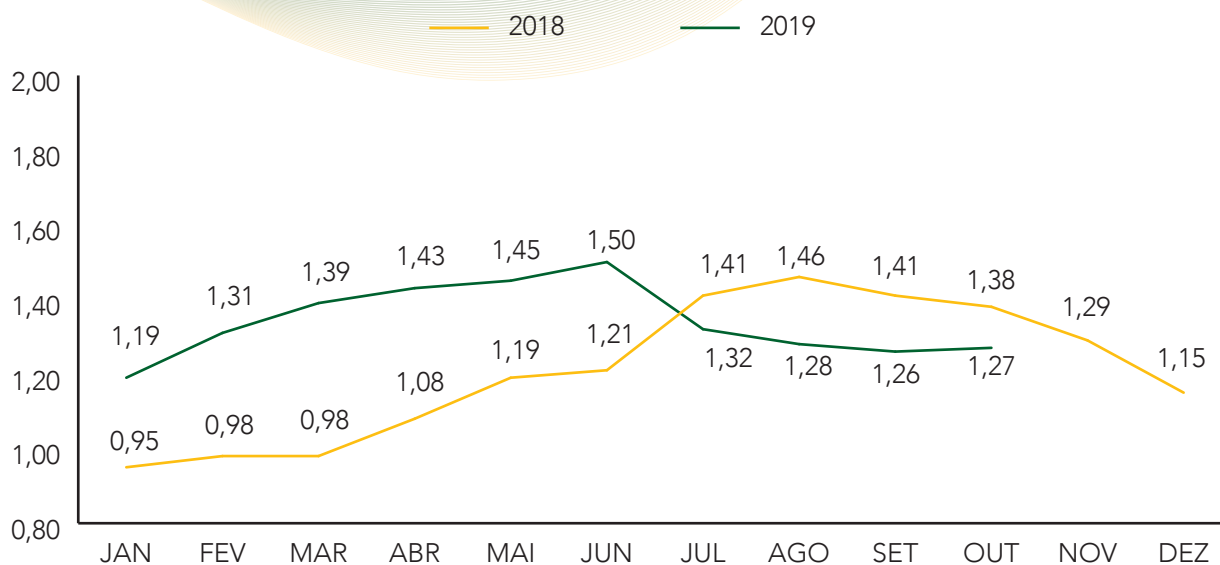
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Analisando os custos de setembro de 2019 para com o mesmo período do ano anterior, foi registrado um aumento de 27%, devido a atualização que foi mencionada anteriormente no texto dos painéis de custo de produção de pecuária de leite em 2018. Já no acumulado do ano (janeiro até setembro) o COT demonstrou uma alta de 3%. O comportamento mensal do COT pode ser observado no gráfico anterior.

Margem de Lucratividade do Leite

No ano passado, o setor de lácteos passou por uma crise na demanda interna que comprometeu todos os elos da cadeia produtiva e que impactou as margens de lucratividade do leite, tanto da indústria como do produtor. Neste ano o setor ainda tem enfrentado essa complicada conjuntura, sendo que o alto custo de produção e os preços em queda, a partir do segundo semestre do ano, estão comprometendo as margens em 2019. O cenário projetado é de aumento modesto na produção e reação fraca da demanda, depois de dois anos de consumo estagnado. A expectativa é de uma oferta ainda muito ajustada a demanda, contribuindo para uma melhora nas cotações do preço ao produtor. O preço no Rio Grande do Sul registrou alta de 7% na comparação de janeiro com setembro de 2019.

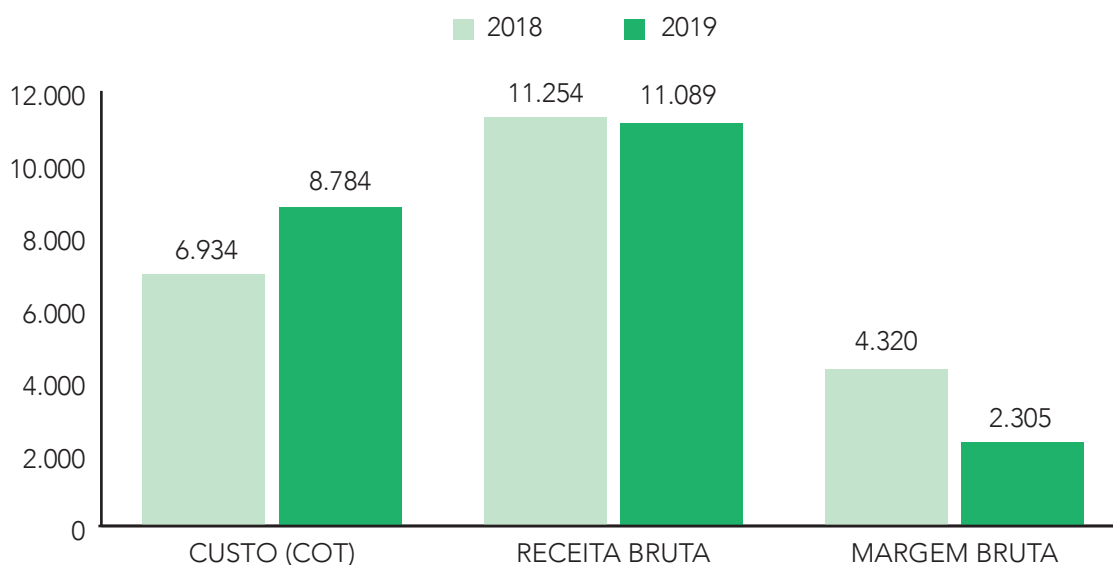
Gráfico 32 - Preço Médio Mensal Líquido do Leite no Rio Grande do Sul, em R\$ por litros



Fonte: Cepea/Esalq • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

O preço do litro de Leite no Rio Grande do Sul, em outubro de 2019, foi de R\$ 1,27/litro. Esse valor foi 8% menor do que a cotação em outubro de 2018 (R\$ 1,38/litro). Além disso, a partir do Gráfico 32 pode-se observar que a partir do segundo semestre de 2019 os preços iniciam sua trajetória de desvalorização - entre os meses de junho e julho o preço apresentou retração de 12% - e se mantém em queda até outubro.

Gráfico 33 - Orçamentação da Pecuária de Leite em 2018 do Custo Operacional Total, Receita Bruta e Margem Bruta da Safra 2019 no RS (R\$/ha)



Fonte: Cepea/Esalq • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Para 2019, estima-se uma diminuição da margem bruta. Entretanto, essa queda na Margem Bruta está relacionada com a mudança dentro do pacote tecnológico do levantamento, que foi aplicado nesse ano. Projeta-se uma redução modesta de 1% na receita bruta, que advém da desvalorização do preço ao produtor registrado a partir do segundo semestre de 2019. **É importante destacarmos que se deve sempre ter muita cautela com estas projeções, contudo o cenário que vem se configurando para 2019 é de uma rentabilidade inferior ao do ano passado caso o preço siga em trajetória de queda até dezembro.**

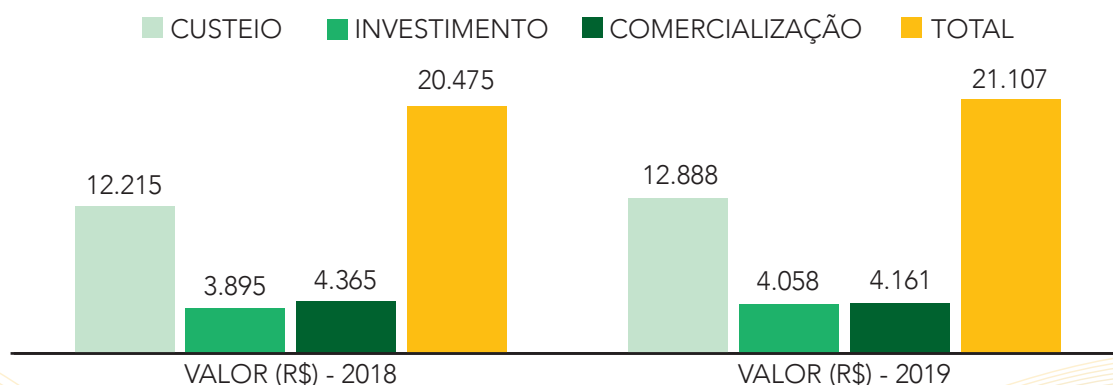
1.3 ANÁLISE DO CRÉDITO RURAL DO RIO GRANDE DO SUL

Por Ruy Augusto da Silveira Neto

O volume total dos recursos anunciados pelo Governo Federal para o Plano Safra 2019/2020 foi de R\$ 225 bilhões, aumento de 16% se comparado com o montante anunciado na safra anterior. As taxas de juros de custeio e comercialização seguem nos mesmos patamares da safra passada (6% a.a.) para os médios produtores (renda bruta anual até R\$ 2 milhões) e aumentaram de 7% para 8% ao ano para os demais produtores. Esse aumento, nos juros controlados para os grandes produtores, demonstra a falta de alinhamento do Plano Agrícola 2019/2020 com a atual política monetária do Governo Federal. Com a atual taxa Selic, que está vigente em 5,0% ao ano, os produtores que apresentem renda bruta superior a R\$ 2 milhões podem ter acesso a recursos livres abaixo do controlado. Mesmo com o anúncio de um Plano Safra superior ao do ano anterior, sem uma devida adequação dos juros controlados à atual realidade do mercado, os valores anunciados irão cada vez mais se distanciar dos valores efetivamente retirados.

Os valores totais tomados neste Plano Safra demonstram um aumento na comparação com o do ano anterior. Os contratos continuam em queda no geral, comprovação de que a seletividade contínua dentro do Crédito Rural cada vez mais afasta os produtores do ambiente controlado e até mesmo para fora do ambiente bancário. O custeio demonstrou uma redução nos contratos, embora tenha apresentado uma elevação nos valores tomados. O investimento também apresentou queda nos contratos e aumento nos valores tomados, reflexo do aumento dos juros praticados na carteira para essa safra. A comercialização exibiu elevação considerável no número de contratos, principalmente nos primeiros meses do ano, devido às cotações mais baixas de Arroz e Soja no início de 2019 – entretanto, os valores destinados diminuiriam no período.

Gráfico 34 - Comparativo do Crédito Rural Tomado pelos Produtores do RS entre janeiro e outubro de 2018 e 2019, em R\$ milhões.



Fonte: Banco Central do Brasil • Elaboração: Assessoria Econômica / Sistema Farsul

No período entre janeiro e outubro de 2019 observamos que o total tomado atingiu R\$ 21,1 bilhões para o RS, ou seja, um aumento de 3% em relação ao mesmo período de 2018, que é um resultado fraco se comparado com o avanço do ano anterior. Todavia, os números de contratos seguem em baixa de 8% no mesmo período, reflexo das persistentes dificuldades vistas nos últimos anos na hora da tomada do crédito.

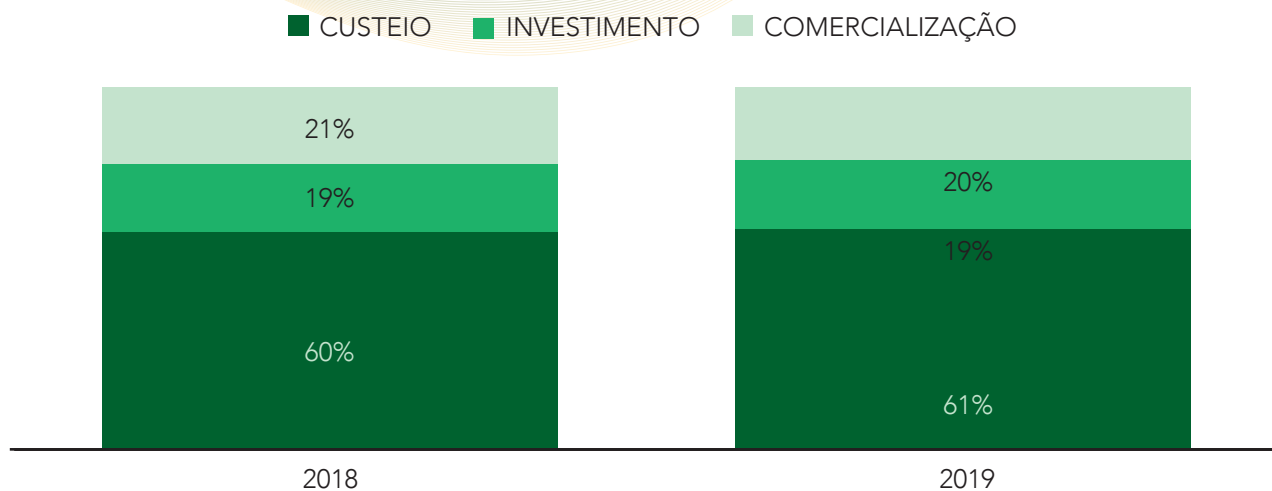
Tabela 8 - Total de Crédito Rural Tomado até outubro de 2019 no RS, em R\$ milhões

MÊS	FINALIDADE						TOTAL	
	CUSTEIO		INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO		CONTRATO	VALOR (R\$)
	CONTRATO	VALOR (WR\$)	CONTRATO	VALOR (R\$)	CONTRATO	VALOR (R\$)		
JANEIRO	3.499	213,95	2.112	178,50	707	303,11	6.318	695,56
FEVEREIRO	5.310	298,70	3.095	289,77	464	277,16	8.869	865,62
MARÇO	8.519	557,74	2.863	404,85	659	272,40	12.041	1.234,99
ABRIL	12.717	799,01	3.494	431,29	1.083	660,94	17.294	1.891,24
MAIO	15.470	1.201,62	2.467	297,57	1.482	787,12	19.419	2.286,31
JUNHO	11.042	1.305,16	1.455	197,66	1.013	532,78	13.510	2.035,60
JULHO	41.711	2.483,05	2.396	233,65	924	377,02	45.031	3.093,72
AGOSTO	64.446	3.323,38	5.752	585,76	522	274,40	70.720	4.183,54
SETEMBRO	29.598	1.624,66	6.802	582,53	466	280,60	36.866	2.487,79
OUTUBRO	20.296	1.080,67	9.317	856,04	658	395,67	30.271	2.332,38
TOTAL GERAL	212.608	12.887,95	39.753	4.057,61	7.978	4.161,18	260.339	21.106,74

Fonte: BCB/DIORF/DEROP/DIORE • Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR)

A participação do Custeio no total do crédito aumentou em 1% no Estado do RS, tendo representado, até outubro, 61% do total tomado de Crédito Rural. O Investimento manteve o mesmo percentual de participação do ano passado, representando 19% do crédito. A comercialização diminuiu em 1% sua participação na carteira do Crédito Rural, como pode ser analisado no Gráfico 35.

Gráfico 35 - Participação do Custeio, Investimento e Comercialização dentro da Carteira de Crédito Rural tomado no RS em 2018 e 2019, em percentual



Fonte: Banco Central do Brasil • Elaboração: Assessoria Econômica / Sistema Farsul

1.3.1 Análise do Custeio

O valor tomado para Custeio no período de janeiro até outubro de 2019 apresentou um avanço de 6%, se comparado com igual período de 2018. Os contratos, no mesmo período de 2019, diminuíram 8% na comparação com 2018. A queda no número de contratos continua é reflexo da seletividade do crédito, via maior restrição e exigências impostas aos produtores.

Na comparação entre os resultados do crédito tomado no primeiro semestre com os do segundo semestre, observamos que os contratos recuaram 11% no segundo semestre do ano se comparado com o mesmo período de 2018 – resultado do acesso mais restrito para o produtor na segunda metade do ano. Essa queda nos contratos de custeio, principalmente após o anúncio do Plano Safra 19/20, confirma que parte dos produtores estão fora do sistema bancário. Tal realidade se deteriora ano após ano, fazendo com que muitos produtores tenham de recorrer a outros mecanismos de financiamento e, por consequência, tenham de sustentar custos financeiros mais elevados.

Tabela 9 - Crédito Rural Tomado para Custeio no RS entre janeiro e outubro de 2018 e 2019

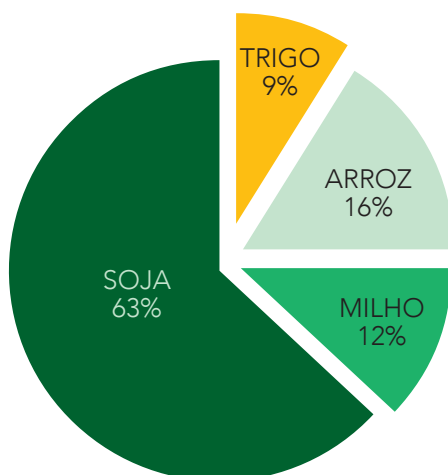
MÊS	CUSTEIO		CUSTEIO		VAR. (18/19)	
	CONTRATOS 2018	CONTRATOS 2019	VALOR (R\$) 2018	VALOR (R\$) 2019	CONTRATOS	VALOR
JAN	4.031	3.499	277.383.360,31	213.951.348,22	-13%	-23%
FEV	4.287	5.310	272.679.897,92	298.697.549,01	24%	10%
MAR	9.407	8.519	584.940.164,53	557.744.226,56	-9%	-5%
ABR	11.538	12.717	864.876.599,66	799.010.568,58	10%	-8%
MAI	15.531	15.470	1.142.230.107,37	1.201.619.220,96	0%	5%
JUN	12.462	11.042	1.166.248.684,33	1.305.164.722,49	-11%	12%
JUL	42.781	41.711	2.143.180.726,23	2.483.050.364,38	-3%	16%
AGO	77.499	64.446	3.187.072.588,91	3.323.380.964,63	-17%	4%
SET	34.049	29.598	1.530.485.027,83	1.624.660.574,71	-13%	6%
OUT	20.680	20.296	1.045.481.704,53	1.080.668.462,30	-2%	3%
TOTAL	232.265	212.608	12.214.578.861,62	12.887.948.001,84	-8%	6%

Fonte: BCB/DIORF/DEROP/DIORE • Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) • Elaboração: Sistema Farsul

Devido ao aumento considerável no valor tomado, apesar da queda no número de contratantes, o valor médio tomado por produtos aumentou em 15%. A média do saque de custeio por produtor subiu de R\$ 52,6 mil em 2018 para R\$ 60,6 mil em 2019.

Dentre os grãos, a Soja continua sendo responsável pela captura da maior parte do crédito em 2019. A sua participação teve incremento de 1 ponto percentual, sendo o destino de 63% do crédito, seguido do Arroz, Milho e Trigo.

Gráfico 36 - Participação dos Principais Grãos no Custeio da Carteira de Crédito Rural do Estado em 2019 (jan-out), em percentual.



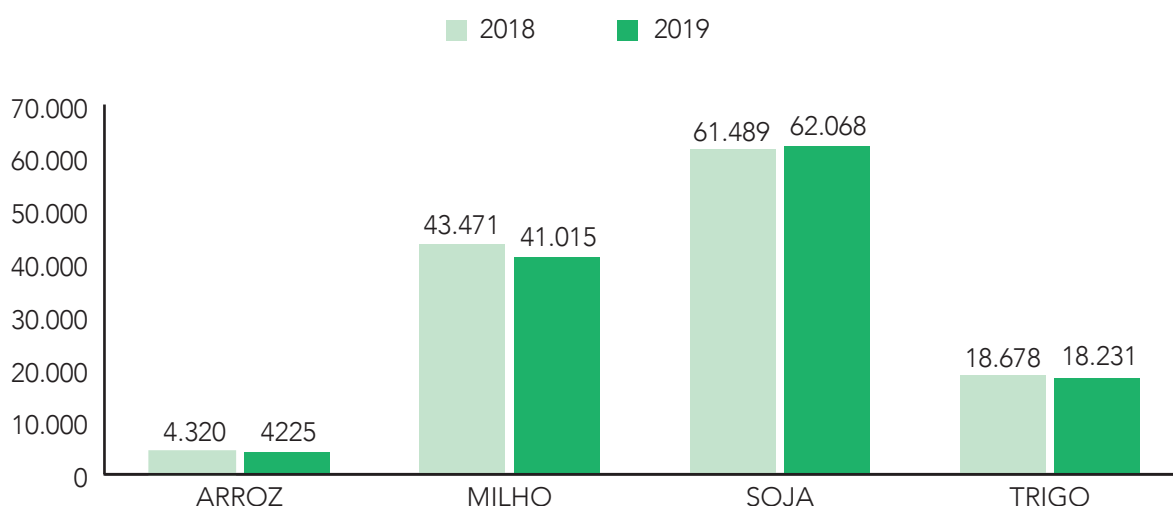
Fonte: Banco Central do Brasil • Elaboração: Assessoria Econômica / Sistema Farsul

No custeio da carteira de crédito rural do RS, o Arroz diminuiu a sua participação, perdendo 3 pontos percentuais. Por sua vez, o Milho e o Trigo mantiveram os mesmos percentuais de participação do ano passado na carteira.

Os números de contratos tomados no período de janeiro a outubro de 2019 recuaram em relação ao ano passado para o Arroz (-2%), Milho (-6%) e Trigo (-2%). Em contrapartida, a Soja aumentou em 1% o número de contratos no período.

Os produtores de Arroz seguem com acesso limitado ao pré-custeio e, no primeiro semestre de 2019, o número de contratos foi 10% menor que na primeira metade de 2018. Essa tendência de queda nos contratos de pré-custeio se repetiu novamente em 2019, e vem se agravando safra após safra.

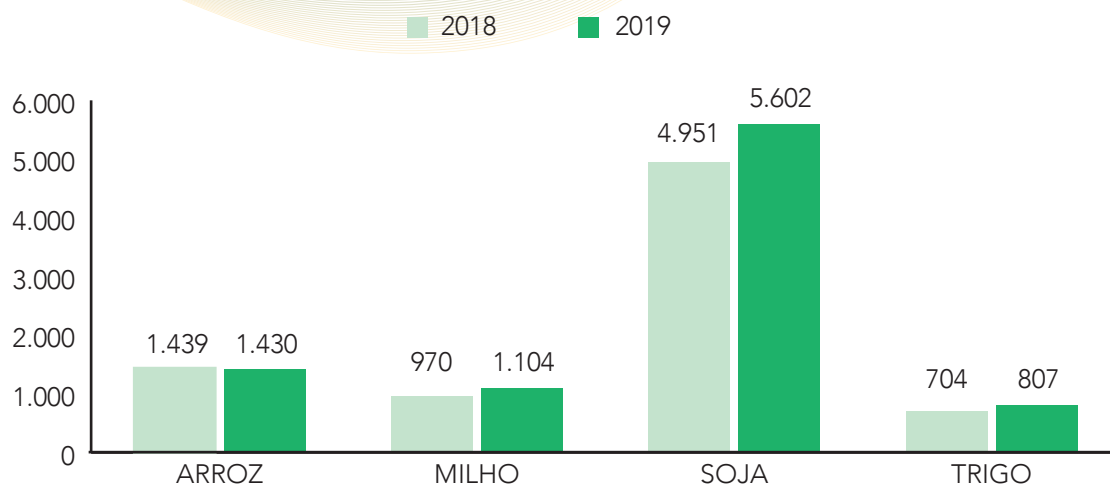
Gráfico 37 - Número de Contratos Tomados para os principais grãos do Estado entre janeiro e outubro de 2018 e 2019



Fonte: Banco Central do Brasil • Sistema de Operação de Crédito Rural e do Proagro (SICOR)
Elaboração: Assessoria Econômica / Sistema Farsul

Os valores totais sacados no Estado para custeio dos principais grãos, no período de janeiro a outubro de 2019, cresceram em Milho (14%), Soja (13%) e Trigo (15%). Somente o Arroz apresentou queda (-1%) nos valores sacados no período.

Gráfico 38 - Total de Valores Tomados para Arroz, Milho, Soja e Trigo entre janeiro e outubro de 2018 e 2019, em R\$ milhões



Fonte: Banco Central do Brasil • Elaboração: Assessoria Econômica / Sistema Farsul

1.3.2 Análise do Investimento

O valor total no período de janeiro a outubro de 2019 aumentou 4% na relação com igual período de 2018. No que diz respeito ao número de contratos, houve queda de 9% frente ao mesmo período de 2018.

Os produtores seguem com um pé atrás em relação as expectativas para economia brasileira, mas em grau menor que nos anos anteriores. Em 2018 o Governo Federal havia diminuído os juros destinados aos investimentos, mas, devido ao retorno do aumento dos juros em 2019, os produtores foram desestimulados a realizar investimentos e que, por sua vez, refletiu no número de contratos.

Tabela 10 - Crédito Rural Tomado para Investimento entre janeiro e outubro de 2018 e 2019

MÊS	INVESTIMENTO		INVESTIMENTO		VAR. (18/19)	
	CONTRATOS 2018	CONTRATOS 2019	VALOR (R\$) 2018	VALOR (R\$) 2019	CONTRATOS	VALOR
JAN	2.113	2.112	187.681.265,13	178.499.750,75	0%	-5%
FEV	2.724	3.095	221.003.372,09	289.768.006,38	14%	31%
MAR	3.583	2.863	382.440.048,79	404.845.211,73	-20%	6%
ABR	3.911	3.494	384.501.828,38	431.286.389,15	-11%	12%
MAI	5.965	2.467	482.157.404,61	297.571.272,56	-59%	-38%
JUN	4.480	1.455	360.544.847,43	197.661.178,00	-68%	-45%
JUL	2.479	2.396	180.289.068,29	233.647.833,37	-3%	30%
AGO	5.774	5.752	523.238.221,42	585.761.314,57	0%	12%
SET	5.689	6.802	514.436.571,75	582.530.551,29	20%	13%
OUT	7.182	9.317	659.040.905,96	856.037.241,28	30%	30%
TOTAL GERAL	43.900	39.753	3.895.333.533,85	4.057.608.749,08	-9%	4%

Fonte: BCB/DIORF/DEROP/DIORE • Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) • Elaboração: Sistema Farsul

As taxas de juros praticadas no Plano Safra 2019/2020 subiram em média 15%, o que resultou em um ambiente de investimentos menos atrativo para esse ano. Como houve um aumento considerável nos juros, os produtores acabaram tomando uma posição mais conservadora na hora de investir em capital fixo. Essa queda no número contratos seguido de um aumento no valor total, se refletiu em um valor médio tomado pelos produtores 15% maior em 2019.

Tabela 11 - Comparativo das Taxas de Juros de Investimento Dentro da Carteira do Crédito Rural de 2018 para 2019

FINALIDADE	TAXA DE JUROS 2018	TAXA DE JUROS 2019	VAR. (18/19)
MODERFROTA	9,5%	10,5%	10,5%
PROGRAMA ABC	6,0%	7,0%	16,7%
PCA	6,0%	7,0%	16,7%
INOVAGRO	6,0%	7,0%	16,7%
PRONAMP	6,0%	7,0%	16,7%
MODERINFRA	7,0%	8,0%	14,3%
MODERAGRO	7,0%	8,0%	14,3%
PRODECOOP	7,0%	8,0%	14,3%

Fonte: Ministério da Agricultura e Abastecimento • Elaboração: Sistema Farsul

Analisando os principais produtos que compõem a carteira de investimento no período de janeiro a outubro de 2019, os contratos apresentaram queda nos seguintes produtos: adubação intensiva do solo (-24%), armazém (-12%), irrigação (-60%), colheitadeiras (-0,21%), máquinas e implementos (-11%), silos (-36%), tratores (-9%), frutas (5%), pecuária (-20%) e outros (-40%). Somente veículos (9%) e benfeitorias (83%) apresentaram aumento no período analisado.

Tabela 12 - Participação dos Principais Tipos de Produtos Dentro da Carteira de Investimento do Crédito Rural entre janeiro e outubro de 2018 e 2019

MÊS	INVESTIMENTO (Nº DE CONTRATOS)		INVESTIMENTO	
	2018	2019	VALOR (R\$) 2018	VALOR (R\$) 2019
ADUBAÇÃO INTENSIVA DO SOLO	3.036,00	2.307,00	264.094.034,23	260.622.213,72
ARMAZÉM, DEPÓSITOS E INSTALAÇÕES	2.914,00	2.562,00	342.546.167,64	413.394.654,12
CAMINHÕES, VEÍCULOS E UTILITÁRIOS	1.831,00	1.993,00	111.346.430,17	140.284.960,88
COLHEITADEIRAS	2.856,00	2.850,00	561.467.939,54	613.759.198,91
IRRIGAÇÃO	774,00	308,00	53.419.771,62	51.472.124,88
MÁQUINAS E IMPLEMENTOS	13.741,00	12.271,00	909.289.919,39	808.044.205,20
SILOS	402,00	258,00	104.018.763,63	85.753.573,92
TRATOR	7.397,00	6.709,00	656.445.557,07	679.929.262,87
FRUTAS	780,00	771,00	46.792.847,18	41.983.549,60
PECUÁRIA	7.019,00	5.650,00	609.761.963,51	565.496.093,15
BENFEITORIAS	1.775,00	3.247,00	114.269.668,21	218.901.842,50
OUTROS	1.375,00	827,00	121.880.471,66	177.967.069,33
TOTAL GERAL	43.900,00	39.753,00	3.895.333.533,85	4.057.608.749,08

Fonte: BDB/DIORF/DEROP/DIORE • Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) • Elaboração: Sistema Farsul

Os principais investimentos que apresentaram resultados positivos em seus valores tomados neste período foram: armazém (21%), veículos (26%), colheitadeiras (9%), tratores (4%), benfeitorias (92%) e outros (46%). Os Investimentos com resultados negativos em seus valores tomados neste período foram: adubação do solo (-1%), irrigação (-4%), máquinas e implementos (-11%), silos (-18%), frutas (-10%) e pecuária (-7%). Taxas de juros mais altas e uma expectativa ainda fraca de melhora no ambiente econômico fizeram com que, em 2019, os resultados ficassem aquém ao ano anterior.

1.3.3 Análise da Comercialização

A comercialização teve uma queda no valor de 5% no período de janeiro até outubro de 2019, se comparado com igual período de 2018. Os contratos apresentaram um aumento de 13%, evidenciando que a seletividade dentro do custeio fez com que os produtores procurassem realizar contratos de comercialização para conseguir melhores condições de custear a lavoura desse ano.

Tabela 13 - Crédito Rural Tomado para Comercialização entre janeiro e outubro de 2018 e 2019

MÊS	COMERCIALIZAÇÃO		COMERCIALIZAÇÃO		VAR. (18/19)	
	CONTRATOS 2018	CONTRATOS 2019	VALOR (R\$) 2018	VALOR (R\$) 2019	CONTRATOS	VALOR
JAN	563	707	219.553.478	303.106.691	26%	38%
FEV	485	464	223.646.769	277.159.432	-4%	24%
MAR	577	659	488.735.619	272.399.517	14%	-44%
ABR	736	1.083	882.314.056	660.941.561	47%	-25%
MAI	973	1.482	668.640.219	787.118.391	52%	18%
JUN	1.278	1.013	667.655.939	532.776.728	-21%	-20%
JUL	685	924	295.574.066	377.016.980	35%	28%
AGO	617	522	365.720.280	274.397.659	-15%	-25%
SET	469	466	198.769.951	280.598.475	-1%	41%
OUT	647	658	354.229.306	395.669.376	2%	12%
TOTAL	7.030	7.978	4.364.839.683	4.161.184.810	13%	-5%

Fonte: BDB/DIORF/DEROP/DIORE • Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) • Elaboração: Sistema Farsul

Dentro da carteira de comercialização do Crédito Rural, historicamente os principais produtos continuam sendo: Arroz, Milho, Soja e Trigo, que possuem a maior participação em termos de contratos e valores tomados. Nesse ano as 4 principais culturas do Estado aumentaram sua participação de 65% da carteira para 76%. O grande responsável por esse aumento na representatividade da carteira foi a Soja, que vem apresentando um crescimento constante dentro da comercialização nos últimos quatro anos.

Tabela 14 - Comparativo do Crédito Rural tomado para comercialização dos principais grãos do Rio Grande do Sul, entre 2018* e 2019*, em R\$ mil

GRÃOS	CONTRATOS			VALORES		
	2018	2019	Var % (18/19)	2018	2019	Var % (18/19)
ARROZ	2.239	2.293	2,41	1.254.816	1.374.928	9,57
MILHO	342	399	16,67	166.388	233.989	40,69
SOJA	1.652	2.690	62,83	1.140.033	1.297.745	13,83
TRIGO	305	289	-5,26	262.370	237.947	-9,30

Fonte: BDB/DIORF/DEROP/DIORE • Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) • Elaboração: Sistema Farsul
 (*) acumulado entre janeiro e outubro

Somente o Trigo registrou quedas nos valores comercializados entre os grãos analisados, apresentando uma retração de 9% nos valores sacados. Os valores contratados aumentaram 10% para o Arroz, 41% para o Milho e 14% para a Soja. Com preços internos menos valorizados nos primeiros meses de 2019, foi natural o aumento da procura por contratos de comercialização principalmente no Arroz e na Soja. Além disso, a falta de pré-custeio nesse ano também contribuiu para um avanço dos contratos, principalmente no primeiro semestre do ano.

Apenas o Trigo registrou quedas nos contratos de comercialização entre os grãos analisados, apresentando uma diminuição de 5%. Os números de contratos assumidos pelos produtores para comercialização no período de janeiro a outubro de 2019 subiram nos três grãos: Arroz (2%), Milho (17%) e Soja (63%). Como foi destacado anteriormente e pode ser observado na primeira tabela, foi no primeiro semestre que se concentrou grande parte do aumento na procura por mecanismos de comercialização. Devido à queda do valor tomado em comparação com o ano passado, e apesar do aumento considerável do número de contratantes, o valor médio tomado por produtor caiu em 16% - isto é, foi sacado, em média, menos por contratos do que no ano passado.

1.4 ANÁLISE E PERSPECTIVAS DA AGROPECUÁRIA MUNDIAL E BRASILEIRA

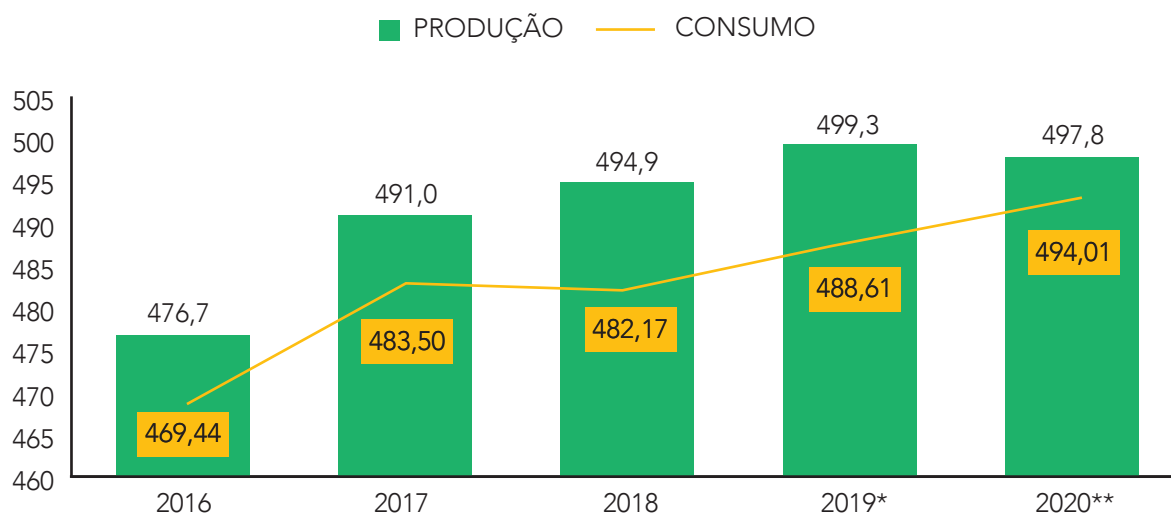
Danielle Guimarães, Conrado Zanferari e Nicolas Fenner

1.4.1 Arroz

Nos últimos anos, tanto a produção quanto o consumo apresentaram crescimentos lineares muito semelhantes. De 2010 a 2019 a produção mundial de arroz evoluiu numa média de crescimento de 1,24% ao ano, enquanto o consumo em 1,16% ao ano, ou seja, ambos evoluíram em percentuais muito semelhantes, conforme fica visível no gráfico a seguir. Ainda assim o mundo vem acumulando estoques cada vez maiores que, neste mesmo período, cresceram a uma taxa média de 6,2% ao ano, sendo a China responsável por quase 70% do estoque mundial.

A projeção para o ano de 2020 é de que o mercado reaja aos altos estoques, e a consequente queda dos preços, através da redução da área plantada em 0,6%, o que deve manter a produção praticamente inalterada. Por outro lado, o consumo deve seguir na sua trajetória de evolução com crescimento de 1,1%.

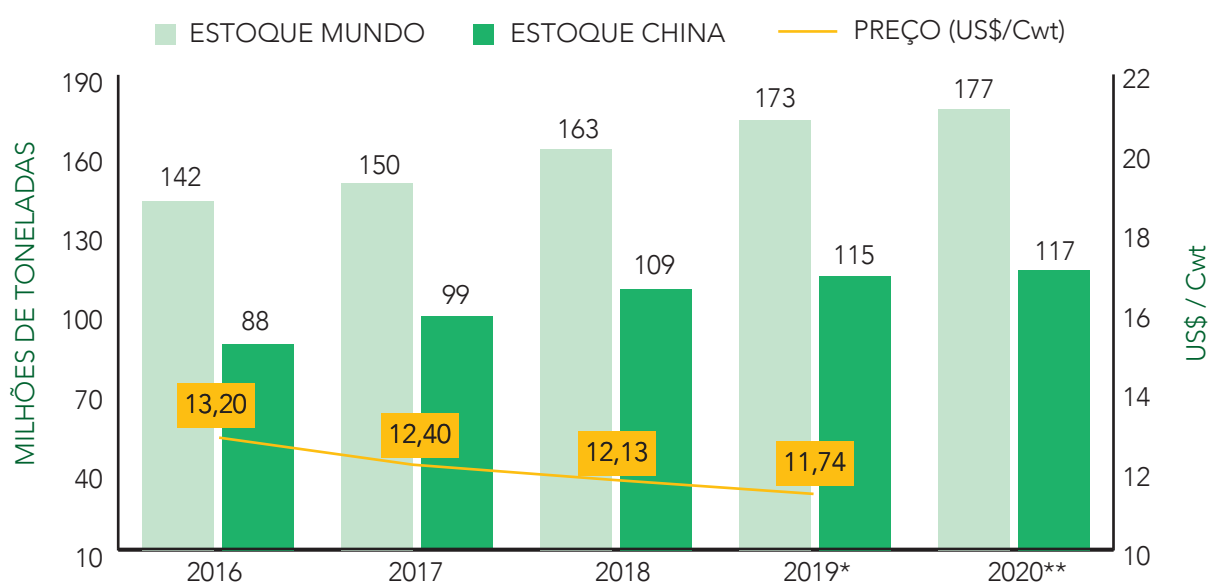
Gráfico 39 - Produção e consumo mundiais de arroz beneficiado, em milhões de toneladas



Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Apesar da estabilidade estimada para a produção em 2020, os estoques devem atingir o recorde de 177 milhões de toneladas. O aumento dos estoques mundiais deve ser reflexo do maior acúmulo de arroz na China, que representa quase 70% do total mundial. O gráfico a seguir mostra o comportamento de evolução dos estoques mundiais e chineses e o impacto que o maior acúmulo tem nos preços internacionais. Caso o cenário para 2020 se confirme é provável que os preços internacionais registrem mais um ano de queda.

Gráfico 40 - Comparação entre o estoque final do arroz beneficiado no mundo e na China e o preço internacional



Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
 Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

A China, que representa cerca de 1/3 da produção mundial, deve reduzir a área plantada em 2020, resultando em retração de 1,7% de sua produção. Apesar da menor produção, ainda assim a oferta de arroz na China deve aumentar, isso porque os estoques da safra 2019 vão se acumular e permitir o abastecimento interno do produto, sem necessidade de expansão das importações. Dessa forma, a China, que também representa 1/3 do consumo mundial, não deverá ter dificuldades para sustentar sua demanda.

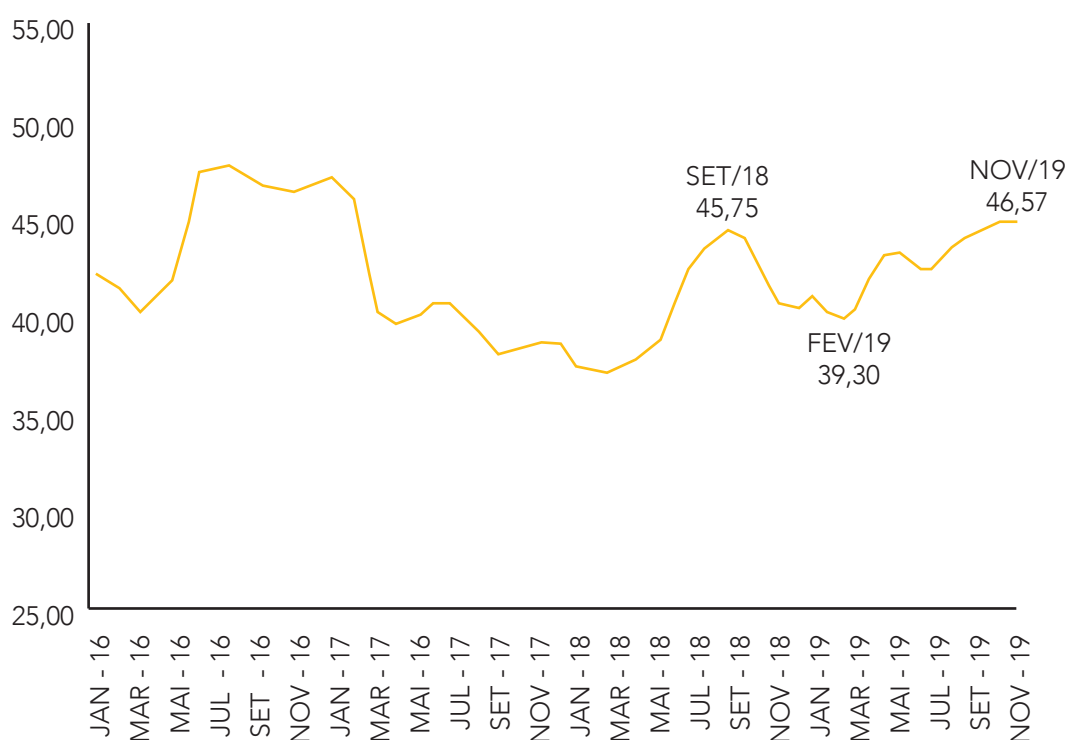
Tabela 15 - Produção e consumo mundiais de arroz beneficiado por país, em milhões de toneladas

	2016	2017	2018	2019*	2020**	VARIAÇÃO 18/19	VARIAÇÃO 19/20	PARTICIPAÇÃO
PRODUÇÃO								
CHINA	148,5	147,8	148,9	148,5	146,0	-0,3%	-1,7%	29%
ÍNDIA	104,4	109,7	112,8	116,4	115,0	3,2%	-1,2%	23%
INDONÉSIA	36,2	36,9	37,0	36,7	36,5	-0,8%	-0,5%	7%
BANGLADESH	34,5	34,6	32,7	35,0	35,5	7,2%	1,4%	7%
VIETNÃ	27,6	27,4	27,7	27,9	28,3	1,0%	1,4%	6%
TAILÂNDIA	15,8	19,2	20,6	20,3	20,5	-1,2%	0,8%	4%
BURMA	12,2	12,7	13,2	13,2	13,3	-0,2%	0,9%	3%
FILIPINAS	11,0	11,7	12,2	11,7	12,0	-4,1%	2,3%	2%
JAPÃO	7,9	7,9	7,8	7,7	7,8	-1,7%	1,9%	2%
PAQUISTÃO	6,8	6,8	7,5	7,4	7,5	-1,3%	1,4%	2%
BRASIL	7,2	8,4	8,2	7,1	7,1	-13,0%	0,0%	1%
OUTROS	65	68	66	67	68	1,4%	1,3%	14%
TOTAL	476,7	491,0	494,9	499,3	497,8	0,9%	-0,3%	100%
CONSUMO								
CHINA	141,0	141,8	142,5	143,0	143,0	0,3%	0,0%	29%
ÍNDIA	93,5	95,8	98,7	100,0	102,0	1,3%	2,0%	21%
INDONÉSIA	37,9	37,8	38,1	38,0	38,1	-0,3%	0,3%	8%
BANGLADESH	35,1	35,0	35,2	35,5	35,7	0,9%	0,6%	7%
VIETNÃ	22,5	22,0	21,5	21,5	21,6	0,0%	0,5%	4%
FILIPINAS	12,9	12,9	13,3	14,1	14,2	6,4%	0,7%	3%
TAILÂNDIA	9,1	12,0	11,0	11,7	11,4	6,4%	-2,6%	2%
BURMA	10,4	10,0	10,2	10,5	10,6	2,9%	0,5%	2%
JAPÃO	8,8	8,7	8,6	8,5	8,4	-1,2%	-1,2%	2%
BRASIL	7,9	7,9	7,8	7,6	7,6	-2,6%	0,7%	2%
OUTROS	90	100	95	98	101	3,0%	3,2%	21%
TOTAL	469,4	483,5	482,2	488,6	494,0	1,3%	1,1%	100%

Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
 Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

No relatório do ano passado apontamos como a crise econômica afetou o comportamento do consumidor brasileiro e refletiu em menor consumo de diversos alimentos, dentre eles o arroz. Diante desse cenário, o produtor viu no mercado externo uma possibilidade de escoar seu produto e não deixar as condições internas pressionarem os preços para baixo. Foi possível observar a valorização dos preços graças às exportações, atingindo um pico em setembro de 2018. A partir de então, mesmo se tratando de período de entressafra, as comercializações enfraqueceram e os preços apresentaram mais uma vez movimento de queda, conforme ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 41 - Preço do Indicador do Arroz Esalq/Senar-RS, em R\$/ 50kg



Fonte: Esalq/Senar-RS • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

Assim, os produtores reduziram, mais uma vez, a área destinada ao plantio de arroz e houve uma retração de 10% da produção em 2019 em relação ao ano anterior. A demanda também foi menor, tanto do mercado externo quanto interno, mas mesmo assim a queda da produção foi maior que a redução da demanda, o que gerou a necessidade de recorrer aos estoques para abastecer o mercado interno, vide tabela a seguir.

Tabela 16 - Fundamentos do mercado brasileiro de Arroz em casca, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2016	2017	2018	2019*	2020**	VAR % 18/19	VAR % 19/20
ÁREA COLHIDA (MILHÕES DE HA)	2,01	1,98	1,97	1,70	1,68	-13,8%	-1,2%
ESTOQUE INICIAL	0,94	0,45	0,92	0,72	0,34	-22%	-53,2%
PRODUÇÃO	10,60	12,33	12,07	10,80	10,80	-10%	0,0%
IMPORTAÇÃO	1,16	1,11	0,79	1,03	1,29	30%	24,9%
OFERTA TOTAL	12,70	13,90	13,77	12,55	12,42	-8,9%	-1,0%
CONSUMO INTERNO	11,62	11,69	11,40	11,18	11,50	-1,9%	2,9%
EXPORTAÇÃO	0,94	0,87	1,84	1,18	0,76	-36,0%	-35,7%
DEMANDA TOTAL	12,56	12,56	13,24	12,35	12,25	-6,7%	-0,8%
ESTOQUE FINAL	0,45	0,92	0,72	0,34	0,56	-53,2%	65,7%
ESTOQUE / CONSUMO	0,04	0,08	0,06	0,03	0,05	-52,2%	61,1%

Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica /Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Ainda sobre o ano de 2019, houve um temor dos produtores em relação às entradas de arroz dos países membros do Mercosul a preços mais baixos, podendo pressionar o mercado interno. Porém, nesse ano (entre janeiro e novembro), o Brasil importou da Argentina, Uruguai e Paraguai 165 mil toneladas de arroz, que equivalem a somente 5,4 dias de consumo no Brasil. Logo, a entrada do arroz dos países vizinhos no Brasil em 2019, apesar de ser maior que no ano anterior, não surtiu efeitos significativos pois ainda é muito baixo em relação à capacidade de absorção brasileira.

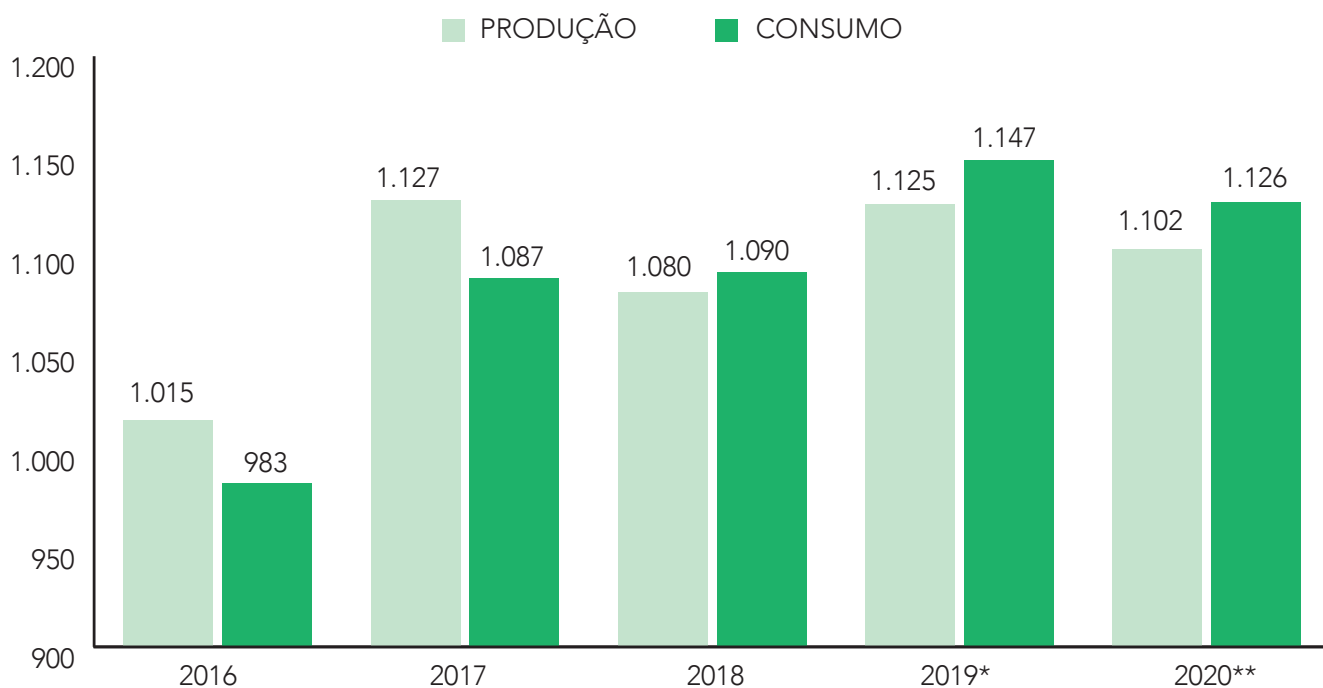
Para a safra 2020, o USDA acredita na estabilidade da produção brasileira de arroz. Entretanto, enfrentamos fortes chuvas no começo do plantio e agora, no momento em que este relatório está sendo escrito, o IRGA divulgou o Mapa de Situação de Semeadura que aponta que apenas 76% da intenção de semeadura foi plantada, quando nas últimas duas safras nesta época já havíamos atingido cerca de 90% da intenção de plantio. Com o atraso do plantio, consideramos que dificilmente a produção se manterá nos mesmos patamares e que, muito provavelmente, vislumbraremos redução da produção em 2020. Se os atrasos nos plantios resultarem em menor produção, o USDA deve atualizar sua projeção, o que pode resultar na valorização dos preços caso a demanda se mantenha aquecida. Em boa medida, o mercado já está precificando o cenário de menor oferta interna, visto que os preços persistiram em patamares elevados.

1.4.2 Milho

A safra 2019 foi marcada por rendimento médio mundial recorde, de 5.860 kg/ha. A alta produtividade permitiu a expansão de 4,2% da produção mundial, apesar do registro de queda da área destinada ao plantio. No mesmo período, o consumo mundial se elevou 5,2% estimulado pela demanda para ração, o que manteve a demanda de milho acima da oferta bem como na safra anterior.

Com os preços internacionais em queda desde 2012, a expectativa para a safra 2020 é de nova queda da área plantada de milho. Como espera-se condições climáticas de normalidade a produtividade deve reduzir para 5.750 kg/ha, o que ainda configura um bom nível de rendimento. Entretanto, a combinação de menor área e redução do rendimento por hectare deve resultar em produção mundial 2,0% menor, enquanto o consumo mundial deve reduzir 1,8%.

Gráfico 42 - Comparação entre produção e consumo mundiais de milho, em milhões de toneladas



Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

A produção mundial maior em 2019 teve como protagonista a produção da América Latina, em especial Brasil e Argentina. Ambos haviam enfrentado questões climáticas desfavoráveis na safra passada e agora, com a expectativa de retomada das condições de normalidade, devem expandir suas produções em 19 milhões de toneladas cada. No tocante ao consumo, a União Europeia e a China foram os maiores destaques, com demanda 11,5 e 10 milhões de toneladas superiores ao ano anterior respectivamente, onde grande parte do aumento foi destinado à produção de ração animal.

Na safra 2020 os Estados Unidos devem ser o maior protagonista. Do lado da produção, as questões climáticas atrasaram a colheita e impactaram no rendimento das lavouras, portanto, a expectativa é de que o país produza 19 milhões de toneladas a menos. O impacto deve ser observado também do lado da demanda, uma vez que se estima redução de quase 9 milhões de toneladas no consumo. Mesmo que este cenário se confirme, ainda assim o Estados Unidos deve se manter como maior produtor e consumidor de milho do mundo, conforme ilustra a tabela a seguir.

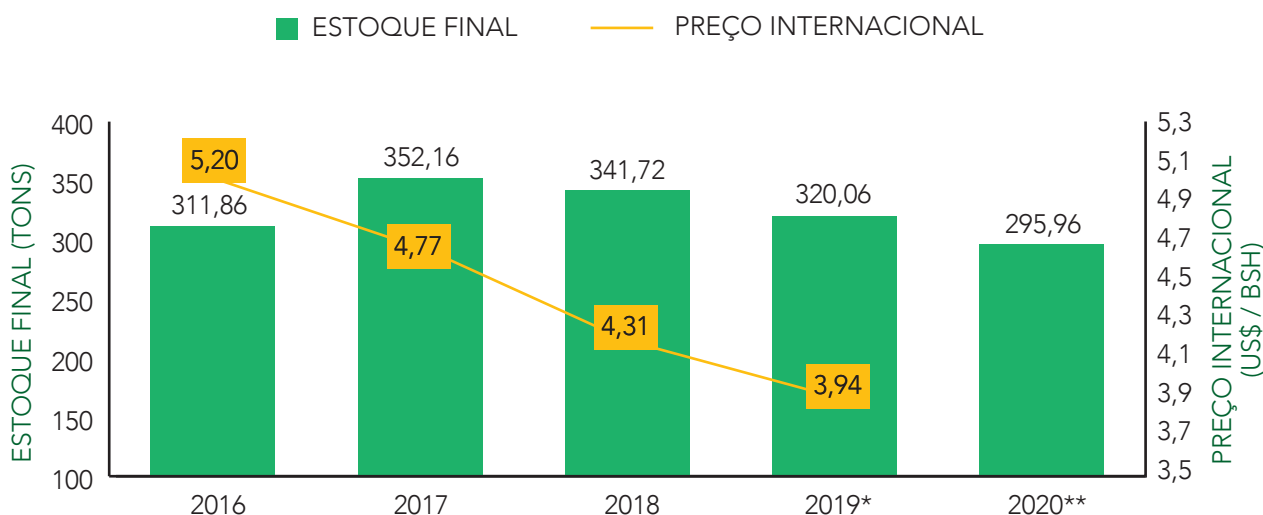
Tabela 17 - Produção e consumo mundiais de milho por país, em milhões de toneladas

	2016	2017	2018	2019*	2020**	VARIAÇÃO 18/19	VARIAÇÃO 19/20	PARTICIPAÇÃO
PRODUÇÃO								
EUA	346	385	371	366	347	-1,3%	-5,3%	31%
CHINA	265	264	259	257	254	-0,7%	-1,3%	23%
BRASIL	67	99	82	101	101	23,2%	0,0%	9%
UE-28	59	62	62	64	65	3,5%	0,5%	6%
ARGENTINA	30	41	32	51	50	59,4%	-2,0%	5%
UCRÂNIA	23	28	24	36	36	48,5%	-0,9%	3%
ÍNDIA	23	26	29	27	29	-5,3%	6,5%	3%
OUTROS	203	224	221	222	221	0,5%	-0,5%	20%
TOTAL	1.015	1.127	1.080	1.125	1.102	4,2%	-2,0%	100%
CONSUMO								
EUA	299	314	314	315	306	0,4%	-2,8%	27%
CHINA	229	255	263	273	277	3,8%	1,5%	25%
UE-28	74	74	77	88	83	15,0%	-6,3%	7%
BRASIL	58	61	64	66	66	3,1%	0,8%	6%
MÉXICO	37	40	43	44	44	3,3%	0,9%	4%
ÍNDIA	24	25	27	28	29	6,0%	2,5%	3%
EGITO	15	15	16	16	17	1,9%	3,1%	1%
OUTROS	248	303	288	317	304	9,8%	-3,9%	27%
TOTAL	983	1.087	1.090	1.147	1.126	5,2%	-1,8%	100%

Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Desde o ano passado o consumo vem superando a produção, mas em 2019 o consumo cresceu percentualmente mais que a produção, e o descolamento foi ainda maior. Para suprir a necessidade maior de demanda foi necessário recorrer aos estoques mais uma vez, o que deve impactar em queda de 6,3% dos estoques finais. Para a próxima safra devemos observar mais uma queda dos estoques a fim de sustentar o consumo acima da produção.

Gráfico 43 - Comparação entre o estoque final mundial de milho e o preço internacional



Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
 Notas: * Estimativa USDA; Preço médio CME Group (jan-nov). ** Projeção USDA

Nesta safra, o Brasil obteve o maior rendimento médio de milho já registrado no país graças às boas condições climáticas, de 5.770 kg/ha. Esse resultado, atrelado à maior área plantada, resultou na produção de 101 milhões de toneladas, configurando mais um recorde desta safra. A expansão da produção brasileira ao passo que os Estados Unidos enfrentaram intempéries climáticas possibilitou uma maior penetração do milho brasileiro no mercado mundial. Os tradicionais compradores dos Estados Unidos, como México e Colômbia, passaram a demandar quantidades maiores de milho do Brasil e, dessa forma, atingimos uma exportação de 39 milhões de toneladas, configurando um recorde histórico e consolidando o Brasil como segundo maior exportador de milho do mundo.

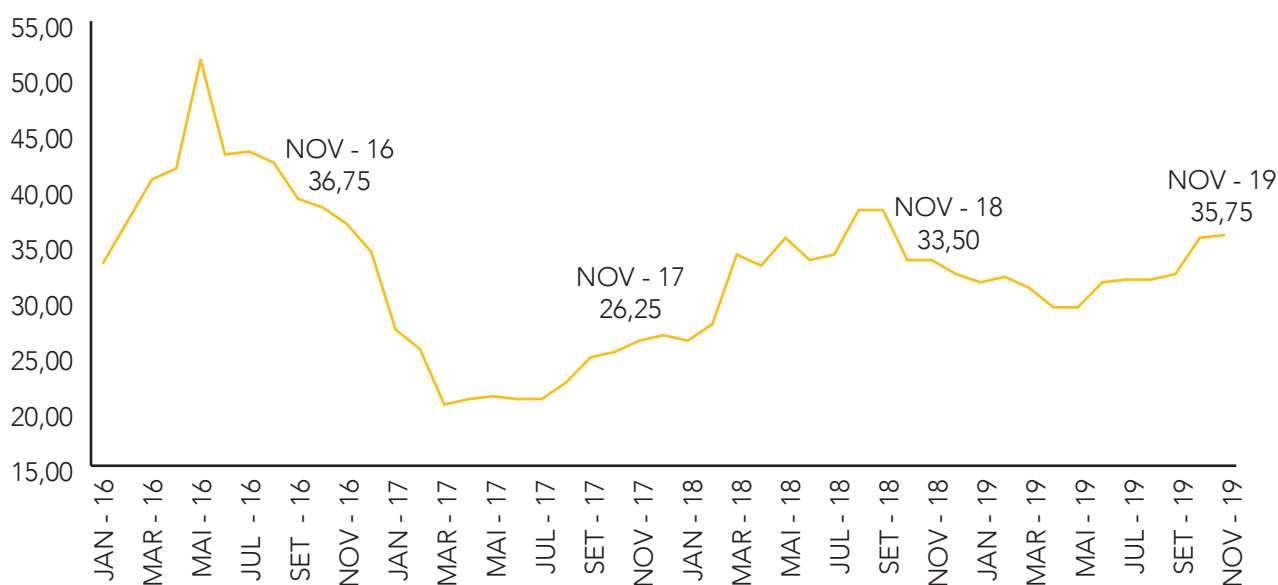
Tabela 18 - Fundamentos do mercado brasileiro de milho, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2016	2017	2018	2019*	2020**	VAR % 18/19	VAR % 19/20
ÁREA COLHIDA (MILHÕES DE HA)	16,00	17,60	16,60	17,50	18,10	5,4%	3,4%
ESTOQUE INICIAL	7,84	6,77	14,02	7,31	3,61	-47,8%	-50,6%
PRODUÇÃO	67,00	98,50	82,00	101,00	101,00	23,2%	0,0%
IMPORTAÇÃO	1,02	1,24	0,96	0,87	1,20	-9,4%	37,8%
OFERTA TOTAL	75,86	106,51	96,98	109,18	105,81	12,6%	-3,1%
CONSUMO INTERNO	57,50	60,50	63,50	65,50	66,00	3,1%	0,8%
EXPORTAÇÃO	35,38	19,79	25,12	39,00	38,00	55,3%	-2,6%
DEMANDA TOTAL	92,88	80,29	88,62	104,50	104,00	17,9%	-0,5%
ESTOQUE FINAL	1,45	5,27	2,41	3,61	5,08	50,1%	40,6%
ESTOQUE/CONSUMO	0,03	0,09	0,04	0,06	0,08	45,5%	39,6%

Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica /Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Apesar da maior absorção do mercado externo, ainda assim os preços nacionais apresentaram queda na média do ano, conforme ilustra o gráfico a seguir. Isso porque a oferta cresceu de forma mais acelerada que a demanda, configurando um aumento de 50% dos estoques finais.

Gráfico 44 - Preço do milho em Passo Fundo – RS, em R\$/ 60 kg



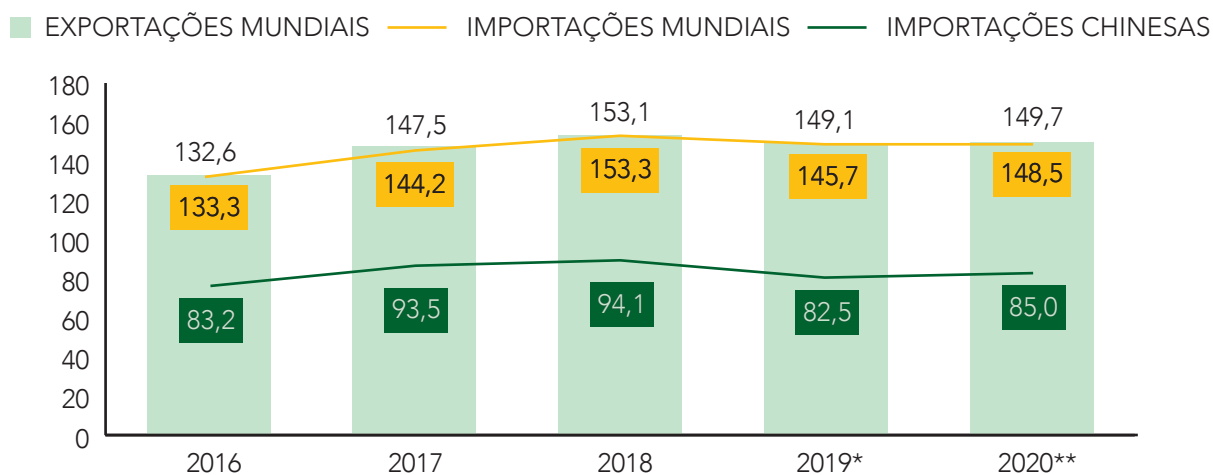
Fonte: Broadcast • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

As expectativas apontam para uma área recorde no Brasil na safra 2020, mas com a produção se mantendo no mesmo nível deste ano. Entretanto, a menor absorção do mercado externo deve resultar em estoques finais 40,6% superiores, o que poderia significar preços em queda. Entretanto, apesar desta queda, o Brasil se manterá como segundo maior exportador mundial devido a tendência de a taxa de câmbio permanecer em patamares elevados, o mercado segue com preços firmes no mercado nacional.

1.4.3 Soja

Nos últimos 10 anos as exportações de soja quase dobraram, crescendo em média 6,4 milhões de toneladas ao ano. Grande parte deste crescimento está centrado na China, cujas importações cresceram, em média, 4 milhões de toneladas por ano no mesmo período. Em 2019 a Peste Suína Africana atingiu grande parte da produção de suínos da Ásia e comprometeu a necessidade de importação de soja destes países, causando um impacto estrutural nas transações mundiais. O reflexo foi a queda de 2,6% da quantidade exportada de soja no mundo, equivalente a uma redução de 3,9 milhões de toneladas, conforme ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 45 - Evolução das exportações e importações mundiais de soja, em milhões de toneladas



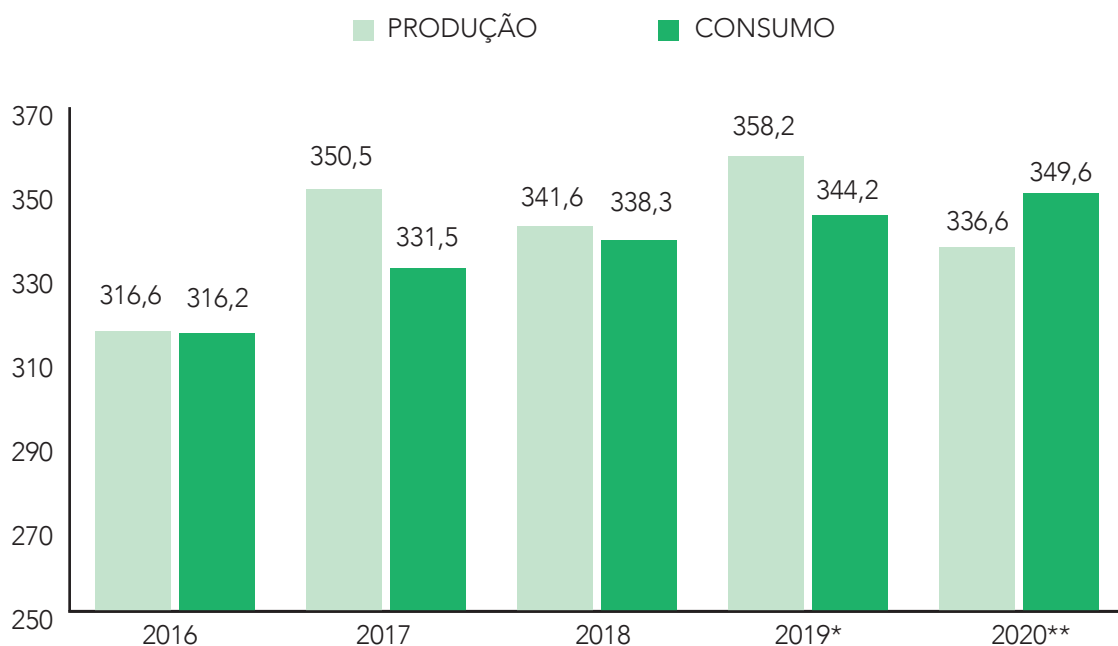
Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
 Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

A expectativa para 2020 é que, passado o momento mais crítico da Peste Suína Africana, haverá uma recuperação lenta da demanda chinesa, expandindo em 3% sua importação de soja. Apesar da expectativa de expansão, a China ainda estará distante de retomar os patamares de demanda prévios à doença. Com a demanda enfraquecida, as exportações devem permanecer praticamente estáveis.

Apesar da Peste Suína Africana frear a tendência de aumento das importações de soja, o consumo continuou sua trajetória de expansão, com aumento de 1,7% em 2019. Isso porque a queda do consumo de soja por parte da China foi neutralizada pelo aumento do consumo em outros países, que expandiram suas produções de suínos para atender a demanda asiática e, por consequência, aumentaram sua demanda interna por soja.

Assim como o consumo, a produção também cresceu em 2019. Graças à expansão da área plantada e às boas condições climáticas, vislumbramos uma safra recorde em 2019, totalizando 358,2 milhões de toneladas de soja, superior em 16,6 milhões de toneladas em relação a 2018. Assim, a produção cresceu de forma mais acelerada que a demanda e voltamos a obter excedente de produção mundial de soja, conforme pode ser observado no gráfico a seguir.

Gráfico 46 - Produção e consumo mundiais de soja, em milhões de toneladas



Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Após ter enfrentado uma seca na safra passada, a Argentina expandiu sua produção 46% em 2019, retornando aos patamares de rendimento anteriores. Em relação à expansão do consumo mundial, mais uma vez o principal destaque é a Argentina, seguida dos Estados Unidos e União Europeia, enquanto a China chama atenção com a sua redução de consumo, advindo das questões já comentadas. Na tabela a seguir são apresentados os maiores produtores e consumidores de soja do mundo.

Tabela 19 - Produção e consumo mundiais de soja por país, em milhões de toneladas

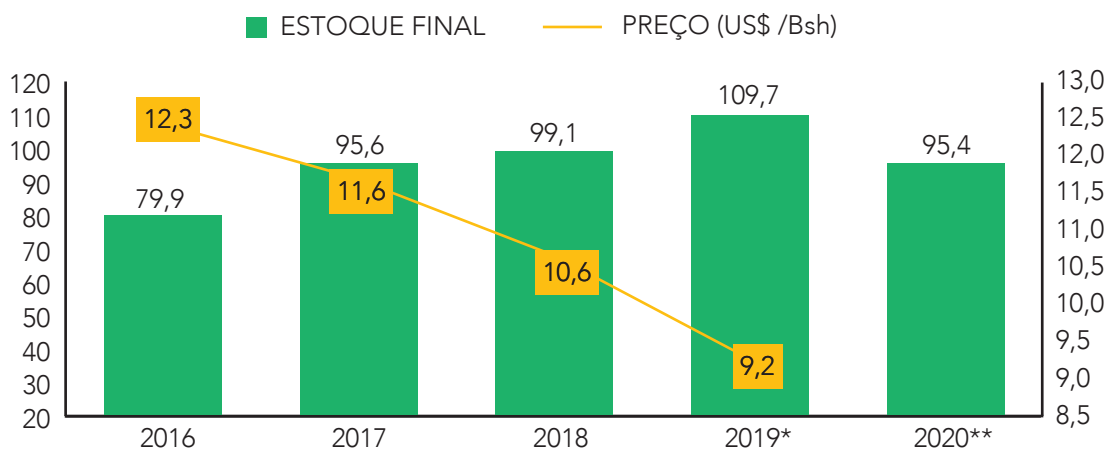
	2016	2017	2018	2019*	2020**	VARIAÇÃO 18/19	VARIAÇÃO 19/20	PARTICIPAÇÃO NO TOTAL
PRODUÇÃO								
BRASIL	96,5	114,6	122,0	117,0	123,0	-4%	5%	37%
EUA	106,9	116,9	120,1	120,5	96,6	0%	-20%	29%
ARGENTINA	58,8	55,0	37,8	55,3	53,0	46%	-4%	16%
CHINA	12,4	13,6	15,3	15,9	17,1	4%	8%	5%
PARAGUAI	9,2	10,3	10,3	8,9	10,2	-14%	15%	3%
ÍNDIA	6,9	11,0	8,4	10,9	9,0	31%	-18%	3%
CANADÁ	6,5	6,6	7,7	7,3	6,0	-6%	-17%	2%
OUTROS	19,4	22,5	20,1	22,4	21,6	12%	-4%	6%
TOTAL	316,6	350,5	341,6	358,2	336,6	5%	-6%	100%
CONSUMO								
CHINA	95,9	103,5	106,3	102,0	102,2	-4%	0%	29%
EUA	54,5	55,7	58,9	60,4	60,8	3%	1%	17%
ARGENTINA	49,5	49,8	43,6	47,4	51,1	9%	8%	15%
BRASIL	42,4	43,1	46,5	45,6	46,5	-2%	2%	13%
UE-27	16,6	16,0	16,6	17,9	17,6	8%	-2%	5%
ÍNDIA	6,7	10,3	8,8	10,9	9,2	23%	-16%	3%
MÉXICO	4,4	4,6	5,3	5,5	6,0	5%	8%	2%
RÚSSIA	4,6	4,9	5,1	5,2	5,6	2%	8%	2%
PARAGUAI	3,9	3,8	3,9	4,0	4,0	1%	0%	1%
JAPÃO	3,4	3,5	3,5	3,5	3,6	0%	1%	1%
OUTROS	34,5	36,3	39,7	41,7	43,1	5%	3%	12%
TOTAL	316,2	331,5	338,3	344,2	349,6	2%	2%	100%

Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
 Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Para 2020, a expectativa é de que haja um ajuste na oferta, se adequando aos novos patamares de consumo no cenário atual de enfraquecimento da demanda chinesa diante da Peste Suína Africana. Além disso, a produtividade das lavouras nos Estados Unidos foi comprometida por fortes chuvas durante o período de plantio e nevascas na época da colheita, que resultaram em quedas drásticas na produção. Logo, projeta-se uma redução de 6% da produção mundial, que devem ocorrer principalmente na Argentina e Estados Unidos. O consumo deve seguir a trajetória de expansão, dessa vez de 1,6%. Provavelmente os países que estarão impulsionando este aumento serão aqueles que apostam na expansão da produção de suínos para atender a demanda reprimida da China, como Argentina e Brasil. Na China, a soja deverá ter uma tímida expansão de 0,2%, ou seja, o país praticamente manterá seu patamar de consumo inalterado em 2020.

Com as transações mundiais enfraquecidas somada à expansão da safra em 2019, o resultado foi o acúmulo de estoques finais, que atingiram 109,7 milhões de toneladas, aumento de 11% em relação à safra anterior. Dentre os países que mais acumularam estoques, destaque para os Estados Unidos que sentiram o reflexo da guerra comercial e observaram a redução de 18% das suas exportações, por consequência seus estoques dobraram, atingindo 24,85 milhões de toneladas. A Argentina também acumulou estoques maiores por ter registrado aumento da oferta acima da capacidade de absorção do consumo, apesar de ter observado aumentos significativos das demandas, tanto interna quanto externa. O acúmulo de estoques finais teve impactos negativos no preço internacional, que caiu de US\$ 10,60/bushel⁴ para US\$ 9,24/ bushel⁵ em 2019.

Gráfico 47 - Comparação entre os estoques finais mundiais de soja e o preço internacional



Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

4 Equivalente a R\$ 84,98/ 60 kg. Fonte: Chicago Board Trade.
5 Equivalente a R\$80,20/ 60 kg. Fonte: Chicago Board Trade.

A forte queda estimada para a produção no Estados Unidos resultando em menor oferta mundial de soja em 2020, somado à expectativa de recuperação das transações internacionais irão tornar necessário recorrer aos estoques para suprir a demanda. Logo, estima-se uma queda de 13% dos estoques finais mundiais, atingindo um total de 95,4 milhões de toneladas de soja estocada. Este patamar é semelhante ao observado na safra 2016/17, quando a média de preços no mercado internacional era US\$11,57/bushel⁶.

Mercado Brasileiro

O Brasil, na posição de maior exportador de soja do mundo, também foi impactado pelo cenário de redução da demanda chinesa em 2019 e o resultado foi a queda de 0,4% das exportações brasileiras. O impacto poderia ter sido mais significativo, se não fosse o espaço que a guerra comercial entre Estados Unidos e China abriu para as exportações brasileiras. Desta forma, o Brasil permaneceu no posto de maior exportador de soja do mundo.

Tabela 20 - Fundamentos do mercado brasileiro de soja, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2016	2017	2018	2019*	2020**	VAR % 18/19	VAR % 19/20
ÁREA COLHIDA (MILHÕES DE HA)	33,30	33,90	35,15	35,90	36,90	2,1%	2,8%
ESTOQUE INICIAL	24,43	24,56	33,21	32,74	29,38	-1,4%	-10,3%
PRODUÇÃO	96,50	114,60	122,00	117,00	123,00	-4,1%	5,1%
IMPORTAÇÃO	0,41	0,25	0,18	0,15	0,20	-14,3%	33,3%
OFERTA TOTAL	121,34	139,41	155,39	149,89	152,58	-3,5%	1,8%
CONSUMO INTERNO	42,40	43,06	46,51	45,64	46,54	-1,9%	2,0%
EXPORTAÇÃO	54,38	63,14	76,14	75,86	76,00	-0,4%	0,2%
DEMANDA TOTAL	96,78	106,20	122,65	121,50	122,54	-0,9%	0,9%
ESTOQUE FINAL	24,56	33,21	32,74	29,38	30,41	-10,3%	3,5%
ESTOQUE/CONSUMO	0,58	0,77	0,70	0,64	0,65	-8,5%	1,5%

Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica /Sistema Farsul

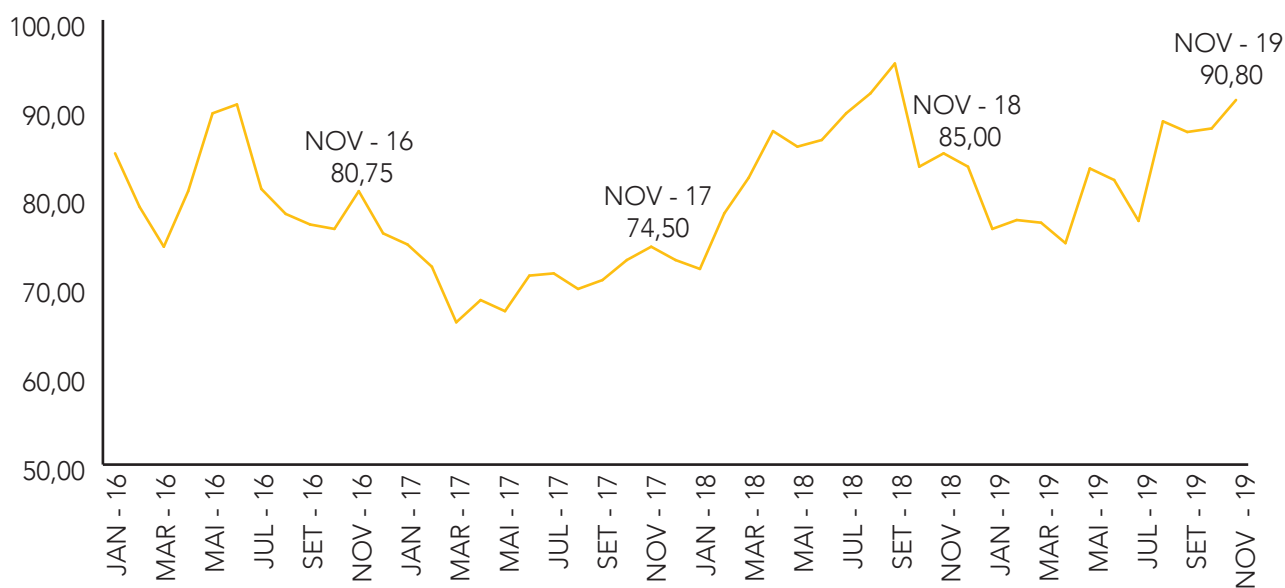
Com as exportações praticamente estáveis, a retração de 4% da produção brasileira, decorrente da queda de produtividade, tornou necessário recorrer aos estoques para suprir a demanda, e o resultado foi a queda de 10,3% dos estoques finais. Apesar da queda dos estoques e valorização da taxa de câmbio, o preço da saca no Brasil caiu de R\$ 85,19/ 60kg para R\$ 82,07/ 60kg⁷, refletindo os fundamentos do mercado internacional.

⁶ Equivalente a R\$ 81,57/60 kg. Fonte: Chicago Board Trade.

⁷ Preço médio de janeiro a novembro em Rio Grande/RS. Fonte: Broadcast.

A projeção para 2020 é de mais um aumento de área plantada e com expectativa de clima favorável, o que deve permitir uma expansão da produção brasileira de 5%, equivalente a um incremento de 6 milhões de toneladas na produção brasileira de soja. Entretanto, a demanda externa deve permanecer praticamente estável, o que resultará em crescimento da oferta acima da capacidade de absorção da demanda e o resultado serão estoques finais 3,5% maiores. O aumento dos estoques mantém o Brasil no posto de maior estocador de soja do mundo, o que poderá refletir nos preços nacionais

Gráfico 48 - Preço da soja em Rio Grande - RS, em R\$/ 60kg



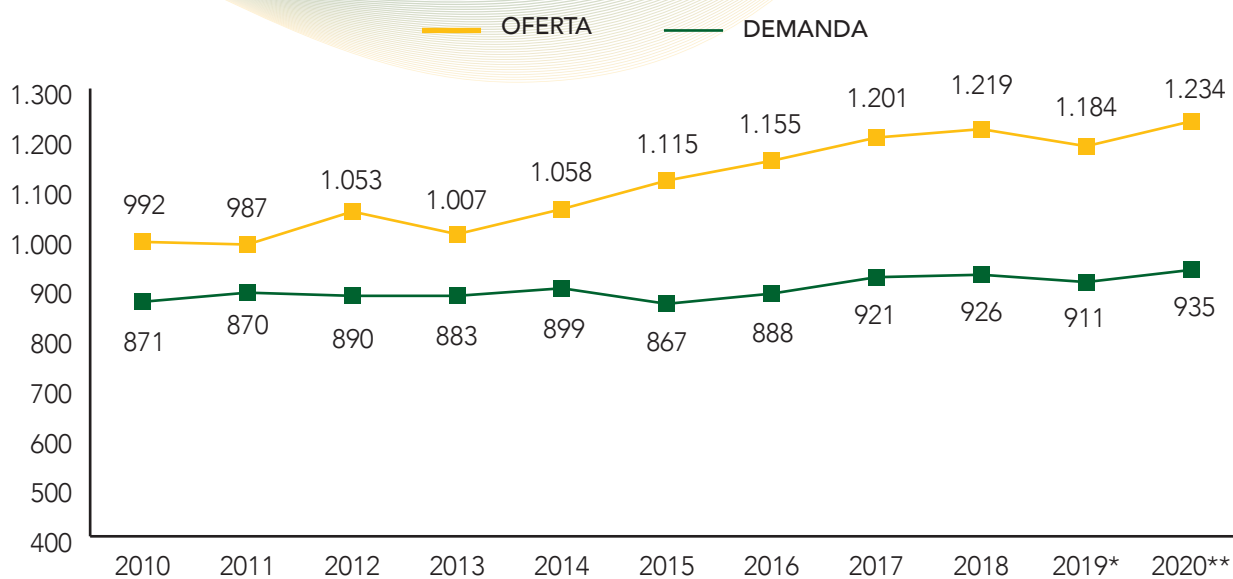
Fonte: Broadcast • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

Recomendamos aos produtores de soja que fiquem atentos às ramificações da disputa comercial entre EUA e China. Um eventual acordo entre os dois países tornaria possível a entrada dos estoques americanos no mercado internacional, o que refletiria em mudança no patamar de preços internacionais e, conseqüentemente no preço no Brasil, uma vez que impactaria no valor dos prêmios pagos nos portos.

1.4.4 Trigo

A oferta e demanda de trigo se mantiveram em patamares praticamente inalterados no período entre 2010 a 2013, quando a oferta passou a crescer de forma mais acelerada que o consumo e os estoques finais registraram acúmulos. O gráfico a seguir ilustra esse cenário de oferta aquecida.

Gráfico 49 - Oferta e demanda mundiais de trigo, em milhões de toneladas

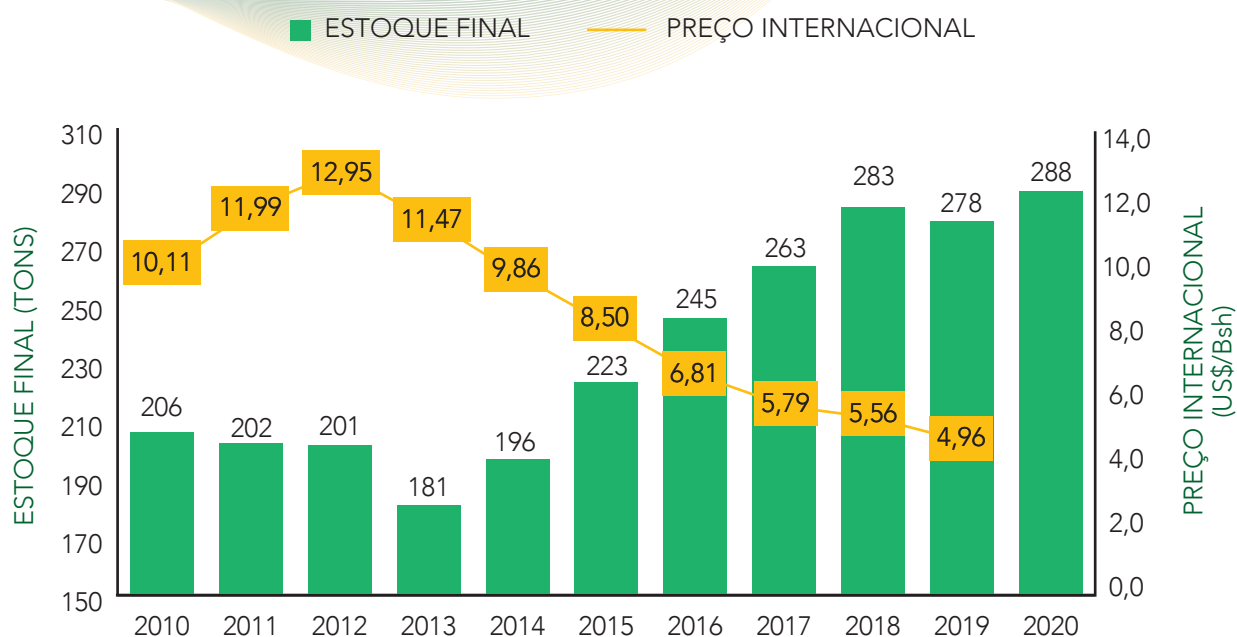


Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

O acúmulo dos estoques refletiu no mercado através da desaceleração do preço no mercado internacional, conforme iremos tratar adiante. Nessa safra 2019, a resposta dos produtores diante da baixa remuneração foi reduzir a área destinada ao plantio deste grão, com registro de produção 4% menor. Do lado da demanda, apesar do consumo interno permanecer estável, deve ocorrer desaceleração no fluxo de comércio entre os países.

No gráfico a seguir, fica claro o impacto que o estoque final tem no preço. A medida que se acumularam estoques maiores no decorrer dos anos, os preços caíram pela metade. Com a queda dos estoques em 2019, os preços se valorizaram até a metade do ano. A partir de então, o mercado passou a precificar a próxima safra, que apontava para recorde dos estoques, desvalorizando os preços.

Gráfico 50 - Comparação entre o estoque final mundial e o preço internacional



Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Dentre os maiores produtores desse grão, observamos que as quedas da produção em 2019 se concentraram na União Europeia e Rússia, que reduziram as áreas destinadas ao plantio do trigo em detrimento de grãos com maior demanda por exportação e também enfrentaram problemas climáticos que culminaram na queda do rendimento médio. Diante da menor oferta, o consumo foi menor nestes países, que tiveram de recorrer aos estoques para manter o abastecimento interno.

Diante da expectativa de melhora nas condições climáticas e de aquecimento da procura por parte dos importadores, a produção mundial deve crescer 5% em 2020. Apesar da expansão da produção, a oferta na Rússia, maior exportador mundial, será inferior, visto que o país recorreu aos seus estoques para suprir a demanda em 2019 e deve entrar 2020 com um carregamento de estoques menor. Logo, se espera que a União Europeia absorva boa parte da demanda internacional e exporte 24% mais em 2020.

Tabela 21 - Produção e consumo de trigo por país, em milhões de toneladas

	2016	2017	2018	2019*	2020**	VARIAÇÃO 18/19	VARIAÇÃO 19/20	PARTICIPAÇÃO
PRODUÇÃO								
UE-28	160,5	145,4	151,1	136,9	153,0	-9%	12%	20%
CHINA	132,6	133,3	134,3	131,4	132,0	-2%	0%	17%
ÍNDIA	86,5	87,0	98,5	99,9	102,2	1%	2%	13%
RÚSSIA	61,0	72,5	85,2	71,7	74,0	-16%	3%	10%
EUA	56,1	62,8	47,4	51,3	52,3	8%	2%	7%
CANADÁ	27,6	32,1	30,4	32,2	33,0	6%	2%	4%
UCRÂNIA	27,3	26,8	27,0	25,1	29,0	-7%	16%	4%
OUTROS	186	196	188	183	190	-3%	4%	25%
TOTAL	738,2	756,4	762,3	731,3	765,6	-4%	5%	100%
CONSUMO								
CHINA	117,5	119,0	121,0	125,0	128,0	3%	2%	17%
UE-28	129,9	128,0	130,4	123,2	127,5	-6%	3%	17%
ÍNDIA	88,5	97,2	95,7	95,6	98,0	0%	2%	13%
RÚSSIA	37,0	40,0	43,0	40,5	39,5	-6%	-2%	5%
EUA	31,9	31,9	29,3	30,0	31,5	3%	5%	4%
PAQUISTÃO	24,4	24,5	25,0	25,3	25,4	1%	0%	3%
EGITO	19,2	19,4	19,8	20,1	20,4	2%	1%	3%
OUTROS	268	279	278	276	285	-1%	3%	38%
TOTAL	716,0	738,5	742,3	736,1	755,2	-1%	3%	100%

Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

No sentido contrário do mercado mundial, o Brasil expandiu a área destinada ao plantio de trigo em 2019 e teve condições climáticas favoráveis, o que permitiu a expansão de 27% da produção em relação ao ano de 2018, quando passamos por dificuldades de clima. Com a maior oferta, abastecemos o mercado interno e retomamos nosso nível de exportações, tendo como maior destino a Indonésia.

A projeção para 2020 é de que a área permaneça praticamente estável, porém, a menor

produtividade refletiria em recuo de 2,4% da produção. Diante da projeção de estabilidade da demanda o Brasil teria que recorrer aos estoques para abastecer o consumo, em caso de confirmação desse cenário.

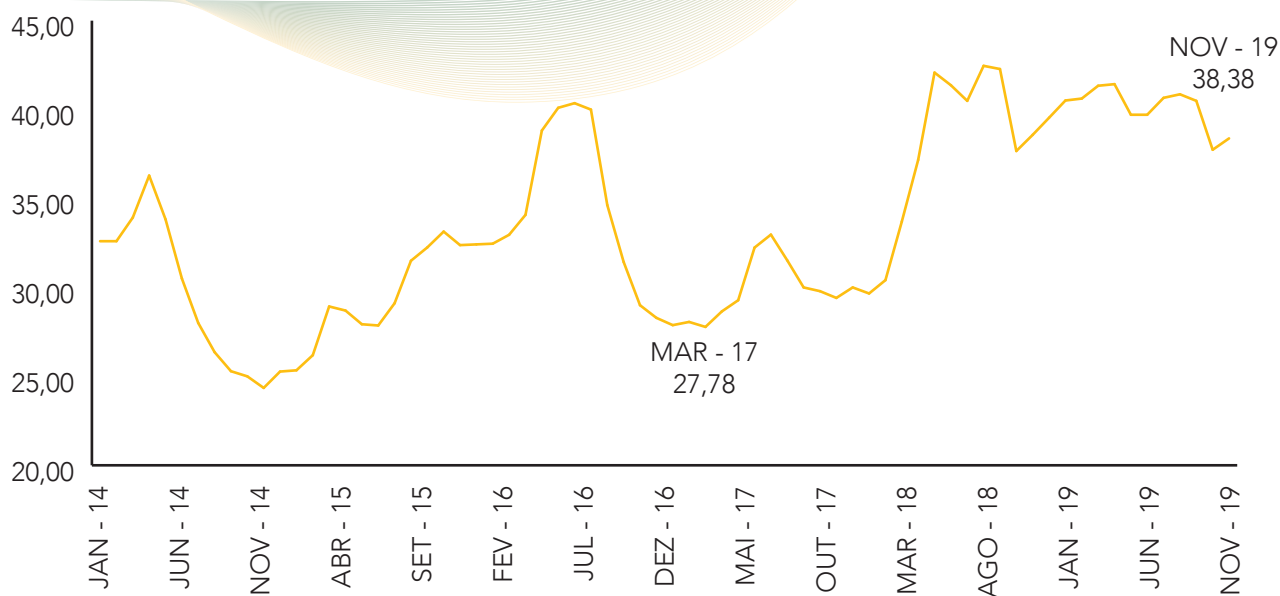
Tabela 22 - Fundamentos do mercado brasileiro de Trigo, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2016	2017	2018	2019*	2020**	VAR % 18/19	VAR % 19/20
ÁREA COLHIDA (MILHÕES DE HA)	2,45	2,12	1,92	2,04	2,05	6,6%	0,4%
ESTOQUE INICIAL	0,87	1,00	2,26	1,31	1,31	-41,9%	0,0%
PRODUÇÃO	5,54	6,73	4,26	5,43	5,30	27,3%	-2,4%
IMPORTAÇÃO	5,92	7,79	6,70	7,44	7,50	11,0%	0,8%
OFERTA TOTAL	12,33	15,51	13,22	14,18	14,11	7,3%	-0,5%
CONSUMO INTERNO	11,10	12,20	12,00	12,10	12,20	0,8%	0,8%
EXPORTAÇÃO	1,06	0,62	0,23	0,60	0,60	160,9%	0,0%
DEMANDA TOTAL	12,16	12,82	12,23	12,70	12,80	3,8%	0,8%
ESTOQUE FINAL	1,00	2,26	1,31	1,31	1,26	0,0%	-4,1%
ESTOQUE/CONSUMO	0,09	0,18	0,11	0,11	0,10	-0,8%	-4,9%

Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica /Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Os preços refletem a capacidade do mercado em absorver o produto. Em 2017 atingimos a maior relação estoque/consumo, o que indica que acumulamos estoques em uma velocidade mais acelerada que a capacidade de absorção do mesmo, que resultou em queda dos preços, atingindo R\$ 27,78/60 kg em março de 2017. Com a retomada da capacidade de absorção, ou seja, com a demanda crescendo acima da geração dos estoques, os preços começaram uma trajetória de valorização, atingindo R\$ 42,28/60 kg em setembro de 2018. Caso a projeção de menores estoques se confirme em 2020 existe espaço para a valorização dos preços.

Gráfico 51 - Preço do trigo em Passo Fundo - RS, em R\$/ 60kg



Fonte: Cepea • Elaboração: Assessoria Econômica / Sistema Farsul

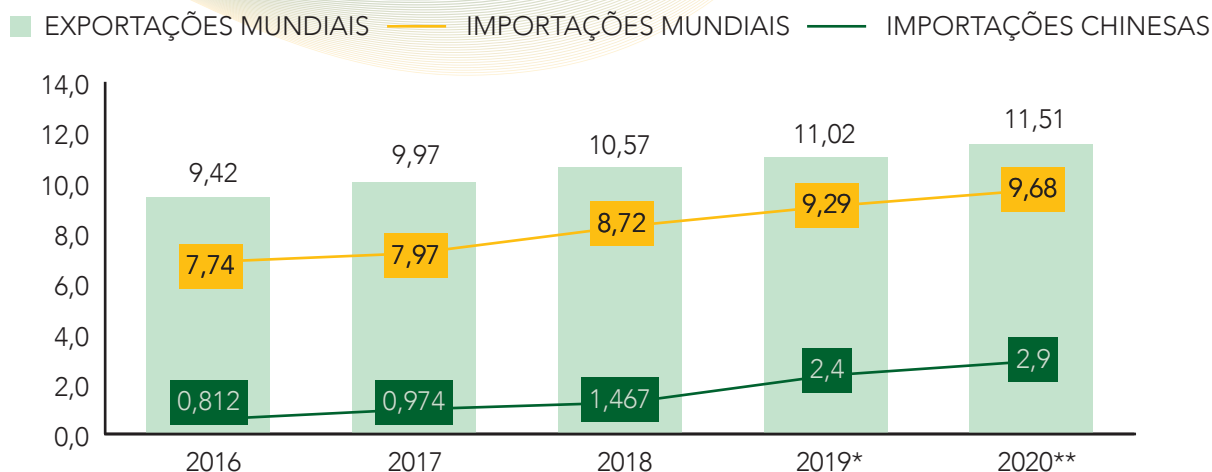
1.4.5 Pecuária de corte

Nos últimos 10 anos, as importações de carne bovina da China aumentaram mais de 100 vezes, passando de quarto maior consumidor mundial para segundo. Neste ano, o consumo da China aumentou bem acima da produção interna do país, resultando em importações 64% superiores em relação ao ano passado. Os demais importadores mundiais mantiveram suas demandas externas praticamente estáveis, logo a China foi a protagonista no aumento de 6,5% das importações mundiais.

Atualmente, o Brasil se posiciona como maior exportador mundial, sendo que cerca de 50% da carne bovina é destinada à China⁸. Com a expansão das importações chinesas em 2019, houve um aumento das exportações brasileiras em 8% possibilitando uma valorização do preço da carne bovina no mercado interno, assunto que discutiremos mais a diante.

⁸ Dados de 2018, de acordo com MDIC/ComexStat.

Gráfico 52 - Exportações e importações mundiais de carne bovina, em milhões de toneladas



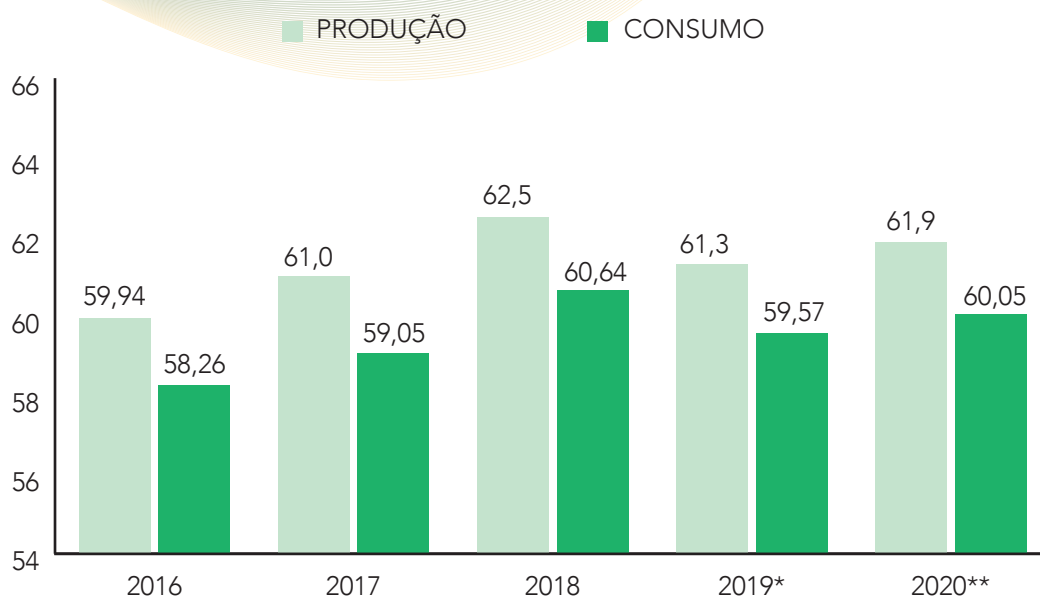
Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
 Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Para o próximo ano, se projeta nova expansão das importações chinesas em 21%. Os Estados Unidos, segundo maior importador, deverá reduzir sua necessidade de recorrer ao mercado externo e, se este cenário se confirmar, reduzirá em 5,2% suas importações. Esta queda na América deve contrabalancear com o aumento esperado para as importações chinesas e o resultado será expansão de 4,2% das importações mundiais onde, mais uma vez, o mercado chinês será protagonista.

Com as importações mundiais em alta, estima-se avanço de 4,4% nas exportações mundiais. O Brasil deve se manter como maior exportador mundial, exportando 16% a mais em 2020, estimulado principalmente pela demanda crescente da China.

Mesmo com as importações aquecidas em 2019, o consumo mundial registrou queda de 1,8%. Isso porque quedas significativas na Argentina e União Europeia se sobrepuseram à expansão do consumo chinês. Em 2020 o consumo deve se manter praticamente estável, com quedas de demanda na União Europeia e aumentos no resto do mundo.

Gráfico 53 - Produção e consumo mundiais de carne bovina, em milhões de toneladas



Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Os europeus vêm apresentando uma tendência de queda no consumo de carne bovina no decorrer dos anos. Nos últimos cinco anos, a União Europeia passou de segundo maior consumidor de carne bovina para quarto, sendo ultrapassado pela China e Brasil. Em 2019 reduziu sua demanda em 1,5% e a projeção é que esta queda se repita em 2020. A piora na economia argentina em 2019 impactou na redução de quase 8% do consumo de carne bovina, uma vez que o produto se tornou mais caro frente à média salarial dos argentinos. Em conjunto, os efeitos de queda na União Europeia e Argentina resultaram em retração do consumo mundial, apesar de enxergarmos aumentos de consumo na China, Estados Unidos e Brasil. Em 2020 a maioria dos grandes consumidores deverão expandir sua demanda, com exceção da União Europeia, que deve seguir na tendência de redução do consumo, conforme ilustra a tabela a seguir.

Do lado da oferta, a queda da produção mundial em 2019 foi reflexo da menor produção da União Europeia, que parece estar adaptando sua produção aos novos níveis de demanda interna. Em 2020 a produção mundial irá expandir 0,8%, contraste das maiores ofertas das Américas, especialmente Estados Unidos e Brasil, com a menor oferta da União Europeia, China e Austrália, que enfrenta dificuldades climáticas.

Tabela 23 - Produção e consumo mundiais de carne bovina por país, em milhões de toneladas

	2016	2017	2018	2019*	2020**	VARIÇÃO 18/19	VARIÇÃO 19/20	PARTICIPAÇÃO
PRODUÇÃO								
EUA	11,5	11,9	12,3	12,3	12,6	0,3%	2,7%	20%
BRASIL	9,3	9,6	9,9	10,2	10,8	3,1%	5,8%	17%
UE-28	7,9	7,9	8,0	7,9	7,8	-1,2%	-1,6%	13%
CHINA	6,2	6,3	6,4	6,9	6,6	6,4%	-3,3%	11%
ÍNDIA	4,2	4,3	4,3	4,3	4,3	0,5%	0,3%	7%
ARGENTINA	2,7	2,8	3,1	3,0	3,1	-0,3%	2,8%	5%
AUSTRÁLIA	2,1	2,1	2,3	2,3	2,1	-0,3%	-9,6%	3%
MÉXICO	1,9	1,9	2,0	2,0	2,1	2,5%	2,0%	3%
OUTROS	14,2	14,1	14,3	12,4	12,5	-13,2%	0,6%	20%
TOTAL	59,9	61,0	62,5	61,3	61,9	-1,9%	0,9%	100%
CONSUMO								
EUA	11,7	12,1	12,2	12,2	12,4	0,5%	1,5%	21%
CHINA	6,9	7,3	7,9	9,2	9,5	16,7%	3,0%	16%
BRASIL	7,7	7,8	7,9	8,0	8,2	1,8%	3,0%	14%
UE-28	7,9	7,8	8,0	7,9	7,8	-1,5%	-1,5%	13%
ÍNDIA	2,4	2,4	2,7	2,7	2,6	-0,8%	-3,2%	4%
ARGENTINA	2,4	2,5	2,6	2,4	2,4	-7,9%	0,2%	4%
MÉXICO	1,8	1,8	1,9	1,9	1,9	0,4%	0,5%	3%
RÚSSIA	1,9	1,8	1,8	1,8	1,8	-2,5%	-0,1%	3%
OUTROS	15,6	15,5	15,7	13,5	13,5	-14,1%	-0,1%	22%
TOTAL	58,3	59,1	60,6	59,6	60,1	-1,8%	0,8%	100%

Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Historicamente, o Brasil aumenta sua produção de carne bovina sempre que possível, apenas apresenta quedas quando surgem problemas exógenos, como secas por exemplo. Nos anos de 2015 e 2016 percebemos o efeito da crise econômica no mercado de carne bovina, com quedas de consumo e, conseqüentemente, menores produções. A partir de 2016 a demanda interna voltou a crescer e retornou ao seu patamar anterior à crise no ano de 2018. Este ano deve ser 1,8% superior ao ano passado e a expectativa é de que o consumo cresça ainda mais em 2020, atingindo 8,2 milhões de toneladas.

Aliado ao aumento do consumo interno, a crescente demanda da China estimulou as exportações brasileiras, que devem expandir 16% em 2020. Para atender a maior demanda, a produção deverá atingir quase 11 milhões de toneladas em 2020, vide tabela a seguir.

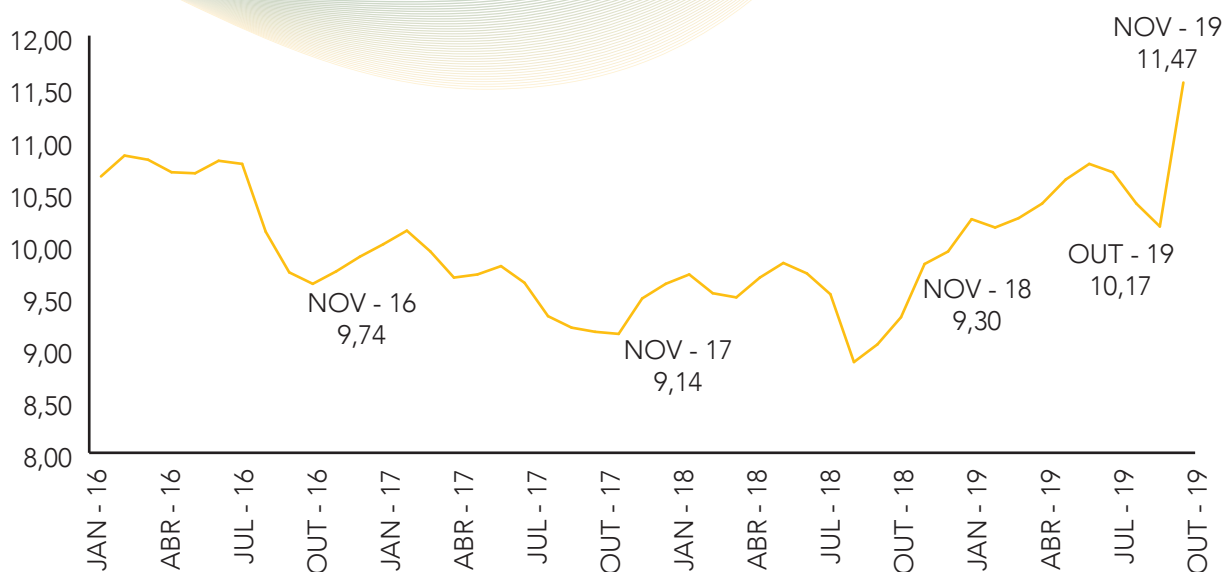
Tabela 24 - Fundamentos do mercado brasileiro de carne bovina, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2014	2015	2016	2017	2018	2019*	2020**	VAR. 18/19	VAR. 19/20
PRODUÇÃO	9,72	9,43	9,28	9,55	9,90	10,21	10,80	3,1%	6%
IMPORTAÇÃO	0,08	0,06	0,07	0,06	0,05	0,05	0,04	-6%	-11%
OFERTA TOTAL	9,81	9,49	9,35	9,61	9,95	10,26	10,84	3%	6%
CONSUMO	7,90	7,78	7,65	7,75	7,87	8,00	8,24	1,8%	3%
EXPORTAÇÃO	1,91	1,71	1,70	1,86	2,08	2,25	2,60	8,0%	16%
DEMANDA TOTAL	9,81	9,49	9,35	9,61	9,95	10,25	10,84	3%	6%

Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica /Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

O aquecimento da demanda, tanto via consumo interno quanto exportações, permitiu a valorização do preço no decorrer deste ano de 2019. Mas, em meados de novembro deste ano, os preços da carne bovina dispararam em todo o Brasil. Essa valorização é um reflexo da forte demanda externa e das limitações que os demais players apresentam para conseguir atendê-las. Argentina, Paraguai e Uruguai somados não chegam ao nível da produção brasileira, o que significa que possuem limitações de oferta, sem falar nas dificuldades geográficas e políticas. A Austrália vem passando por secas, que prejudicam sua produção. Logo, resta ao Brasil atender boa parte dessa demanda. Nesse ano em especial, o Brasil identificou a oportunidade de penetrar no mercado internacional e acompanhamos uma série de frigoríficos brasileiros sendo habilitados para exportar para a China, o que valorizou os preços no Brasil inteiro. O gráfico a seguir ilustra a escalada dos preços no Rio Grande do Sul diante da abertura comercial, em especial o salto observado no mês de novembro desse ano.

Gráfico 54 - Preço do boi no Rio Grande do Sul, em R\$/kg carcaça



Fonte: Cepea • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

1.4.6 Bovinocultura de leite

Danielle Guimarães e Nicolas Fenner

No mercado de leite fluído, existe uma semelhança entre as quantidades ofertada e demandada em função da própria característica do produto, que impossibilita o estoque por longos períodos nem um fluxo de comércio intenso. Logo, a produção geralmente surge como uma resposta à demanda doméstica, dessa forma, um aumento da produção acima da demanda interna acaba afetando direta e negativamente os preços. Logo, um cenário econômico que desestimule o consumo gera descompasso entre oferta e demanda, resultando em menores preços.

A produção mundial de leite fluído apresenta uma trajetória de aumento a medida em que o consumo cresce. Em 2019 a produção deve ser 1,7% maior que no ano anterior, com expansão em quase todos os principais produtores mundiais, vide tabela a seguir.

Tabela 25 - Produção de leite por país, em milhões de toneladas

PAÍS/REGIÃO	2015	2016	2017	2018	2019*	VAR. % (19*/18)	PART. (%) 2019*
ÍNDIA	147,00	154,00	160,00	167,00	174,00	4,2%	28,2%
UNIÃO EUROPEIA	154,55	155,55	158,00	159,26	160,70	0,9%	26,1%
ESTADOS UNIDOS	94,58	96,37	97,76	98,69	98,98	0,3%	16,1%
CHINA	33,30	32,24	31,89	32,25	33,00	2,3%	5,4%
RÚSSIA	30,55	30,51	30,93	31,45	31,88	1,4%	5,2%
BRASIL	25,65	25,86	26,77	25,66	26,21	2,1%	4,3%
NOVA ZELÂNDIA	21,59	21,22	21,53	22,01	22,30	1,3%	3,6%
MÉXICO	11,90	12,12	12,29	12,54	12,75	1,7%	2,1%
ARGENTINA	11,55	10,19	10,09	10,84	10,80	-0,3%	1,8%
UCRÂNIA	10,86	10,63	10,52	10,30	10,12	-1,7%	1,6%
CANADÁ	8,77	9,08	9,68	9,94	10,12	1,8%	1,6%
AUSTRÁLIA	10,09	9,49	9,46	9,30	8,60	-7,5%	1,4%
BIELORRÚSSIA	7,08	7,17	7,35	7,38	7,45	1,0%	1,2%
JAPÃO	7,38	7,39	7,28	7,23	7,28	0,6%	1,2%
CORÉIA DO SUL	2,17	2,07	2,08	2,05	2,03	-0,7%	0,3%
OUTROS	0,41	0,42	0,42	0,42	0,42	0,2%	0,1%
TOTAL	577,43	584,30	596,04	606,30	616,62	1,7%	100,0%

Fonte: FAS/USDA (Nov/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
 Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

O aumento esperado para a produção de leite na Índia é o mesmo que a expansão estimada para o consumo interno deste país, principalmente a demanda por parte das indústrias de laticínios. Mais uma vez, a União Europeia deverá aumentar sua produção, que será absorvida pelo maior consumo interno e externo, lembrando que este bloco é o maior exportador de leite do mundo.

A Argentina retraiu sua produção, reflexo das altas temperaturas e umidade que marcaram o primeiro trimestre do ano. A oferta foi crescendo no decorrer do ano conforme as condições climáticas voltavam à normalidade, porém, os ganhos não foram suficientes para neutralizar os impactos do início do ano.

Se estima menor rebanho na Austrália, reflexo da baixa disponibilidade de ração e do desestímulo diante das más condições enfrentadas pelos produtores. Além do menor rebanho, o clima seco deve resultar em más condições de pasto e menor produção. Apesar da queda na produção, o consumo de leite fluído deverá ser ligeiramente menor que o ano anterior, isso significa menos leite disponível para a indústria.

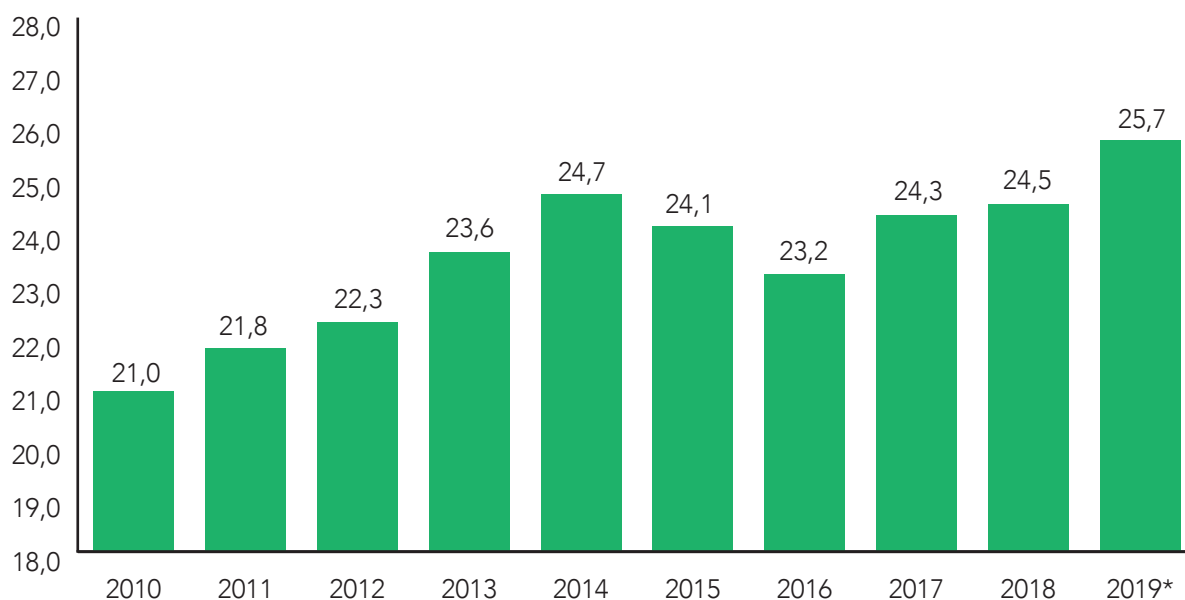
Tabela 26 - Consumo de leite por país, em milhões de toneladas

PAÍS/REGIÃO	2015	2016	2017	2018	2019*	VAR. % (19*/18)	PART. (%) 2019*
ÍNDIA	147,00	154,00	159,99	166,99	173,99	4,2%	28,2%
UNIÃO EUROPEIA	153,84	154,66	157,20	158,48	159,81	0,8%	25,9%
ESTADOS UNIDOS	94,48	96,27	97,68	98,59	98,87	0,3%	16,0%
CHINA	33,73	32,85	32,53	32,90	33,73	2,5%	5,5%
RÚSSIA	30,83	30,79	31,22	31,72	32,14	1,3%	5,2%
BRASIL	25,65	25,85	26,76	25,66	26,21	2,2%	4,3%
NOVA ZELÂNDIA	21,42	20,98	21,32	21,77	22,06	1,3%	3,6%
MÉXICO	11,93	12,16	12,32	12,57	12,78	1,7%	2,1%
ARGENTINA	11,54	10,18	10,09	10,83	10,80	-0,3%	1,8%
UCRÂNIA	10,86	10,62	10,51	10,28	10,09	-1,8%	1,6%
CANADÁ	8,82	9,13	9,71	9,97	10,15	1,8%	1,6%
AUSTRÁLIA	9,93	9,30	9,25	9,08	8,37	-7,8%	1,4%
JAPÃO	7,38	7,39	7,28	7,23	7,28	0,6%	1,2%
BIELORRÚSSIA	6,81	6,96	7,05	7,11	7,22	1,5%	1,2%
CORÉIA DO SUL	2,17	2,07	2,08	2,04	2,03	-0,8%	0,3%
OUTROS	0,49	0,54	0,54	0,56	0,56	0,9%	0,1%
TOTAL	576,87	583,74	595,53	605,76	616,06	1,7%	100,0%

Fonte: FAS/USDA (jul/19) • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA

Nos anos de 2015 e 2016 o Brasil passou pela maior crise econômica da história, período este marcado por alto desemprego, inflação elevada, menor renda média per capita e retração do PIB. Todos estes fatores contribuíram para que os brasileiros modificassem seu padrão de consumo, inclusive no tocante aos lácteos. Os anos de 2017 e 2018 ainda apresentaram reflexos da crise e a recuperação do consumo foi tímida. Vale lembrar também que a greve dos caminhoneiros no mês de maio de 2018 prejudicou o transporte do leite e muito produto foi desperdiçado neste período. Esse cenário contribuiu para a desvalorização do preço do leite fluído no mercado interno e, diante da menor remuneração, muitos produtores abandonaram a atividade.

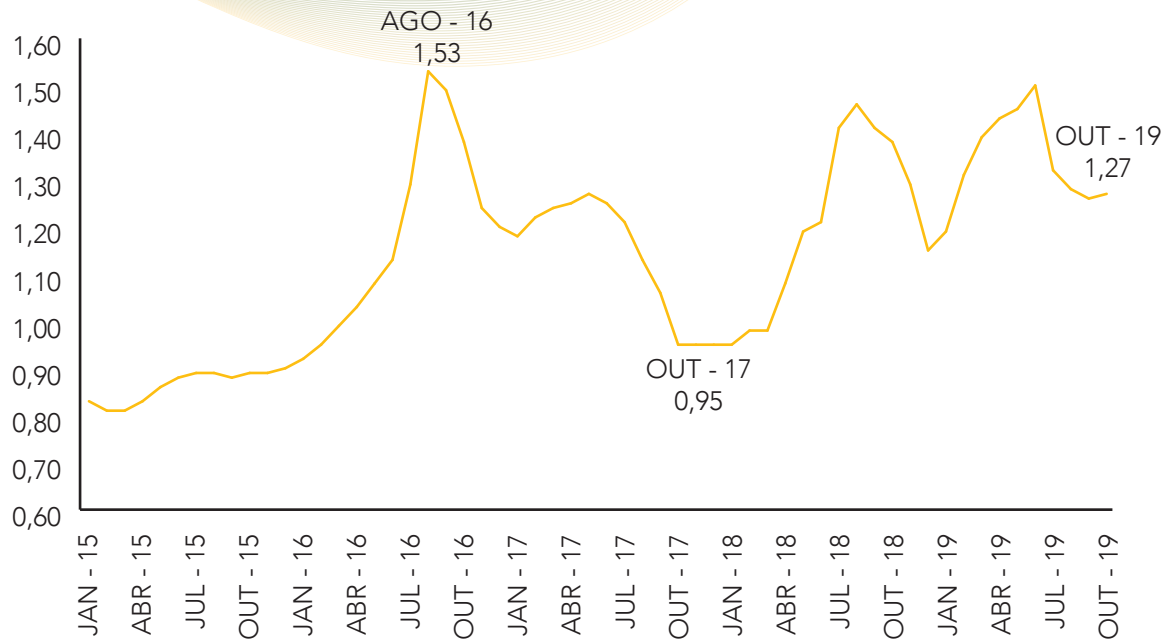
Gráfico 55 - Produção brasileira de leite adquirido, em mil litros



Fonte: Pesquisa Trimestral do Leite/ IBGE • (*) Projeção da Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

A expectativa da retomada do consumo, diante da melhora do ambiente econômico, possibilitou a valorização dos preços do leite. Em outubro de 2017, o preço do leite atingiu R\$ 0,95/litro, seu patamar mais baixo desde 2016. Atualmente, os preços se encontram em R\$1,27/litro, equivalente a uma valorização de 33% perante esse pior momento. Estimulada pelos maiores preços, projetamos uma produção brasileira 5% superior em 2019.

Gráfico 56 - Preço médio mensal do Leite no Rio Grande do Sul, em R\$/litros



Fonte: CEPEA/ESALQ

2. CONJUNTURA ECONÔMICA

Por Antônio da Luz

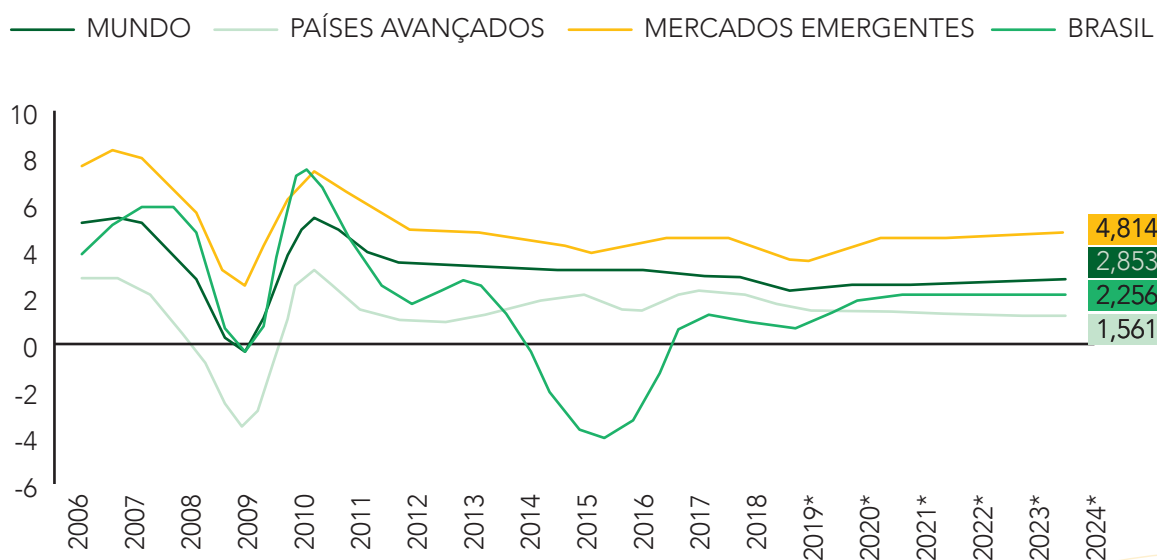
2.1 ECONOMIA BRASILEIRA

“Sob Nova Direção”. Após uma longa caminhada de políticas econômicas heterodoxas e um longo período em que sequer discutia-se reformas modernizadoras da economia brasileira, finalmente esta agenda está posta. Os brasileiros em maioria foram as urnas no ano passado e de maneira consciente escolheram presidente, governadores e parlamentares de todos os níveis que estivessem dispostos a fazer reformas. Temas e debates polêmicos enfim foram e estão sendo tratados e com devida maturidade. Finalmente temos enfrentado a dura realidade de que jamais teremos uma economia sólida e inclusiva se não fizermos esforços para tanto. Nos discursos políticos geralmente a realidade se molda ao desejo e as boas intenções de quem discursa, mas são somente nessas ocasiões em que realidade se dobra. Os discursos são para alguns, mas a realidade é para todos. Parece que finalmente aprendemos...

2.1.1 ECONOMIA BRASILEIRA NO CONTEXTO MUNDIAL

Temos lembrado de forma recorrente nestes nossos relatórios anuais a importância de termos crescimento acima da média mundial por sermos uma economia emergente.

Gráfico 57 - Comparativo da evolução do PIB do Brasil com grupos de Países Ricos, Emergentes e o Mundo, taxa anual (%)

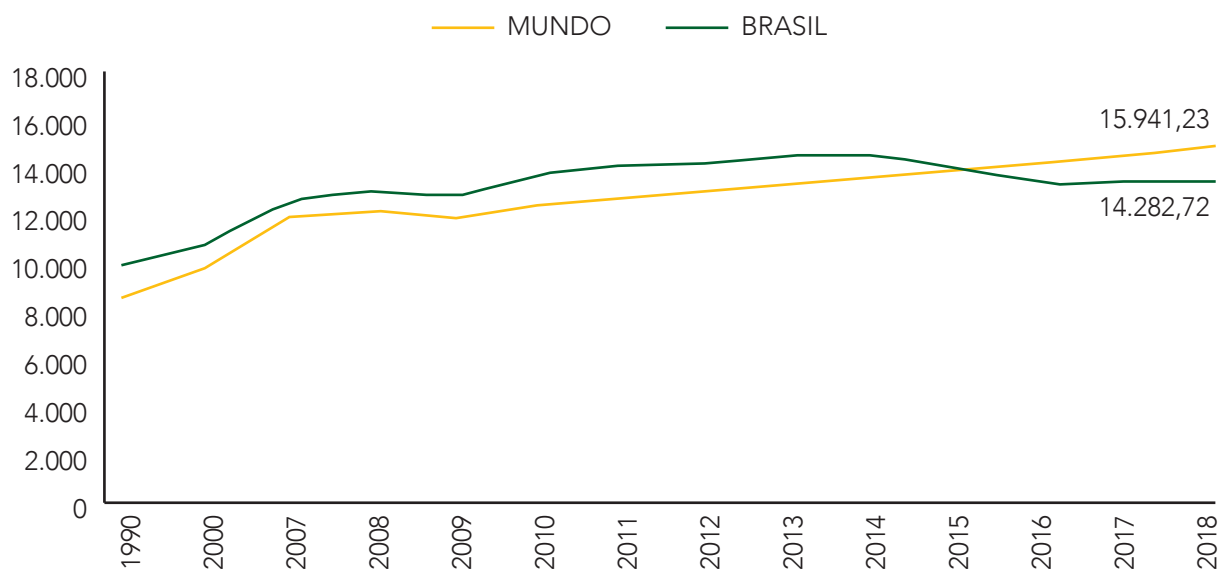


Fonte: FMI

Países ricos costumam ter taxa média de crescimento mais baixa porque o percentual incide sobre uma quantidade de riqueza maior. Mesmo com percentual baixo de forma absoluta, a quantidade de riqueza produzida é grande. Países emergentes, por outro lado, com uma quantidade de riqueza menor, precisam ter taxas de crescimento elevadas, uma vez que um percentual maior incidirá numa base de riqueza menor e, dessa forma, no longo prazo, saciar suas necessidades como eliminação da pobreza, por exemplo, o que o tornará um país desenvolvido.

O Brasil na última década cresceu abaixo até mesmo dos países desenvolvidos e, por consequência, bem abaixo da média mundial, como podemos ver no gráfico imediatamente anterior. Nos últimos 10 anos o Brasil cresceu a uma taxa de 1,21% ao ano enquanto a economia mundial cresceu em média 3,33% ao ano, ou seja, ficamos para trás.

Gráfico 58 - Comparativo da renda per capita PPP do Brasil e do mundo, em dólares constantes (base = 2011)



Fonte: Banco Mundial

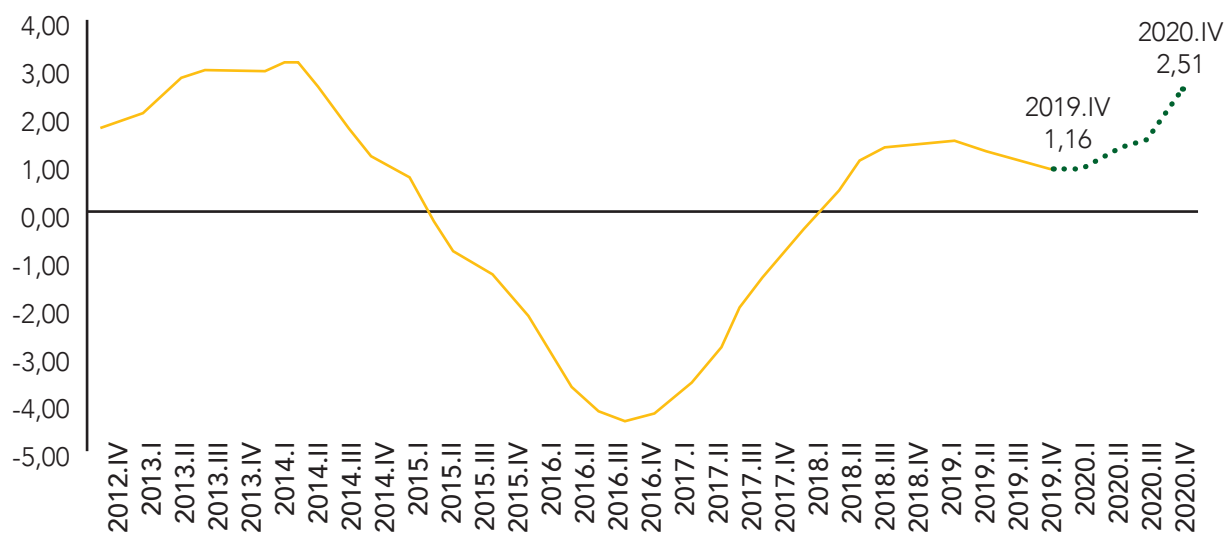
A consequência é que a renda per capita do brasileiro ficou abaixo da média mundial e essa diferença que se formou em 2015 vem aumentando devido ao baixo crescimento, como está ilustrado no gráfico anterior. Se o Brasil continuar fazendo o que vem fazendo, veremos essa distância entre Brasil e média mundial aumentar cada vez mais em termos de renda per capita, como o empobrecimento do Brasil em relação ao mundo. Justamente por causa dessa triste e indesejável trajetória que o país precisa de mudanças importantes na sua economia.

2.1.2 ECONOMIA BRASILEIRA PELA ÓTICA DA OFERTA

A Economia Brasileira tenta se recuperar de uma profunda e duradoura depressão, a maior de sua história. O PIB acumulado no III Trimestre em referência dos quatro anteriores registra alta de 1,02% e **nossa projeção para o final de 2019 é 1,16%**.

Para 2020 nossa projeção é de crescimento mais robusto, já na esteira das reformas e da perspectiva mais positiva para o país, atingindo taxa de 2,51%.

Gráfico 59 - PIB do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)



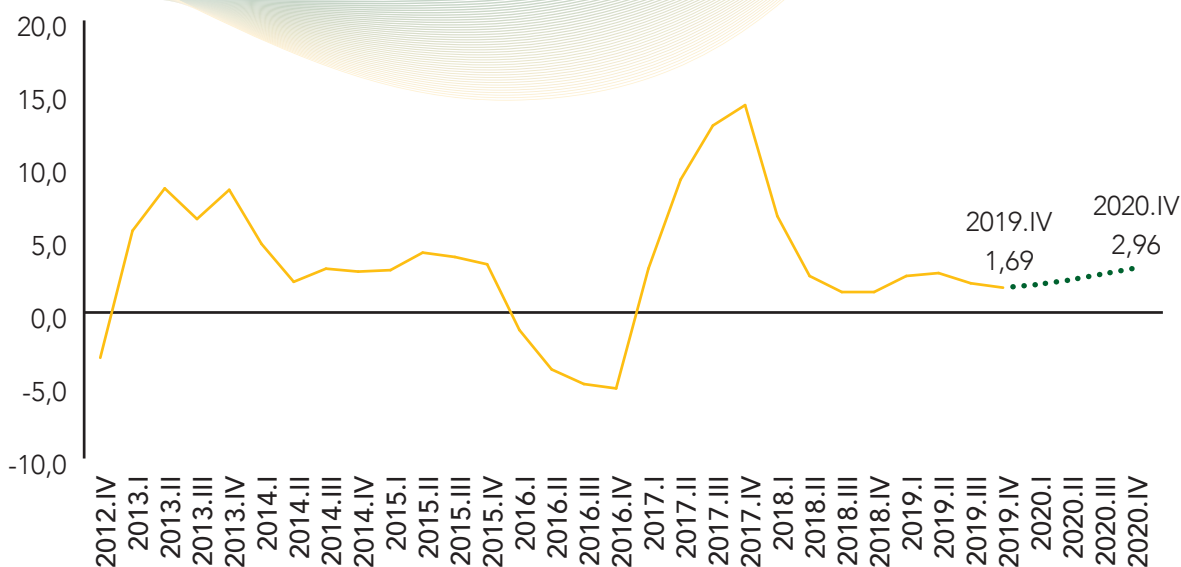
Fonte: SCNT/IBGE (Até 2019.III); Assessoria Econômica do Sistema Farsul (2019.IV e 2020.IV)

2.1.2.1 Setor Agropecuário

O setor Agropecuário, diferente dos demais, tem seu desempenho atrelado ao crescimento do mercado mundial e não apenas do mercado interno brasileiro. Exportando para quase 190 países e levando sua produção à 1,6 bilhões de pessoas na Terra, o Setor Agropecuário possui uma economia mais estável em que pese suas taxas de crescimentos estejam atreladas também ao clima.

Em 2019 o Setor Agropecuário deve crescer 1,69% em relação ao ano anterior e para 2020 nossa projeção é de crescimento de 2,96%.

Gráfico 60 - PIB Agropecuário do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

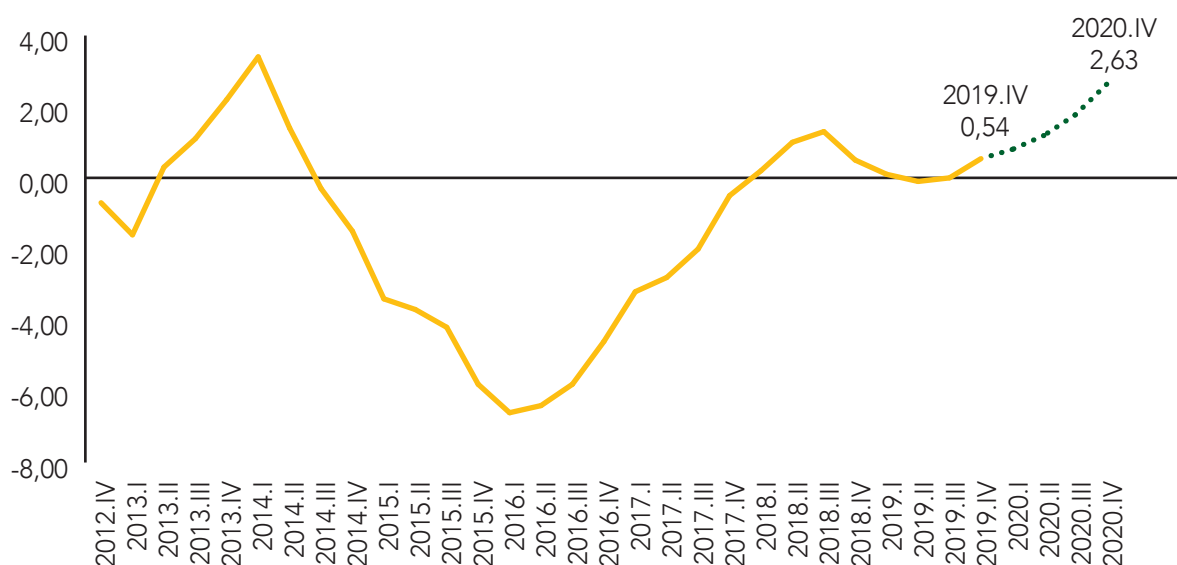


Fonte: SCNT/IBGE (Até 2019.III); Assessoria Econômica do Sistema Farsul (2019.IV e 2020.IV)

2.1.2.2 Setor Industrial

O Setor Industrial brasileiro ensaiou uma recuperação mais robusta puxada pelo bom desempenho da produção de veículos, metalurgia e coureiro-calçadista no primeiro trimestre do ano. Entretanto, quando esperava-se um desempenho trimestral melhor em razão da base de comparação, uma vez que o igual trimestre do ano anterior tivemos a fatídica greve dos caminhoneiros, o segundo trimestre decepcionou.

Gráfico 61 - PIB Industrial do Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

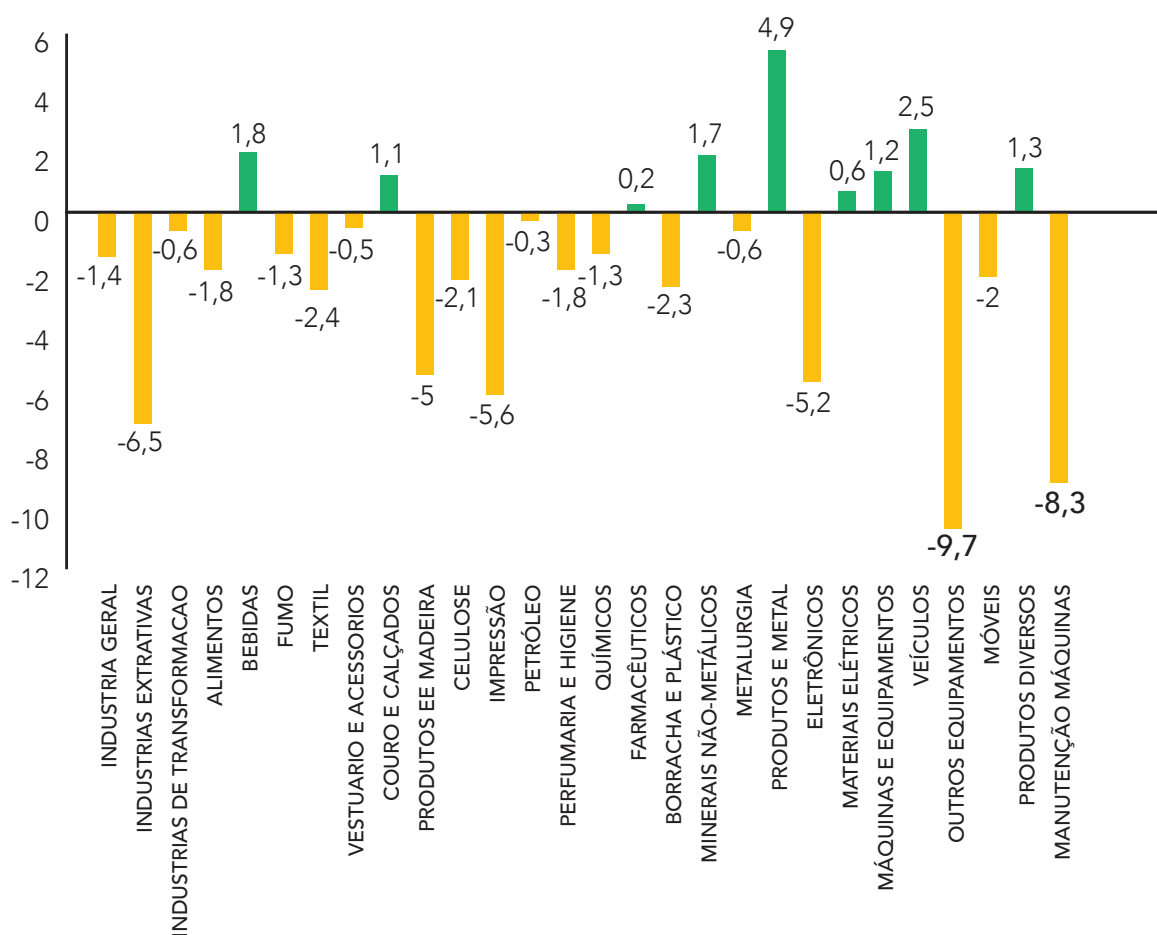


Fonte: SCNT/IBGE (Até 2019.III); Assessoria Econômica do Sistema Farsul (2019.IV e 2020.IV)

Em quatro trimestres o PIB Industrial continua negativo no terceiro trimestre do ano e, embora esperemos um crescimento mais forte no final do ano, ainda assim será insuficiente para apresentar um resultado acima de 1%.

O resultado ruim da indústria em 2019, ano com predomínio de taxas de câmbio bastante elevadas, oportuniza uma reflexão para aqueles que acreditam que os caminhos para o desenvolvimento industrial passam por câmbio alto e política industrial. Se assim o fosse, esse ano a indústria deveria estar batendo recordes positivos e não amargando resultados negativos. Há décadas o setor erra no diagnóstico e perde um tempo importante discutindo pautas que não funcionam, afastando-se do verdadeiro debate.

Gráfico 62 - Produção Física Industrial por seções e atividades industriais, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)



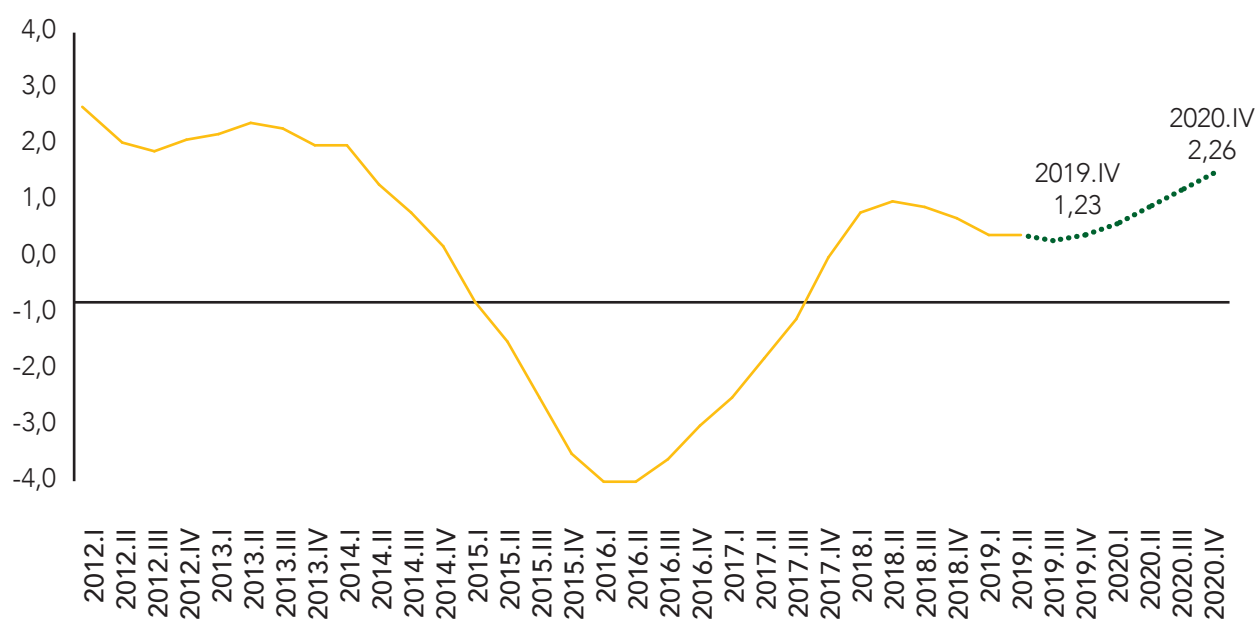
Fonte: PIM-PF/IBGE – Nov/19

Por conta deste cenário é que nossa expectativa para o crescimento do PIB industrial é de apenas 0,54% para 2019 e 2,63% para 2020.

2.1.2.3 Setor dos Serviços

Com destaque para venda de veículos o maior setor da Economia Brasileira vem crescendo acima dos demais setores no ano de 2019 e, não fosse seu desempenho, teríamos mais um ano no vermelho.

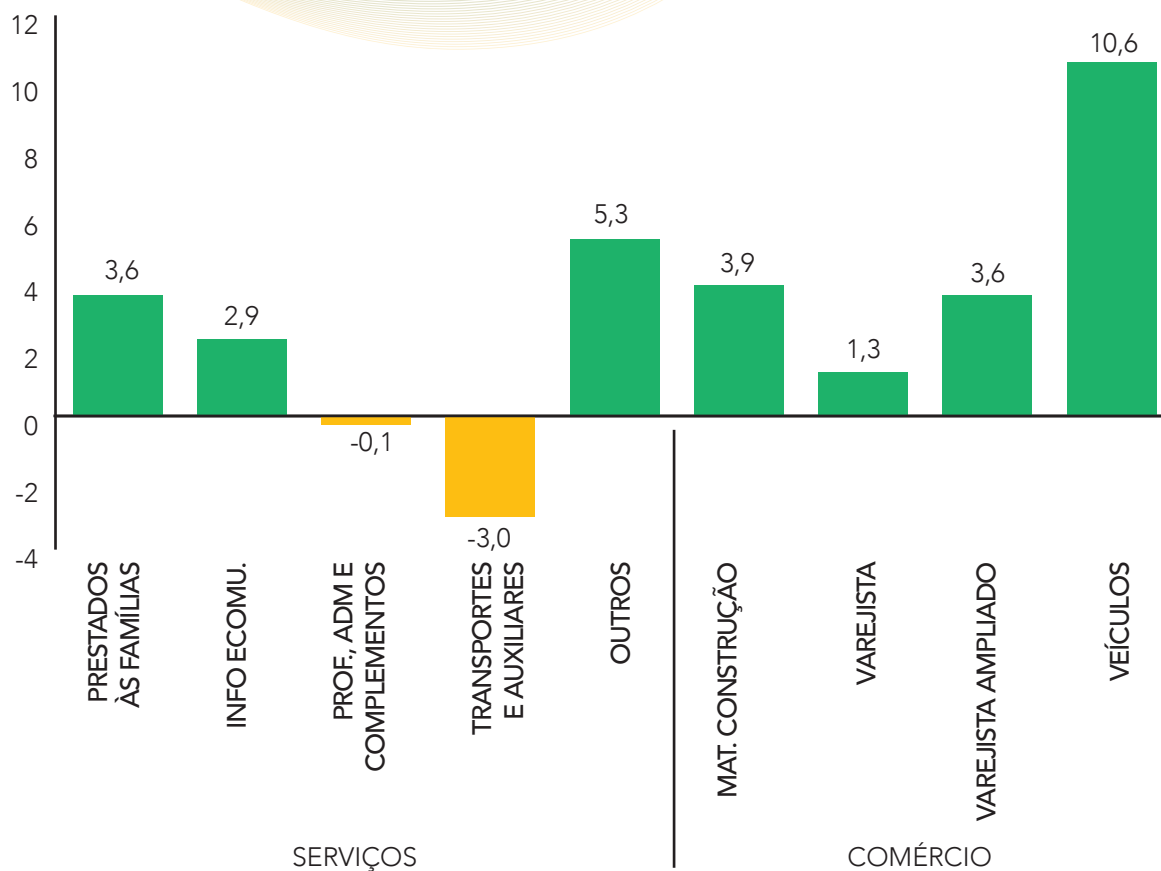
Gráfico 63 - PIB dos Serviços do Brasil, taxa acumulado em 4 trimestres (%)



Fonte: SCNT/IBGE (Até 2019.III); Assessoria Econômica do Sistema Farsul (2019.IV e 2020.IV)

Este setor costuma ser o mais resiliente da economia seja pelo seu tamanho ou pela quantidade de empresas nele contidas e, com essa característica, traz uma estabilidade importante para a recuperação e crescimento econômico.

Gráfico 64 - Volume de Serviços e de Vendas do Comércio do Brasil, taxa acumulada no ano (%)



Fonte: PMC e PMS/IBGE - Nov/19

Por conta deste cenário, nossa projeção para o PIB dos Serviços em 2019 é de 1,23% e 2,26% para 2020

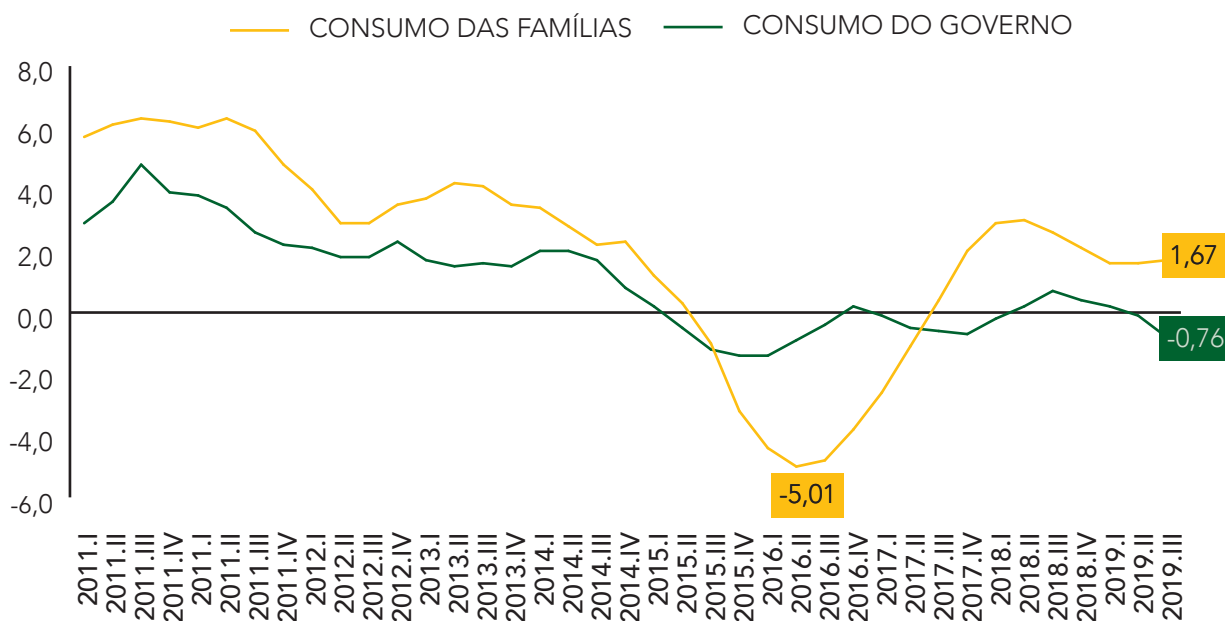
2.1.3 ECONOMIA BRASILEIRA PELA ÓTICA DO DISPÊNDIO

A ótica do dispêndio (ou despesa) mede o produto por meio do gasto ou demanda (compras finais), ao invés da produção.

2.1.3.1 Desempenho do Consumo das Famílias e do Governo

Com cerca de dois terços do PIB o consumo das famílias é o principal componente do PIB pela ótica do dispêndio e quando somado ao consumo do governo temos o total do consumo na economia. Preliminarmente é importante ressaltar a estabilidade do consumo do governo. Mesmo com esforços no sentido de reduzi-los, visando o ajuste fiscal, a variação ainda é pequena, quando não negativa, em função da do engessamento do gasto público, sobretudo pela estabilidade dos servidores públicos. Por essa razão, quando a economia precisa ajustar o consumo, a queda no consumo das famílias é muito maior, fazendo um sacrifício maior do que seria necessário caso houvesse mobilidade decisória por partes dos agentes públicos. Também por isso a importância da Reforma Administrativa proposta pelo Governo Federal e que há anos é reivindicada por esta entidade.

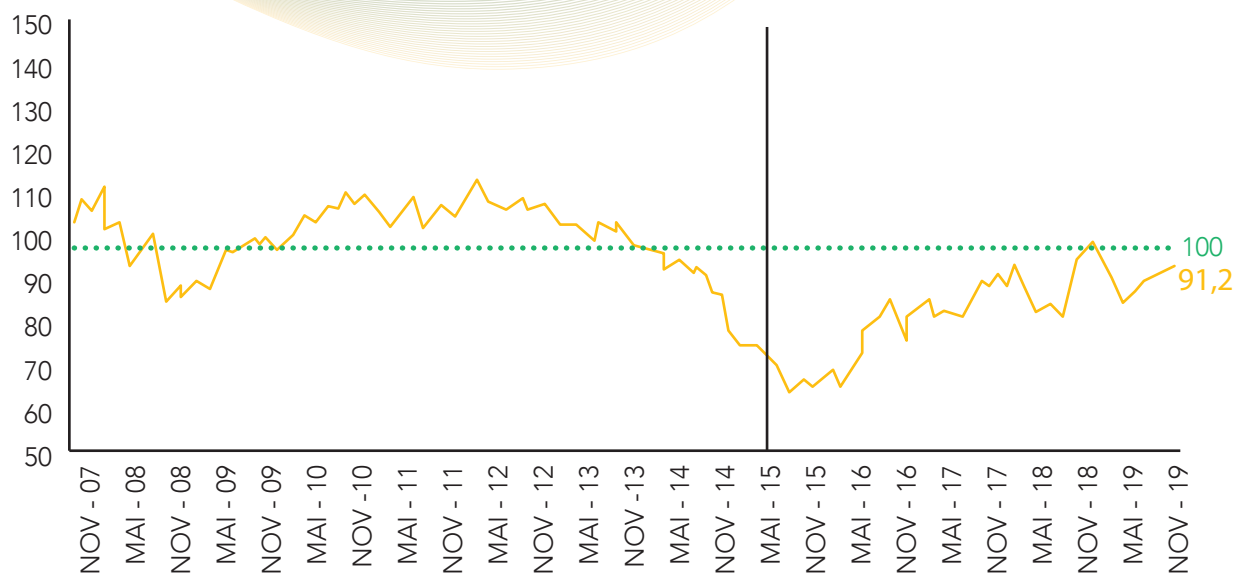
Gráfico 65 - Consumo das Famílias e do Governo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)



Fonte: SCNT/IBGE

Dado que o consumo do governo é menos flexível do que o consumo das famílias, então voltamos as atenções para este último para melhor analisar seu desempenho sob a luz da confiança do consumidor.

Gráfico 66 - Índice de Confiança do Consumidor no Brasil (ICC)



Fonte: FGV/IBRE-Nov/2019

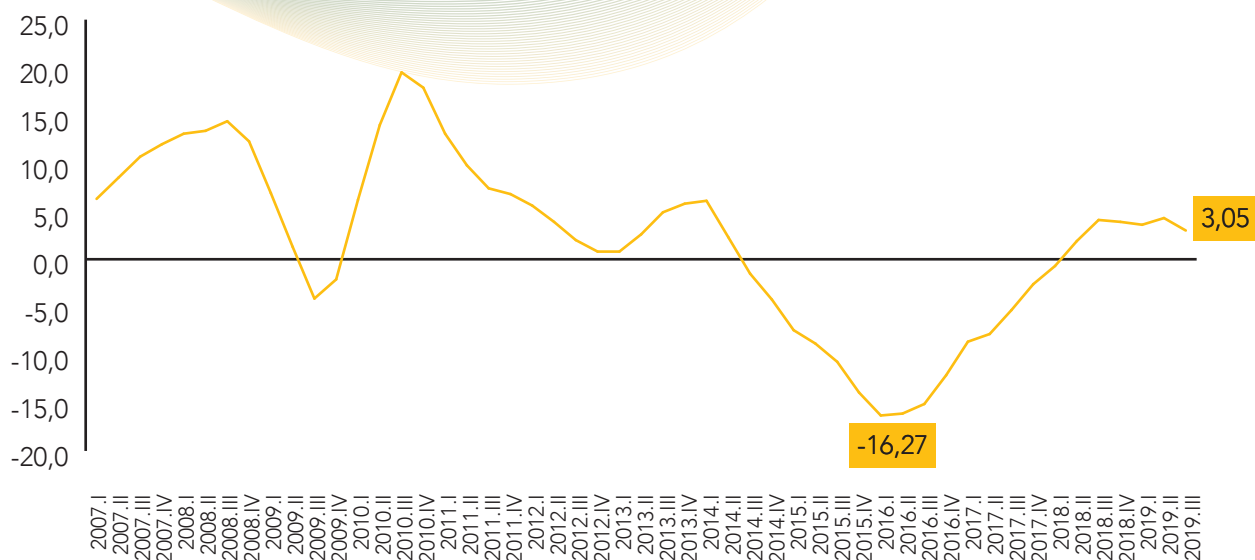
A confiança do consumidor é uma peça-chave para o desempenho do consumo das famílias por apresentar uma relação no mesmo sentido, ou seja, quando a confiança cresce o consumo acompanha e vice-versa. A confiança do consumidor esteve abalada com a intensificação da crise econômica e vem melhorando, chegando a estar no nível neutro em fevereiro deste ano, mas cedeu após o governo atrasar o calendário de reformas por conta do ambiente político. Em outubro o índice encontrava-se em 91,6 e subindo, mas ainda distante da neutralidade que ocorre em 100 ou confiança quando o indicador passa desse nível.

Nossa expectativa é que com a retomada do crescimento econômico em 2020 e com um período maior de criação de postos de trabalho – o que vai reduzindo o estoque de desempregados – os níveis de confiança voltem a aumentar e traga o consumo das famílias para patamares superiores a 2%. Em boa medida nossa estimativa de crescimento para 2020 baseia-se na melhora desse indicador.

2.1.3.2 Desempenho dos Investimentos (via Formação Bruta de Capital Fixo)

Depois dos consumos – das famílias e do governo – os investimentos são importantes vetores do crescimento econômico no curto e no longo prazo. No curto pelo impacto do movimento de demanda que um investimento faz e no longo pela entrada de novos bens e serviços que eram a razão do investimento propriamente dito.

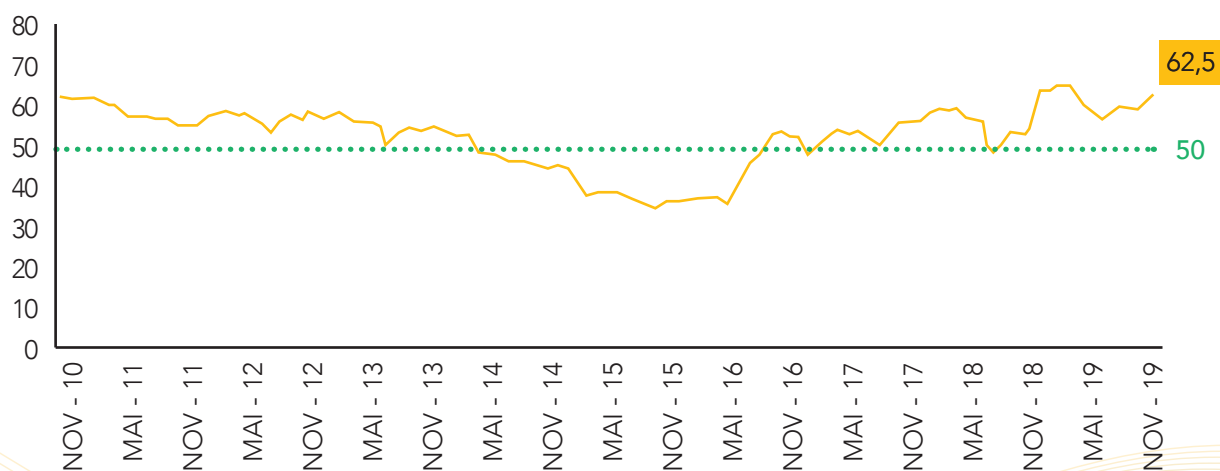
Gráfico 67 - Formação Bruta de Capital Fixo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)



Fonte: SNCT/IBGE

Os investimentos estiveram com queda acumulada em 4 trimestres de 16,27% no segundo trimestre de 2016, maior queda acumulada desde que há medições. Uma queda acumulada tão acentuada justifica em parte um crescimento acumulado de 3,05% no terceiro trimestre de 2019, pois em boa medida estamos comparando com bases bastante fracas. No entanto, é inegável que a melhora no ambiente econômico também explica que este indicador esteja em níveis acumulados de crescimento bastante positivos. Conclui-se nesse sentido e virtude da confiança dos empresários da indústria revelados no gráfico a seguir que, como proxy, representam a média do sentimento do empresário brasileiro.

Gráfico 68 - Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI)



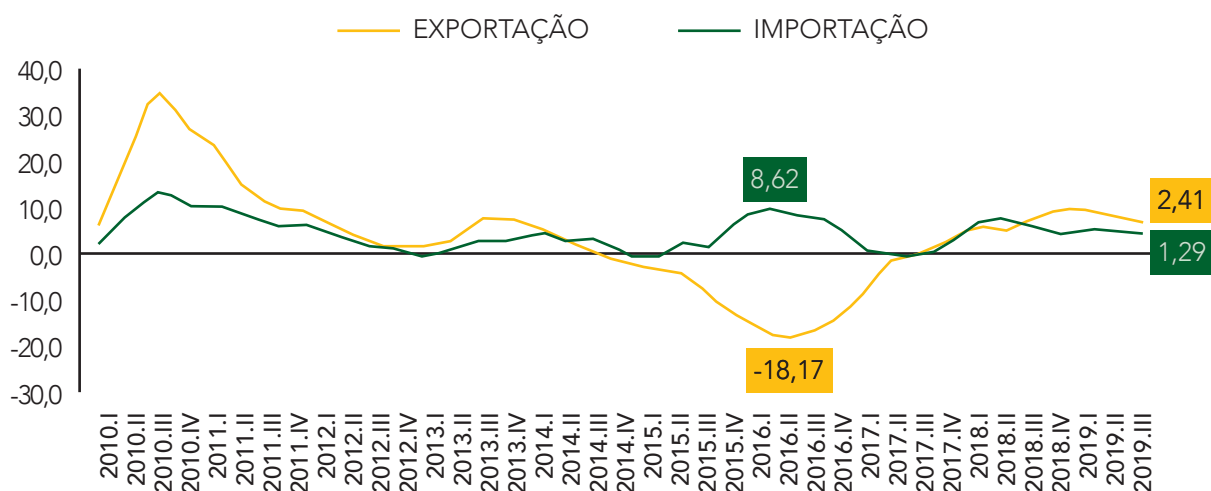
Fonte: CNI - Out/19

Mesmo com uma queda recorde acumulada no ápice da crise econômica, o indicador teve uma melhora constante após o impeachment da ex-presidente Dilma. Desde aquele momento o indicador se mantém em trajetória de alta e está no terreno da confiança – diferentemente do consumidor – o que acelera as taxas de crescimento do investimento no país. Para 2020 esperamos que as taxas de crescimento dos investimentos sejam um pouco maiores, entre 5,5% e 6,5% no acumulado do final do ano.

2.1.3.3 Desempenho do Comércio Exterior (via Exportações e Importações)

O comércio internacional brasileiro olhando o gráfico a seguir parece andar com desempenho semelhante entre crescimento das exportações e das importações, mas não é correto. As exportações vêm crescendo sobre crescimentos anteriormente acumulados enquanto as importações crescem em um sentido de recuperação.

Gráfico 69 - Exportações e Importações Brasileiras, taxa acumulada em 4 trimestres (%)



Fonte: SCNT/IBGE

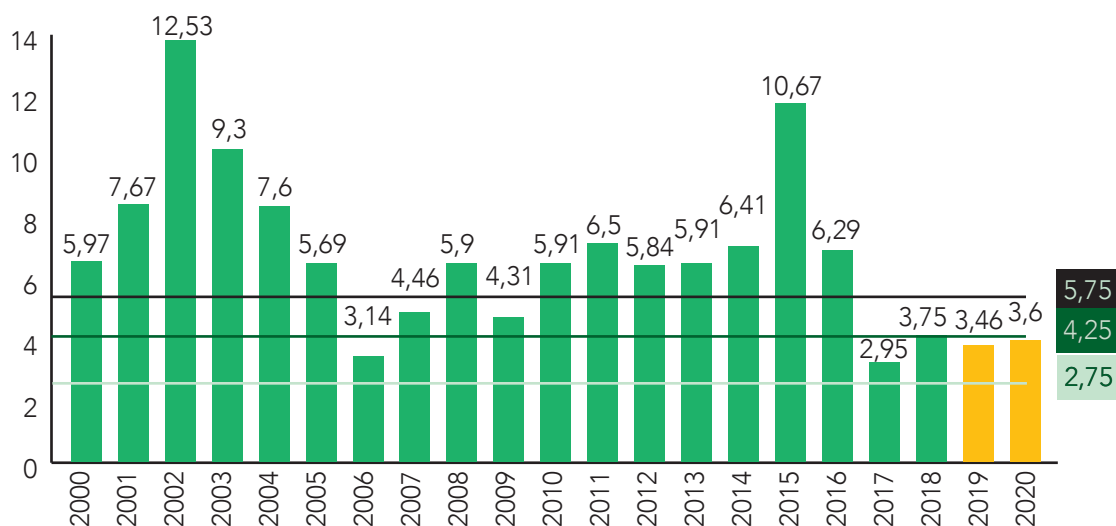
Com baixo crescimento econômico e com taxa de câmbio mais elevada é natural esperarmos um bom desempenho das exportações e uma fraqueza das importações. No entanto, com a retomada do crescimento econômico – mesmo que lenta e gradual – é normal que haja uma inversão onde as taxas de crescimento das importações sejam ligeiramente maiores que as das exportações.

2.1.4 EXPECTATIVA PARA A INFLAÇÃO, JUROS E CÂMBIO

2.1.4.1 Inflação

As corretas aplicações de política monetária que estamos acompanhando desde a mudança na direção do Bacen para Ilan Goldfajn e neste ano para Roberto Campos Neto tem refletido em um melhor panorama para os preços no Brasil. Como se vê desde 2017 temos taxas de inflação abaixo do centro da nova meta estipulada pelo Bacen, o que junto com a própria atividade econômica enfraquecida abre espaço para reduções significativas nas taxas de juros, o que o Copom vem fazendo desde o início de 2017.

Gráfico 70 - IPCA e Expectativa para 2020, taxa acumulada no ano (%)



Fonte: IBGE; Projeção Focus BCB

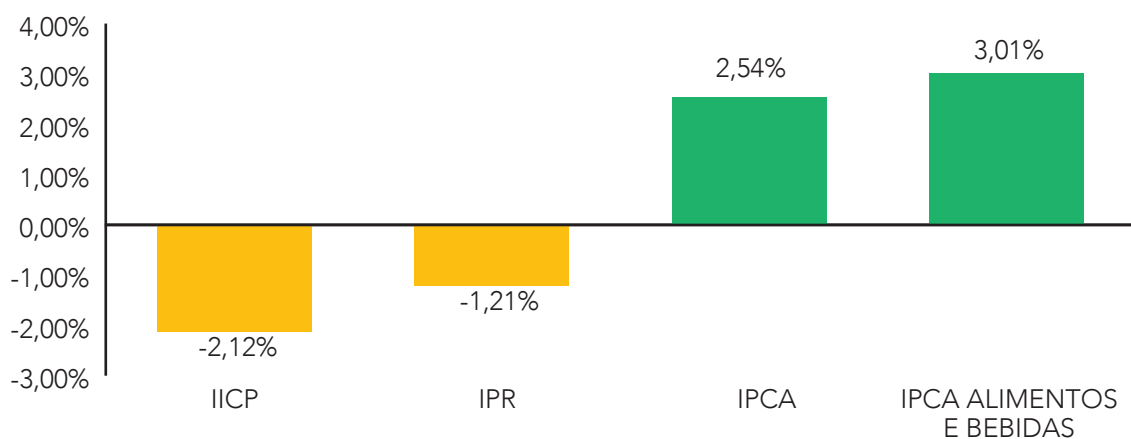
Espera-se que a inflação medida pelo IPCA feche o ano de 2019 em 3,46% e no próximo seja um pouco mais alta, na casa de 3,60%, mas ainda abaixo do centro da meta, abrindo espaço para novas reduções da Taxa Selic até o primeiro trimestre de 2020 pelo menos.

Os índices de inflação medidos pelo Sistema Farsul: Índice de Inflação dos Preços Recebidos pelos produtores (IIPR) e o Índice de Inflação dos Custos de Produção (IICP) tiveram trajetórias opostas neste ano, embora com baixa variação se comparado aos anos anteriores.

O IICP no mês de outubro acumula deflação em 12 meses de 2,12%, o que configura um resultado positivo quanto comparado com os aumentos últimos anos. Vale lembrar que essa queda se dá sobre um acumulado de altas, o que mantém os custos em alta, tornando ainda mais perigoso o horizonte de médio prazo da competição brasileira no certame internacional. O índice somente apresentou esse desempenho em virtude da queda dos preços dos fertilizantes no mercado internacional.

Já o IIPR acumula no mês de outubro queda em 12 meses de 1,21% apesar da alta taxa de câmbio e no sentido oposto à elevação de 3,01% do IPCA Alimentos. Essa queda diante do câmbio elevado e também da alta do IPCA Alimentos suscita duas discussões importantes, sendo uma nova e outra bem recorrente: a nova é que o câmbio alto não é necessariamente sinônimo de aumento de preços aos produtores e, muito menos, de rentabilidade. Muitos agentes correlacionam variações nas taxas de câmbio à melhoria do clima comercial no Agronegócio, mas isso não é totalmente verdadeiro e esse ano deixa essa posição bem clara. A discussão recorrente, a qual mostramos mês a mês nos relatórios mensais e anualmente em nossos relatórios de final de ano é que não há nenhuma correlação de curto prazo entre preços aos consumidores e aos produtores. Sendo assim, a inflação dos alimentos não é causada e nem arrefecidas pelos preços recebidos pelos produtores.

Gráfico 71 - Comparação entre o Índice de Inflação dos Custos de Produção (IICP), Índice de Inflação dos Preços Recebidos (IIPR) com IPCA e IPCA Alimentos, taxa acumulada em 12 meses (Outubro %)



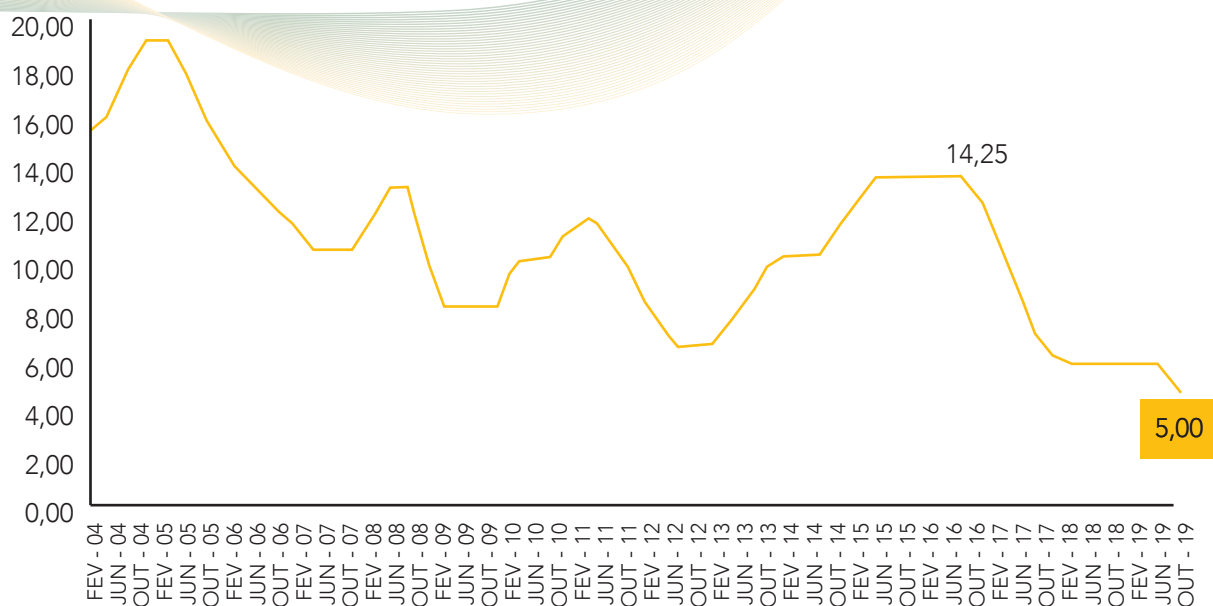
Fonte: IICP e IIPR (Farsul). IPCA e IPCA Alimentos e Bebidas (IBGE)

2.1.4.2 Taxa de Juros

As condições da economia brasileira associadas as reduções de juros que estão correndo nas principais economias mundiais criaram um cenário propício para a redução dos juros no Brasil, ao ponto de chegarmos ao final do **ano com expectativa de termos juros em 4,50% a.a.**⁹. É bem verdade que nem os mais otimistas esperavam essa redução, já que no primeiro trimestre deste ano ainda tinha-se como expectativa 6,5% para o final deste ano.

⁹ Expectativa do Boletim Focus do Banco Central em (11/11/2019)

Gráfico 72 - Meta para Taxa Selic (%)



Fonte: BCB (até out/19)

Os juros em patamares próximos de 4% ao final de 2020 é uma possibilidade, nesse momento, realista, mas trabalhamos com **perspectiva de 4,50% a.a. para o final do próximo ano.**

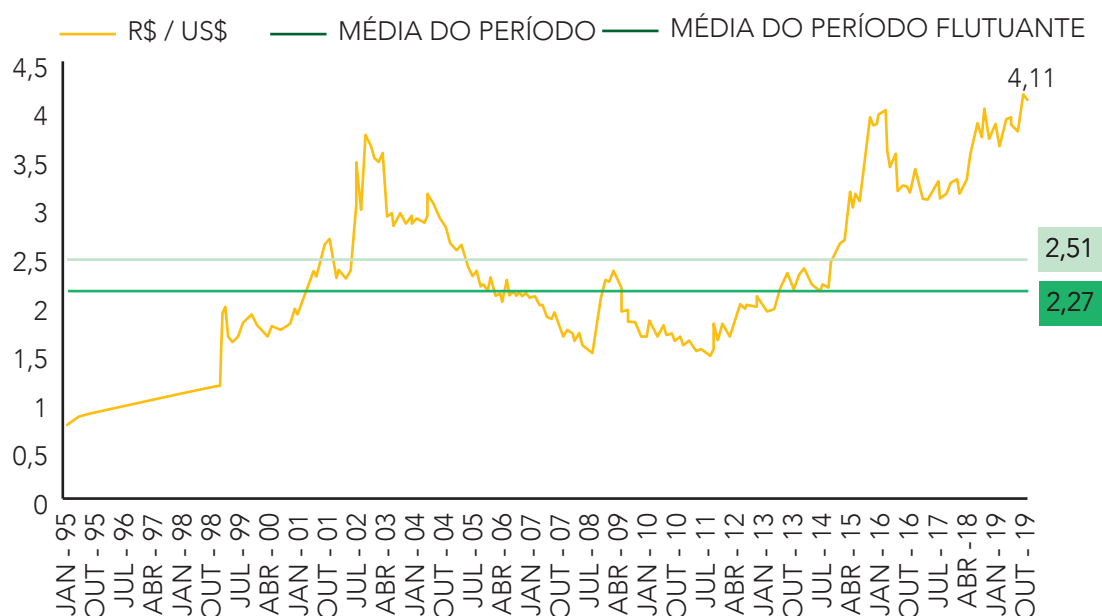
Juros no atual patamar traz para o país, e em especial para o Agronegócio, novas oportunidades. Do ponto de vista dos investimentos, taxas de descontos mais baixas tornam mais curto o *Payback* e criam margem maior para a Taxa Interna de Retorno (TIR), o que faz com que uma porção maior de investimentos sejam viáveis economicamente. Já do ponto de vista da atração de recursos para o setor, juros mais baixos levam os investidores buscarem na economia real (fora da facilidade das NTN-B do Tesouro) oportunidades com prêmios maiores para seus investimentos e encontram um setor com a segunda taxa mais baixa de inadimplência (perde apenas para o crédito consignado) no Brasil e com uma modernizante MP 897 – “MP do Agro” que traz, dentre tantas modificações, a CPR Referenciada em Dólares, Patrimônio de Afetação e a Cédula Imobiliária Rural e também o Fundo de Aval Fraternal, todas medidas que oferecem maior atratividade ao mercado financeiro para o Agronegócio.

2.1.4.3 Taxa de Câmbio

A maioria dos economistas acham que a taxa de câmbio é a variável mais difícil de prever com modelos matemáticos. Nós não achamos. Para nós o câmbio é impossível, então não se enquadra em categorias de dificuldade.

Essa impossibilidade advém da quantidade absurda de fatores que influenciam a taxa de câmbio, uns objetivos e outros não. Mesmo que pegássemos apenas os objetivos, já seria impossível, mas como tratar os subjetivos, como um presidente em algum lugar falar algo que gerará impacto? Nunca sabemos ao certo o que vai acontecer, mas pelo sabemos o porquê que a taxa está no patamar em que está.

Gráfico 73 - Comparativo da média da taxa de câmbio com as médias dos períodos do plano real e de câmbio flutuante



Fonte: Bacen

Mas em que pese as influências conjunturais criem todo esse desafio para a previsão de curto prazo, há questões estruturais bem claras que explicam as razões pelas quais a taxa de câmbio mudou completamente de patamar e, dessa forma, se não podemos acertar em cheio, pelo menos podemos capturar a tendência. Há duas razões básicas: crise econômica no Brasil e queda nos juros mundo a fora.

Mudamos de patamar cambial com a crise econômica que ainda estamos atravessando. País que perde PIB e que está com a atividade econômica nos níveis de 2012 não pode ter sua moeda valorizada. Se olharmos para a média histórica do câmbio tanto desde a criação do Real, quanto apenas a média do período de câmbio “flutuante”, o atual preço está bem acima da média, o que deixa claro que não se trata de questões conjunturais, mas estruturais que afiançam valores bem descolados da média e essas passam pelo desempenho de nossa economia.

Outro fator importante é a queda das taxas de juros mundo a fora. Diante da perspectiva de desaceleração da economia mundial os bancos centrais reduzem os juros visando aumentar a base monetária, ou o dinheiro em circulação. Essa medida é adotada em virtude da queda da demanda, ou seja, à medida que a demanda cai, abre-se espaço para queda dos juros com menor risco de inflação e é isso que os bancos centrais fazem. No entanto, a queda generalizada dos juros favorece os papéis americanos que, mesmo em queda, ainda pagam mais do que a maioria dos papéis dos principais bancos centrais. Esse movimento leva muita liquidez aos papéis americanos que são comprados em Dólares, logo, aumenta-se a demanda de Dólares e isso faz com que o Dólar se aprecie em relação às demais moedas.

Isso não quer dizer, no entanto, que não tenham questões conjunturais também agindo e trazendo grande volatilidade dentro deste patamar mais elevado. Neste final de ano temos basicamente três forças agindo simultaneamente:

- a)** Disputa entre EUA e China com um constante vai e vem de notícias de acertos e desacertos. São as duas maiores economias do mundo que, em conflito, geram expectativa negativa para o crescimento mundial nos próximos anos e, em cenário de baixo crescimento, as pessoas preferem ter Dólares a Reais na mão;
- b)** Ambiente político: o racha do presidente Bolsonaro com seu partido e, por consequência, com parte de sua base aliada cria incertezas sobre a aprovação de reformas esperadas para o crescimento econômico. Soma-se a isso a postura do STF com reinterpretações do reinterpretado, o que gera insegurança jurídica. Os discursos do ex-presidente Lula ao sair da prisão incitando a população a terem posturas violentas agrava ainda mais o quadro político, o que é péssimo para o ambiente econômico, como já tratamos em anos anteriores. Soma-se ao interno os acontecimentos na América Latina, como a eleição de Fernandez na Argentina, os protestos no Chile e a crise na Bolívia.
- c)** Juros mundiais baixos: quanto mais caem os juros no mundo, maior é o efeito sobre o câmbio.

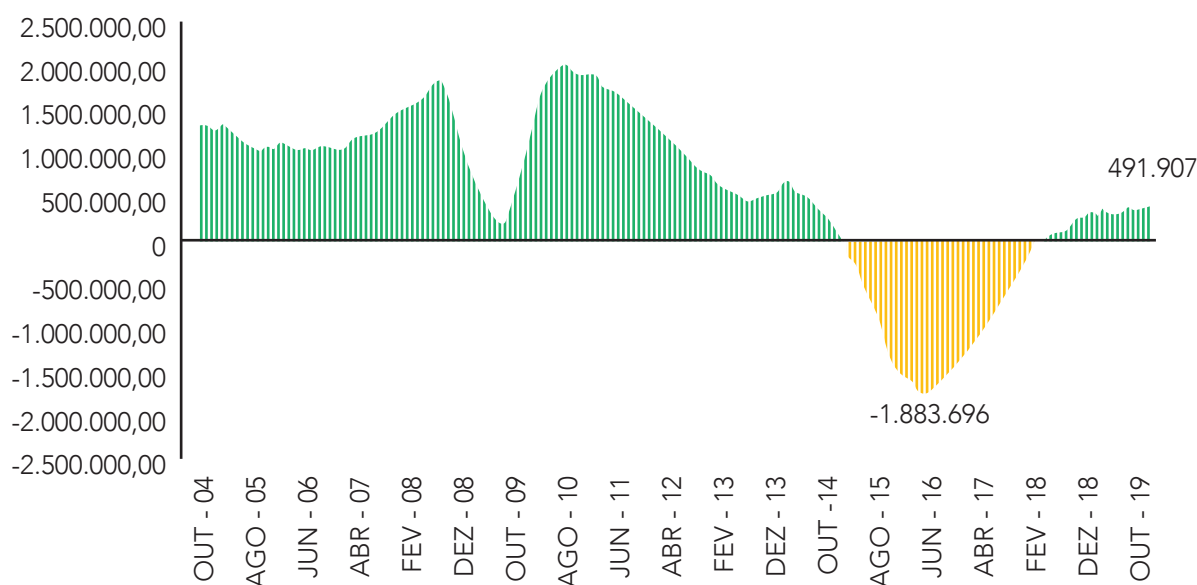
E o que vai acontecer em 2020? Me responda três perguntas e conforme suas respostas nós passaremos uma expectativa: EUA e China se acertam? O quadro político melhora? Conforme suas respostas indicamos uma taxa futura.

Hoje não há como imaginar uma taxa diferente de R\$ 4,15 para o final de 2019 e R\$ 4,00 para o final de 2020.

2.1.4.4 Movimentação de Empregos

Embora ainda lenta, como não poderia ser diferente, a recuperação dos empregos se mostra consistente e coerente com o ritmo da recuperação da economia. Alguns analistas têm questionado se o ritmo não deveria ser mais rápido em função da Reforma Trabalhista e a resposta é não. A reforma trouxe um pouco mais de incentivo a contratação, mas as empresas não contratarão mais porque as regras ficaram ligeiramente melhores, elas irão contratar se houver crescimento da sua demanda.

Gráfico 74 - Movimentações do Emprego no Brasil, saldo acumulado em 12 meses

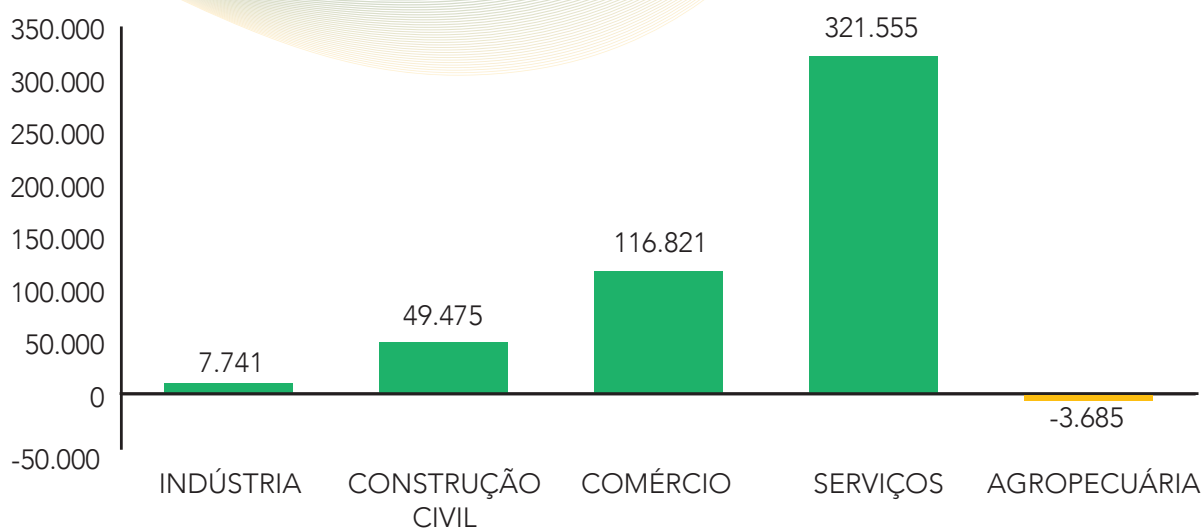


Fonte: MTE/CAGED – Nov/19

Em outubro de 2019 o acumulado da criação de postos de trabalho em 12 meses foi de quase 492 mil vagas, absolutamente insuficiente para devolver ao mercado de trabalho os milhões de postos destruídos no auge da crise, mas compatível e coerente com a melhora da economia.

A imensa maioria desses novos postos foram criados no Setor de Serviços, embora todos, com exceção da Agropecuária – que vinha gerando postos mesmo na crise – tiveram resultado positivo.

Gráfico 75 - Movimentações do Emprego no Brasil por setor, em saldo acumulado nos últimos 12 meses



Fonte: MTE/CAGED – Nov/19

Ressaltamos, no entanto, que esses números refletem uma metodologia que o IBGE e os demais membros do sistema internacional de estatísticas terão que revisar, ainda que com calma e no tempo certo, pois alterar metodologias sempre requer muito cuidado e parcimônia. Acreditamos nessa necessidade em razão da evolução da economia do compartilhamento, onde aplicativos de transportes talvez sejam a parte mais visível dessa transformação pela qual passa a economia mundial. Os aplicativos absorveram um contingente muito grande de pessoas que ficaram desempregadas ou donos de estabelecimentos que sucumbiram à crise econômica. Para muitos, sem a pretensão de sabermos se são a maioria ou não, a opção pela manutenção da atual ocupação é mais rentável e estável do que o emprego formal antes da perda do emprego, o que exigirá um olhar diferente em relação aos dados. Além do mais, a economia do compartilhamento naturalmente sugere relações diferentes de empregador-empregado, assim como na estrutura hierárquica. As pessoas aos poucos vão percebendo que podem ter maior renda, estabilidade e bem-estar constituindo empresa e prestando serviços para diversas empresas, ao invés de ter um único vínculo e empregatício. Além das estatísticas, essas mudanças exigem dos parlamentares, governantes e operadores do Direito uma necessária revisão do conceito e das exigências da formalização do emprego, que tende a desaparecer, enquanto estamos presos a “benefícios” os quais as pessoas voluntariamente estão abrindo mão.

2.2 ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL

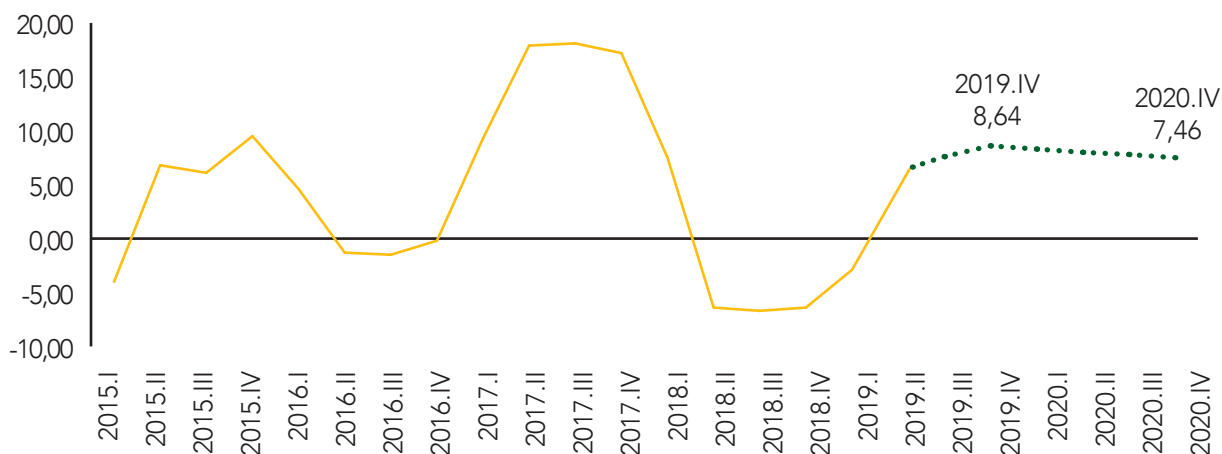
Em virtude das questões da agropecuária estadual terem sido amplamente debatidas nos capítulos anteriores, trataremos diretamente do PIB.

2.2.1 DESEMPENHO DA AGROPECUÁRIA

O PIB da Agropecuária gaúcha recupera-se em 2019, acumulando 8,64% de crescimento até a metade do ano, contribuindo para expansão do PIB total do Estado. Esse crescimento se dá basicamente pela base de comparação do ano passado, quando encerramos com forte queda de 6,4% em virtude da queda na produção em 2018 em relação à 2017 e preços mais baixos.

Neste ano, com exceção do Arroz que sofreu muito com problemas climáticos, as demais produções compensaram seja com aumento de produção, seja pelo aumento do preço. É bem verdade, também, que o resultado poderia ter sido ainda maior caso as enchentes que prejudicaram o Arroz não tivessem prejudicando também a Soja na Metade Sul, que se não comprometeram a ponto de reduzir a produção na comparação com o ano passado, foram o suficiente para travar o crescimento. Guardou o crescimento para 2020.

Gráfico 76 - VAB Agropecuário do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 Trimestres (%)



Fonte: DEE/SEPLAG (Até 2019.II). • Assessoria Econômica do Sistema Farsul (2019.IV e 2020.IV)

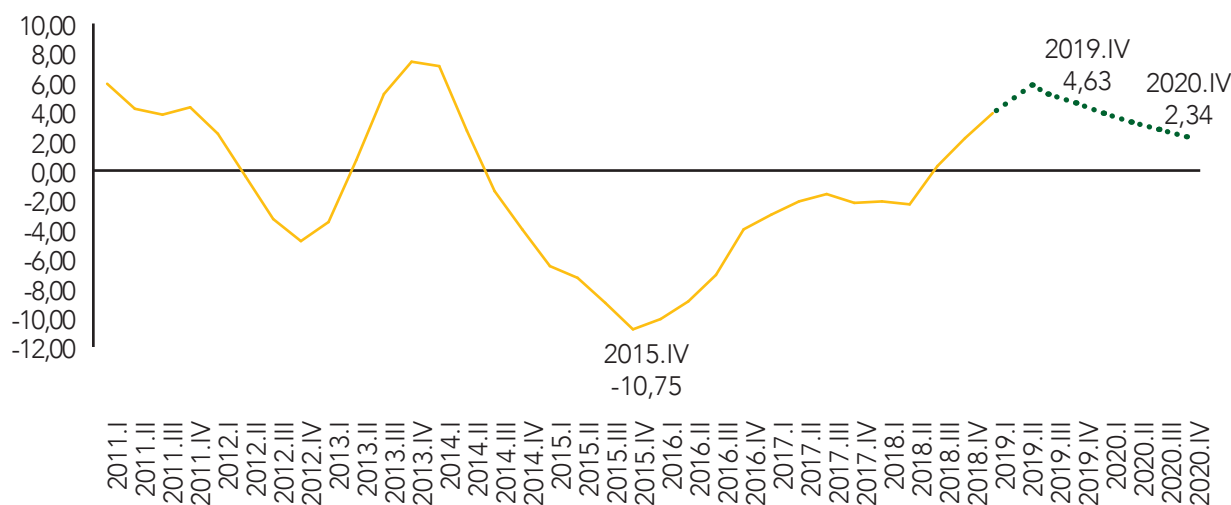
Para 2020 as expectativas são positivas, com novo crescimento. Entretanto, não devemos esperar taxas da magnitude das observadas neste ano por conta da base de comparação, que já será elevada.

Esperamos que o crescimento do PIB Agropecuário do RS em 2020 seja de 7,46%.

2.2.2 DESEMPENHO DO SETOR INDUSTRIAL

Embora o crescimento da indústria gaúcha nesse ano deva ser comemorado, sobretudo pela importância deste resultado para o total do PIB, é incorreto imaginar que as dificuldades dos empresários desse setor estão superadas. Antes de comemorar o crescimento de 5,8% confirmado até o segundo trimestre desse ano, é importante destacar que esse setor amargou um período de 16 trimestres de quedas sucessivas – queda sobre queda por quatro anos – e que precisam ser recuperados para que se volte aos patamares de 2014. Estamos muito longe disso e muito mais longe ainda de ir para o patamar que estaríamos em 2019 caso não houvesse a crise econômica no Brasil.

Gráfico 77 - VAB da Indústria do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

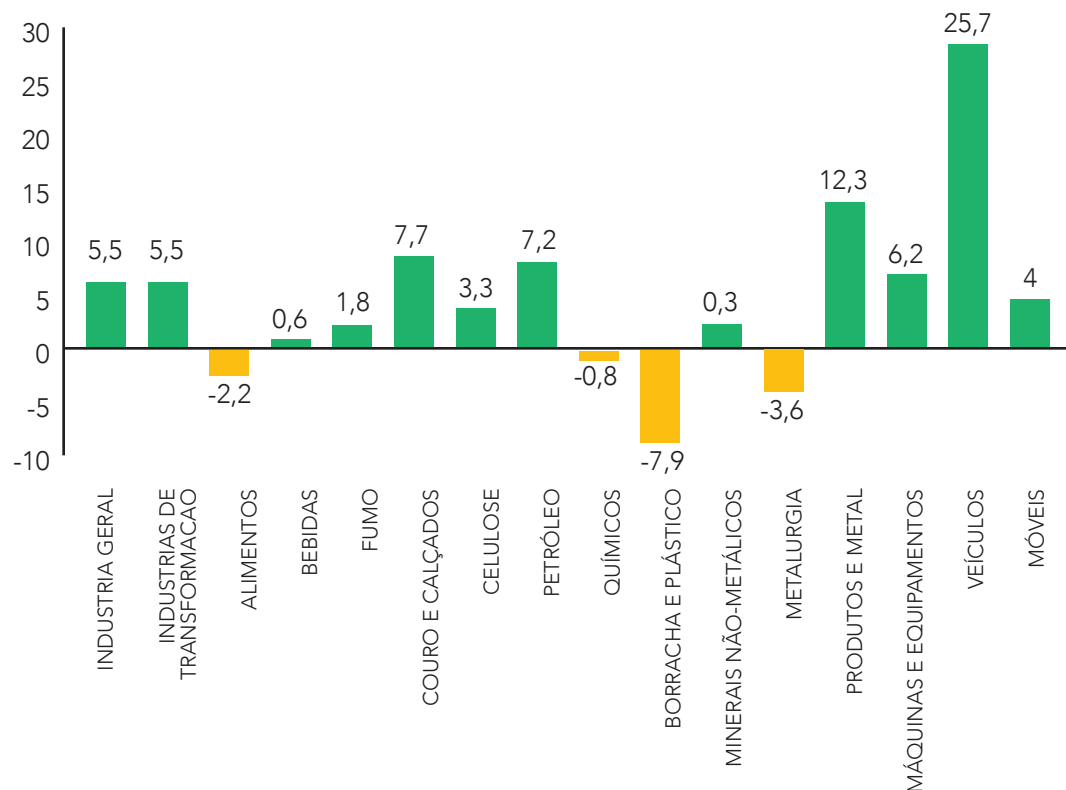


Fonte: DEE/SEPLAG (Até 2019.II). • Assessoria Econômica do Sistema Farsul (2019.IV e 2020.IV)

O setor que mais cresceu foi o de segmento de Veículos, cujo crescimento da Produção Física foi de 25,7% conforme pode ser visto no gráfico a seguir. Esse resultado - bem atípico - de certa forma precisa ser compreendido com o debate que levantamos na seção “2.1.4.4. Movimentação dos Empregos” algumas páginas atrás. Lá trouxemos a questão dos índices de medição de emprego no contexto de transporte por aplicativos e as mudanças no mundo do trabalho, do emprego e da ocupação. Não podemos mais tratar essas questões sob

conceitos completamente superados pelo tempo e pela tecnologia. Aqui, o que importa, é que houve um crescimento fora da curva desse setor puxado pelas compras de empresas de locação de veículos que têm nos motoristas de aplicativos seu principal público.

Gráfico 78 - Produção Física Industrial do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)



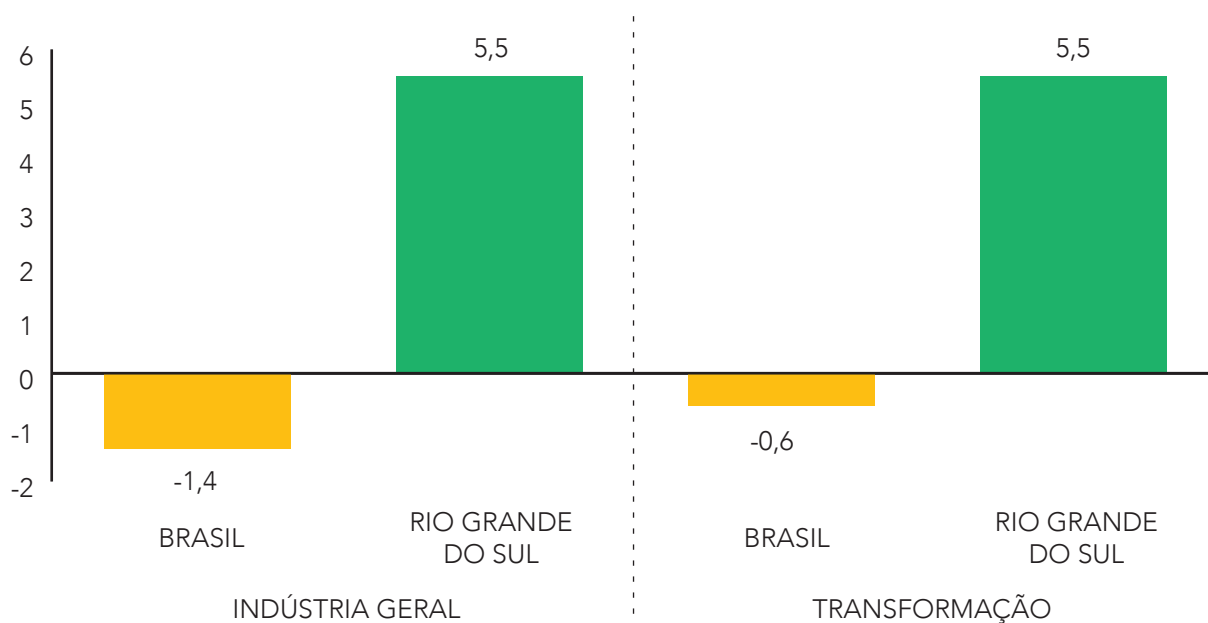
Fonte: IBGE – Nov/19

Outro debate riquíssimo que esse crescimento traz é a importância da liberdade econômica. Sim, a liberdade econômica de um país é a medida da capacidade e da possibilidade dos agentes econômicos buscarem meios para sobreviver às mudanças no mercado. A melhor forma de explicar esse conceito é através de um exemplo: a crise econômica e seu aprofundamento por coincidência se deu no mesmo período em que o uso de aplicativos de transportes era debatido mundialmente, onde tínhamos de um lado os usuários e os novos transportadores e, de outro, taxistas. Foi a nossa liberdade econômica que venceu as batalhas nos parlamentos municipais, estaduais e federal permitindo que as pessoas escolhessem livremente como desejam ser transportadas e, graças a essa liberdade que centenas de milhares de trabalhadores encontraram um meio digno de vida em plena crise e, por consequência, o segmento de veículos teve um crescimento espantoso, que elevou o

PIB da Indústria e que impactou positivamente o PIB RS. Assim como o sangue busca novos caminhos perante uma obstrução, de forma a manter o ser vivo, a economia também busca caminhos para sobrevivência. A possibilidade de acessar novos caminhos é uma medida de liberdade econômica.

Se nossa liberdade fosse ainda menor, os taxistas e burocratas teriam vencido, as vendas de veículos teriam sido menores, o PIB da Indústria menor, o PIB do RS também seria menor, a arrecadação de impostos teria sido menor e centena de milhares de pessoas pelo país estariam pressionando para baixo os níveis salariais pelo desemprego ainda maior. Viva a liberdade econômica, que neste ano ganhou uma Medida Provisória que garantirá vitórias como essa relatada sob o PIB da Indústria e muitas outras que virão.

Gráfico 79 - Comparação da Produção Física Industrial Total e Transformação entre o RS e o Brasil, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)



Fonte: IBGE – Nov/19

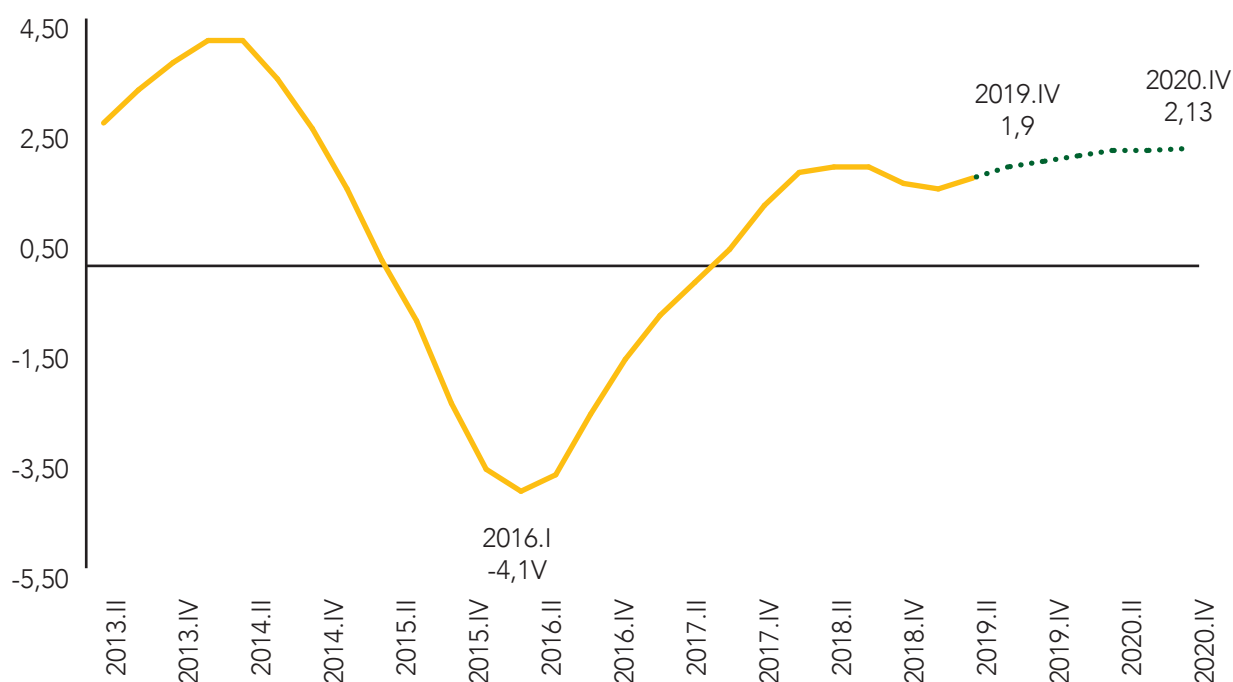
2.2.3. DESEMPENHO DO SETOR DE SERVIÇOS

O Setor de Serviços apresenta crescimento no acumulado dos quatro últimos trimestres, chegando a 1,6%. Tendo em conta a representatividade desse setor no PIB total, esse

resultado possibilita uma base para que o PIB RS possa crescer pelo menos acima de 1%, superando o resultado nacional, caso chegue ao final do ano com esse resultado.

Mas assim como a Indústria essa melhora precisa ser vista dentro de um contexto. Esse setor teve quedas acumuladas em quatro trimestres com resiliência de nove trimestres, ou seja, esse crescimento é muito baixo em diante da necessidade de crescimento para apenas voltar aos níveis de desempenho pré-crise.

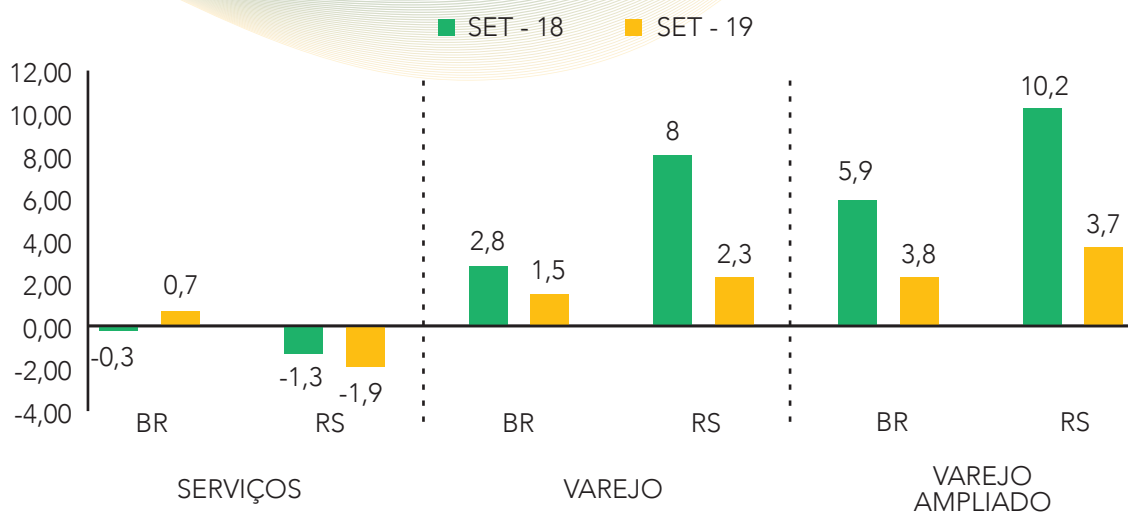
Gráfico 80 - VAB do Setor de Serviços do Rio Grande do Sul, taxa acumulada em 4 trimestres (%)



Fonte: DEE/SEPLAG (Até 2019.II). • Assessoria Econômica do Sistema Farsul (2019.IV e 2020.IV)

Outro dado importante é a comparação entre o desempenho do RS e do total do Brasil comparados nos Serviços, Varejo e Varejo Ampliado, apesar das críticas possíveis à Pesquisa Mensal do Comércio (PMC/IBGE). De maneira geral os dados do RS estão abaixo do desempenho total do Brasil. O desempenho dos Serviços às famílias e as empresas na PMC mostra uma queda acumulada em Outubro ainda maior do que no mesmo período do ano passado, ou seja, esse segmento ainda não saiu da crise e parece estar muito longe disso. Tanto no Varejo quanto Varejo Ampliado, o resultado do RS neste ano é bem abaixo do ano passado e, no caso do Varejo (maior fatia), abaixo do Brasil e no Ampliado acima. No relatório do ano passado alertávamos para o fato de que o Setor de Serviços poderia ter antecipado uma retomada no crescimento antes da média brasileira, o que parece ser possível diante da magnitude do crescimento no ano anterior sem o mesmo nível observado o país como um todo.

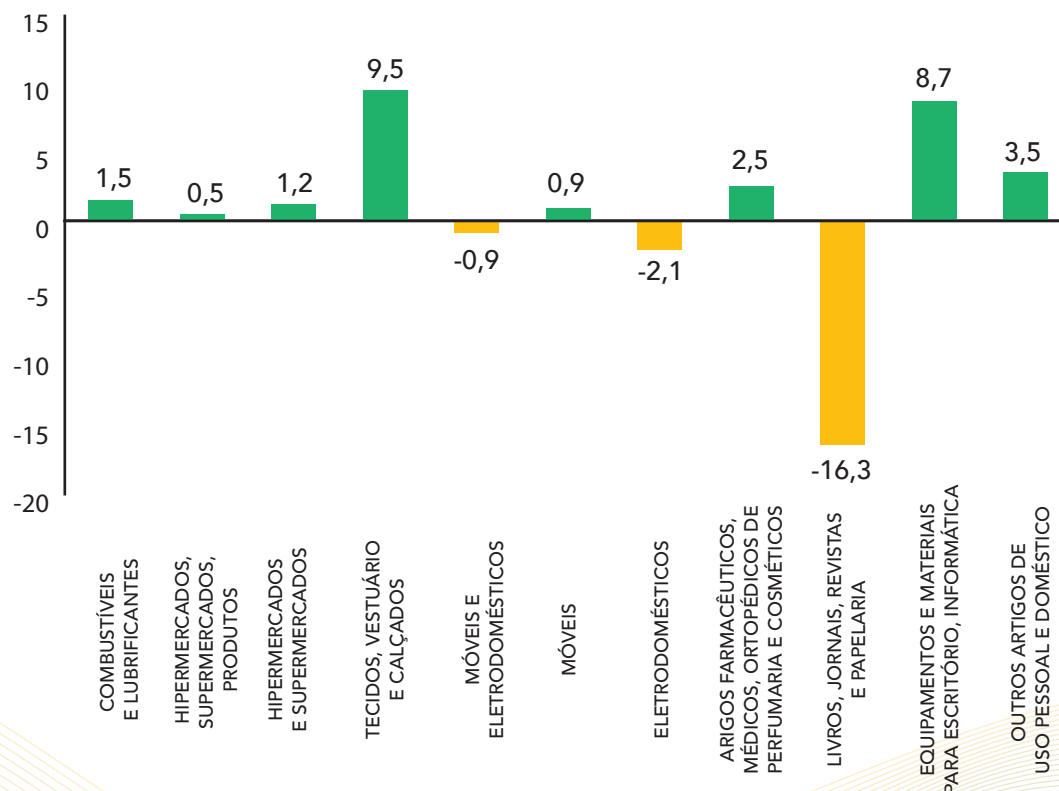
Gráfico 81 - Comparação entre Brasil e RS do desempenho dos setores do comércio e serviços, em taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)



Fonte: PMC/IBGE e PMS/IBGE – Nov/19

Baixando um pouco a escala da análise e abrindo o varejo pelo Índice de Vendas no Comércio Varejista no Estado temos os segmentos de vestuário, combustíveis e equipamentos com crescimentos importantes, puxando para cima o indicador e, na outra ponta, livros, jornais e revistas e eletrodomésticos com resultados negativos, sendo que o primeiro com queda de dois dígitos.

Gráfico 82 - Índice de volume de vendas no comércio varejista do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)

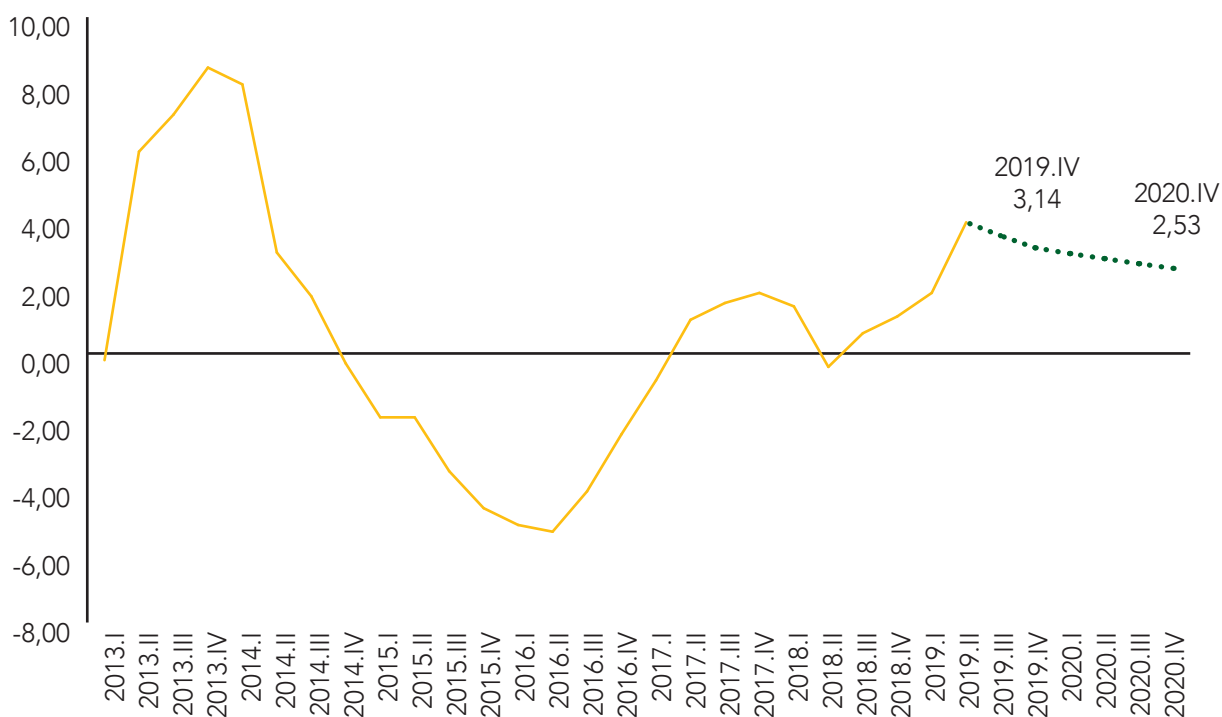


Fonte: PMC/IBGE; acumulado até set/19

2.2.4. PIB DO RIO GRANDE DO SUL

Se o desempenho dos setores industrial e de serviços neste ano é de recuperação parcial, perante as fortes quedas de um período ainda não retomado, o PIB do RS que entre os anos de 2014 e 2016 somou queda de 7,3% não poderia ser diferente.

Gráfico 83 - Evolução do PIB do acumulado em 4 trimestres do Rio Grande do Sul



Fonte: DEE/SEPLAG (Até 2019.II). • Assessoria Econômica do Sistema Farsul (2019.IV e 2020.IV)

Tabela 27 - Resumo das projeções da assessoria econômica do Sistema Farsul

	BRASIL		RS	
	2019	2020	2019	2020
AGROPECUÁRIA	1,69	2,96	8,64	7,46
INDÚSTRIA	0,54	2,63	4,63	2,34
SERVIÇOS	1,23	2,26	1,94	2,13
PIB	1,16	2,51	3,14	2,53

Fonte: Assessoria Econômica do Sistema Farsul

3. EXPEDIENTE



Gedeão Silveira Pereira
PRESIDENTE

ASSESSORIA ECONÔMICA
Antônio da Luz

**DIRETORIA DE ESTUDOS AVANÇADOS
E INOVAÇÃO DO SENAR-RS**

Danielle Montiel Guimarães
Renan Hein dos Santos
Ruy Augusto da Silveira Neto
Conrado Avancini Pereira Zanferari
Nicolas Ledur Fenner



Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul

Praça Prof. Saint Pastous, 125 - Caixa Postal 1.114

CEP.: 90.050-390 - Porto Alegre / RS

Fone: 3214.4400 - farsul@farsul.org.br

farsul.org.br